Ana Carolina Rocha Pessôa Temer
Adriana Omena dos Santos

A PANDEMIA E A CIÊNCIA NO TELEJORNALISMO

o dito e o esquecido no material informativo de duas grandes emissoras

2ª Edição

Cegraf UFG

Universidade Federal de Goiás

Reitora
Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor
Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG
Maria Lucia Kons

Conselho Editorial PPGCOM FIC/UFG

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Ana Rita Vidica Fernandes (UFG)

Andréa Pereira dos Santos (UFG)

Antonio Fausto Neto (UNISINOS)

Claudomilson Fernandes Braga (UFS)

Daniel Christino (UFG)

Jairo Ferreira (UNISINOS)

Janaína Vieira de Paula Jordão (UFG)

José Luiz Warren Jardim Gomes Braga (UFG)

Luciano Alves Pereira (UFG)

Luiz Signates (UFG)

Magno Luiz Medeiros (UFG)

Márcia Perencin Tondato (ESPM)

Rogério Pereira Borges (PUC-GO)

Ricardo Pavan (UFG)

Rosana Maria Ribeiro Borges (UFG)

Simone Antoniaci Tuzzo (UMAIA)

Suely Henrique de Aquino Gomes (UFG)

Tiago Mainieri de Oliveira (UFG)

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer
Adriana Omena dos Santos

A PANDEMIA E A CIÊNCIA NO TELEJORNALISMO

o dito e o esquecido no mateial informativo de duas grandes emissoras

2ª edição

Cegraf UFG

2025

© 2025 Ana Carolina Rocha Pessoa Temer; Adriana Omena dos Santos
© 2025 Cegraf UFG

Capa, projeto gráfico e diagramação
Bruno Oubam

Pesquisa desenvolvida com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Chamada CNPq 25/2921–Pesquisador Visitante – PV 2021.
Uberlândia, Brasil, 2023

Primeira edição impressa pelo Cegraf UFG, com o ISBN 978-85-495-0880-5, impressa, em 2024

DOI: https://doi.org/10.63756/CegrafUFG.PAN.ebook.978-85-495-1083-9/2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temer, Ana Carolina Rocha Pessoa
A pandemia e a ciência no telejornalismo [livro eletrônico] : o dito e o esquecido no material informativo de duas grandes emissoras / Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Adriana Omena dos Santos. -- 2. ed. -- Goiânia, GO : Cegraf UFG, 2025.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-85-495-1083-9

1. Comunicação 2. Comunicação - Aspectos políticos 3. COVID-19 - Pandemia 4. Pandemia - Aspectos sociais 5. Telejornalismo
I. Santos, Adriana Omena dos. II. Título.

25-257987 CDD-070.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Telejornalismo 070.195

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

O QUE FOI PESQUISADO: UMA BREVE INTRODUÇÃO 10

Um Olhar Sobre a Comunicação 23

Comunicação, Cidadania e Responsabilidade Social 25

Conversando Sobre o Jornalismo 27

A Responsabilidade Social do Jornalismo 29

Jornalismo e Informação: do Acontecimento ao Fato Jornalístico 32

Uma Visão Tripartite do Telejornalismo 33

As contradições do telejornalismo 34

O telejornalismo é uma linguagem 37

O telejornalismo é um espaço de disputa de poder 43

O Telejornalismo Brasileiro em Tempos de Pandemia 48

Pandemia, Comunicação e Ciência 55

O Contexto em que se Desenvolveu o Estudo 62

RESULTADOS BUSCADOS E CAMINHOS PERCORRIDOS **66**

Repensando os Gêneros Jornalísticos 74

Gêneros, Enquadramentos e Tematizações: Critérios para a Análise 77

Aspectos Práticos da Pesquisa 86

Análise Comparativa da Totalidade das Matérias Jornalísticas no Jornal Nacional e no Jornal Da Record 90

Análise Comparativa dos Gêneros Jornalísticos 93

Reportagem 94

Entrevista 98

Nota Seca e Nota Coberta 100

Boletim 101

Stand-up 103

Outros 105

Enquadramentos 106

Modais X Tematizações 110

Um Primeiro Olhar Sobre os Dados 118

Telejornalismo e a Crise Sanitária 121

A Pandemia do Corona Vírus: Aspectos da Cobertura 124

Uma Análise Comparativa e Crítica dos Resultados 127

Uma Breve Conclusão 134

REFERÊNCIAS **136**

SOBRE AS AUTORAS **144**

APRESENTAÇÃO

A pandemia foi um momento diferenciado na vida de todos que passaram por ela. Particularmente aqui no Brasil, ela trouxe lições e desafios que expuseram os limites e as fragilidades do país, em particular na sua relação com a Ciência. Muito do que foi vivido neste período pode também ser compreendido como aprendizado, mas mesmo as lições duramente aprendidas tendem a ser esquecidas se não forem revisitadas de tempos em tempos.

Nesse sentido, para além das finalidades científicas e acadêmicas que nortearam a pesquisa apresentada neste trabalho, a intenção foi entender a partir de um olhar crítico do telejornalismo brasileiro, como ele contribuiu para a que o pais repensasse a relação entre sociedade e ciência, e em particular, entre sociedade e a medicina, e as relações nem sempre evidentes que permeiam esses aspectos da vida humana.

Sendo assim, esse é um livro sobre telejornalismo e divulgação científica, mas é também um livro sobre as práticas do telejornalismo, e como ele age e reage em função do contexto social e político no qual está inserido. O telejornalismo – e o jornalismo de uma forma geral – é formatado pela sociedade no qual está inserido. Ele existe em função das demandas dos seus receptores, reage às suas angustias e necessidades, responde às suas dúvidas e dialoga com seus desejos.

Da mesma forma, esse é também um livro sobre uma sociedade dividida, polarizada, marcada por diferenças e abismos sociais que ela mesma – e por extensão o telejornalismo – tem dificuldade de encarar. Consequentemente, é também um livro sobre política, embora não na sua forma pura, nas intenções, mas na exposição de suas interpretações e seus resultados.

Aliás, a complexidade destes resultados, que buscamos expor nos dados, transcende a eles, e ao apresentá-los desejamos também que outros pesquisadores busquem ver para além das considerações que trazemos aqui.

De forma ampla, a pesquisa que integra esse livro é uma continuidade as diferentes pesquisas que as autoras já desenvolvem, ou de conhecimentos que apreenderam em outros estudos ou mesmo nas aulas e atividades de orientação – porque professor aprende também quando debate com seus alunos e orientando - no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Trata-se também de um encontro de olhares, uma vez que anfitriã desenvolve pesquisas na área Comunicação Pública da Ciência na perspectiva da linha de pesquisa Tecnologias e Interfaces da Comunicação (PPGCE- UFU) e a proponente desenvolve pesquisas sobre Telejornaismo e Responsabilidade Social, na pespectiva da Linha de Pesquisa Mídia e Cidadania (PPGCOM _ UFG). Como não poderia deixar de ser, esse encontro foi também marcado pela presença de convidados, aí incluido colaboradores, orientandos e ex-orientandos de mestrado e doutorado do PPGCOM da UFG, mas também alunos da graduação do Curso de Jornalismo da UFU.

Neste sentido, e tendo em vista a temática e suas relações

com o mundo do trabalho, mais especificamente nas diferentes maneiras que as instituições utilizam para comunicar sua produção científica, a pesquisa buscou gestar além de resultados práticos, contribuições teóricas metodológicas (novos conceitos e processos de pesquisa).

Espera-se que os resultados encontrados possam ser aplicados na solução e dinamização de atividades práticas, em particular, de divulgação da ciência e tecnologias no telejornalismo. Somado a isso, a intenção do trabalho foi, igualmente, ampliar o debate sobre telejornalimo e divulgação científica, e sobre as relações entre comunicação da ciência. Por fim, espera-se que o diagnóstico dos problemas práticos, relacionados com a Comunicação da Ciência no telejornalismo, contribuam para conscientizar os profissionais de comunicação sobre a necessidade de um maior envolvimento da sociedade com a ciência, amealhando novos conhecimentos necessários para a melhor formação dos profissionais da área e para a continuidade da pesquisa científica envolvendo o Telejornalismo e Responsabilidade Social e a Comunicação Pública.

O QUE FOI PESQUISADO: UMA BREVE INTRODUÇÃO[1]

A pesquisa foi elaborada como ampliação e desdobramento de pesquisas já desenvolvidas ou em desenvolvimento pela pesquisadora-autora, cuja atuação está centrada na relação entre o Telejornalismo e a Responsabilidade Social, elemento que foi ainda mais *tensionado* durante a pandemia de Covid-19, causada pelo Corona vírus[2]; e a consequente necessidade de um maior esforço para a divulgação de conhecimentos/informações científicas que fundamentassem ações para o seu combate.

O projeto envolve uma temática que dialoga, também, com as pesquisas financiadas (Fapemig e CNPq) em desenvolvimento pela anfitriã/co-autora deste livro, com a pesquisadora visitante junto ao PPGCE/UFU, e tem como intenção a análise do compromisso do telejornalismo com a divulgação científica

---

1 Trabalho desenvolvido com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (bolsa pesquisador visitante e bolsa Produtividade em Pesquisa) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig (edital Universal).

2 COVID-19 é o nome que se dá à doença respiratória causada por uma nova espécie de vírus, descoberta no final de 2019, chamado de coronavírus ou SARS-CoV-2. Esse microrganismo pertencente à família Coronavirus, que já é conhecida da comunidade científica desde a década de 1960. Esse grupo é responsável por desencadear desde resfriados comuns até síndromes respiratórias graves, como é o caso da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS).

em um período de crise, estando, portanto, relacionado com a Comunicação Pública (CP) e seu papel para o desenvolvimento de uma cultura de respeito e valorização da ciência como conhecimento necessário para o desenvolvimento social e para a superação de problemas.

Ao apresentar explanação específica acerca do telejornalismo e da divulgação científica, busca-se também destacar a necessidade de levar à população informações sobre o combate e prevenções de doenças, sobre os ações e precauções que diminuíssem seu potencial desestabilizador de pandemias e outras crises nas relações sociais.

Sobre esse aspecto, é necessário destacar que a televisão teve um papel importante no decorrer da história recente no Brasil, atuando como ator social[3] que contribui para a organização da realidade e na formatação/consolidação de novas relações sociais, divulgando hábitos de comportamento e consumo, além de outros aspectos que se incorporam ao modo de vida do brasileiro. Entende-se também que o telejornalismo atuou – e permanece atuando – em parceria com outros conteúdos televisivos, eventualmente, reforçando ou referendando essas mudanças com dados e/ou exemplos.

Era previsível, portanto, que a partir do momento em que a população brasileira foi impactada pela pandemia de Covid-19, o telejornalismo atuasse como divulgador/ampliador dos processos de enfrentamento. Essa ação foi condicionada a aspectos diversos, mas em princípio envolveu a ampliação da divulgação de conhecimentos com base científica para combater a pandemia, mas também a própria percepção sobre ciência e sua importância para a sociedade.

Em princípio, a relação entre Responsabilidade Social e Telejornalismo, tema sobre o qual esta pesquisa se propõe

3 Esse conceito será mais ampliado no desenvolvimento teórico apresentado em outro capítulo.

a estudar, deveria ter balizado a divulgação dos dados sobre a pandemia. No entanto, para além das dúvidas que pairam sobre o respeito do telejornalismo ao cidadão – muitas vezes tratado apenas como audiência –, a questão da divulgação de elementos que envolvem o conhecimento científico envolve múltiplas nuances, entre elas a própria concepção e consequente veiculação de um conceito de ciência, que exigem uma compreensão mais aprofundada sobre as possibilidades de exposição desse tema no telejornalismo.

Paralelamente, considera-se também os limites do jornalismo/telejornalismo, ou seja, a exposição/divulgação de conhecimentos científicos é realizada a partir de critérios característicos do jornalismo e de elementos específicos que variam entre as emissoras que veiculam esse tipo de material, mas uma vez que se repetem a partir de uma certa constancia, formatam um conceito de ciência, definindo subliminarmente sua importância para a vida social. É possível inferir que o impacto destes elementos interfere nos critérios de julgamento dos receptores sobre a importância e necessidade de investimentos em ciência.

Uma vez que a análise diz respeito ao estudo da comunicação pública da ciência e da divulgação do conhecimento científico no telejornalismo, é necessário compreender o próprio telejornalismo como uma soma imperfeita de televisão e jornalismo. Como o próprio nome já diz, o telejornalismo é o jornalismo na e para a televisão. Isto significa que o telejornalismo deve adaptar à linguagem televisiva (ou aos limites impostos pelo veículo) os princípios éticos e valorativos do jornalismo e os compromissos sociais que ele carrega. Jornalismo envolve responsabilidade social e compromisso com a divulgação dos fatos verdadeiros, no entanto, a complexidade desta relação é tensionada por diferentes fatores, aí incluídos os elementos

específicos de sua produção, o que exige estratégias para sua permanência e sustentabilidade, além de diferentes aspectos econômicos e políticos interpretados e consolidados a partir de interesses das empresas que veiculam o telejornalismo e daquelas dão suporte econômico a essa veiculação.

Neste sentido, torna-se importante destacar que o telejornalismo faz parte da história do desenvolvimento social e político do Brasil, e que, de forma nem sempre discreta, interferiu nesta história.

Mais do que em outros países com a tradição de letramento e leitura de jornais, no Brasil, o telejornalismo potencializou o movimento - já detectado em outros países - de atrair "um novo público para as notícias" (Stephens, 1993, p. 632). Especificamente, isso significou levar a grande parte da população brasileira aquilo que configuramos como informações novas e de interesse público, mas também inserir essa população em novos processos de aquisição de conhecimento. Em termos práticos, a transição do jornalismo impresso para os meios eletroeletrônicos despertou desconfianças (Meditsch, 1997), inclusive dos setores ligados à academia, mas a eficiência dessa relação permitiu ao telejornalismo configurar-se ao longo das cinco décadas de existência no Brasil do século XX como principal meio de informação. No entanto, a importância estratégica do telejornalismo brasileiro foi pontuado por críticas e contradições, e, mais recentemente, colocada em cheque pela emergência da força simbólica de outros meios de acesso a informação.[4]

A relação entre televisão e jornalismo também carrega contradições. Produtores e responsáveis por emissoras estavam convencidos de que o jornalismo, a partir da carga de responsabilidade social que deveria carregar, não tinha lugar na televisão. No entanto, o potencial transformador do tele-

4 Particularmente os meios digitais e em especial as chamadas Redes Sociais.

jornalismo – seu valor simbólico como espaço de exposição da vida política e de reafirmação dos interesses públicos ou empresariais (das próprias empresas midiáticas ou de outras a elas relacionadas) – garantiu a permanência histórica do jornalismo na grade de programação das emissoras. Logo se configurou que o telejornalismo não apenas era uma mercadoria passível de lucro, mas que também proporcionava prestígio para as emissoras de televisão, criava vínculos de fidelidade da audiência e, sobretudo, tinha um grande valor político.[5]

Uma vez que o telejornalismo multiplicou pelos números da audiência televisiva os elementos que consolidam a importância do jornalismo, ele também passa a ser visto como um *serviço público*, elemento estratégico para elaboração de políticas públicas, daí sua relação com a Comunicação Pública (CP), voltada para o interesse coletivo da sociedade.

Acerca do conceito, Medeiros e Chirnev (2021) destacam que a Comunicação Pública é aquela que envolve termos de interesse coletivo (incluindo a ciência) e diz respeito ao diálogo, à informação e ao relacionamento cotidiano das instituições com o cidadão. Deve atender a eixos específicos como a transparência, acesso, interação, adequação da interação e mecanismos de recepção da opinião pública dos agentes envolvidos (Koçouski, 2013; Duarte, 2011). Destina-se, portanto, a garantir o exercício da cidadania, estando relacionado com o acesso ao serviço e às informações de interesse público e tem relação direta com a interação entre os atores envolvidos: estado, governo, instituições e sociedade civil (Santos *et al.*, 2022).

Os autores indicam que são princípios da Comunicação Pública: garantir acesso amplo à informação, fomentar o diálogo, estimular a participação, promover os direitos e a democracia,

5 "*News is a high-status television genre. (...) News is also a commodity*" (Fiske, 1987, p. 281).

combater a desinformação, ouvir a sociedade, focar no cidadão, ser inclusiva e plural, tratar a comunicação como política de Estado [ou institucional], garantir a impessoalidade, pautar-se pela ética e atuar com eficácia. Considerando esses elementos, os autores destacam que a comunicação pública não é apenas aquela feita por instituições públicas, mas toda aquela voltada ao interesse público. Em outras palavras, pode-se dizer que a Comunicação Pública pode ser desenvolvida por diferentes organizações e tem relação com o interesse público: sua singularidade está na mensagem e sua relevância está no interesse público. Ou seja, deve prevalecer na mensagem o interesse de todos, sejam os emissores o estado, as empresas privadas ou as organizações públicas (Santos *et al.*, 2022). Assim, quando exercida, a Comunicação Pública faz com que, por um lado, haja a divulgação de informações de interesse público e, por outro, com que o receptor exerça seu direito de receber essas informações, tendo oportunidade de participar do debate na esfera pública (Santos, 2019). Exatamente nesse ponto ocorre a interface do tema abordado na pesquisa, a ciência e a pandemia no jornalismo na televisão brasileira, considerando o interesse coletivo.

Acrescente-se ao exposto o fato de que ao longo de sua existência, do seu crescimento e sua consolidação em diferentes partes do mundo, a televisão construiu uma linguagem própria, uma gramática e representações cujos elementos incluem o imediatismo (em transmissões ao vivo ou situações que simulam/remetem a esta condição), a mobilidade na captação de cenas, a apresentação de imagens cinéticas plasticamente sedutoras e pela conjugação destas imagens com a sonoridade ambiental. Essa relação se revela de forma modelar no telejornalismo, permitindo consolidar uma identidade imagética. O

telejornal é um dos programas[6] mais facilmente identificáveis na grade de programação das emissoras brasileiras, um gênero consolidado e detentor de uma linguagem audiovisual que o torna facilmente reconhecido. Isto significa que, ao *zapear* entre os canais, o telejornal é imediatamente ou quase imediatamente identificado, o que reforça a importância estratégica para as emissoras de televisão, sendo considerado pelos receptores como um conteúdo útil (até mesmo educativo) e importante. A importância do telejornalismo é medida também pela multiplicidade de canais dedicados a informação jornalística, que em alguns casos se intitulam como 24 horas de notícia, cuja presença ocupa espaço consideravel nas grades das empresas que veiculam a televisão codificada (TV paga).

Cabe ainda acrescentar a relação da Comunicação Pública e seu papel na cultura científica da sociedade, haja vista que a Comunicação Pública da Ciência é o que permite ao cidadão atingir um nível adequado de cultura científica (Semir, 2012). Trata-se da situação em que a ciência está não apenas inserida, mas percebida na vida cotidiana, inserindo-se neste ponto a televisão e sua capilaridade na sociedade.

Nessa teia de elementos e interesses contraditórios, a divulgação da ciência e da cultura científica no telejornalismo não deve ser vista como elemento aleatório: a televisão é em si mesma uma conquista da ciência, ela se alimenta e divulga a tecnologia, muitas vezes se colocando como "uma conquista da ciência e/ou da tecnologia". Em função deste condição, além de anunciar e valorizar outras tecnologias, o telejornalismo também apresenta/valoriza a tecnologia e a decobertas cien-

6 Programas são produtos que mídias eletrônicas colocam no ar, um núcleo de significação coerente, uma série sintagmática com singularidade distintiva com relação às outras séries sintagmáticas de televisão (Machado, 2000). Cada programa tem emissões/edições semelhantes entre si de forma suficientemente estável para que o receptor compreenda a sua identidade.

tífica como conquistas que melhoram a qualidade de vida. Esse vínculo é também alimentado por aqueles que produzem e dirigem o veículo: a televisão se adapta e chama para si cada nova tecnologia apresentada, sempre buscando manter ou mesmo ampliar seu *status* como meio de informação, mas também como conquista tecnológica, algo moderno e que aponta para as maravilhas do futuro. Dessa forma, a televisão – e, por extensão, o telejornalismo – tem uma atuação importante para a divulgação e valorização do pensamento científico. No entanto, em muitos casos essa aproximação envolve elementos de deslumbramento – fotos, animações, câmaras lentas ou aceleradas, ilustrações diversas – que visam menos informar e mais conquistar a atenção do público. Em um momento de crise pandêmica, portanto, a questão que se impões foi de que forma, e com quais vínculos, o telejornalismo faz essa divulgação da ciência.

Imbuída da responsabilidade social de transmitir informações, mas igualmente confrontada com novas tecnologias digitais (particularmente, as possibilidades apresentadas pelas tecnologias de alta portabilidade, que permitem a inserção de novos sujeitos), as quais ganharam força no século XIX e já afetam a credibilidade do telejornalismo, esse trabalho busca justamente responder a esse questionamento, analisando de que forma o telejornalismo se aproxima da divulgação científica tanto como forma de manter seu compromisso enquanto serviço público, mas também como estratégia para garantir seu prestígio ou *status* enquanto principal meio de comunicação no Brasil.

Acresenta-se a isso que o próprio telejornalismo tem buscado apoio em novas tecnologias de informação e comunicação, investido em novas formas de captação de imagens, de produzir informações e fazer entrevistas e acessar informações, no

uso da internet como elemento de reforço a suas técnicas de produção de conteúdos.

No entanto, as tecnologias não são neutras; resultam em mais do que mudanças formais, uma vez que interferem nos processos comunicativos, tornando-os mais complexos e alterando seus resultados. No que diz respeito as tecnologias digitais, as mudanças foram rápidas e em muitos aspectos impactantes, gerando novos comportamentos e novas formas de circulação da informação. Nesse sentido, ao pesquisarmos sobre telejornalismo também estaremos analisando como ele reage as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais, o que inclui tanto a apropriação de alguns elementos e tecnicas, mas igualmente como reage aos seus conteúdos, tanto de forma negativa quanto positiva, ainda que sem se deter nos aspectos especificos de produção e recepção dos conteúdos digitais.Considerando estes aspectos, a pesquisa envolveu um tema necessário (principalmente frente aos ataques atuais à ciência no Brasil e exterior), relevante e inovador, pois coloca no centro do debate científico a importância da relação entre o Telejornalismo e a Divulgação da Ciência.

Trata-se, portanto, de um projeto inserido na temática de comunicação da ciência, envolvendo questões ainda pouco discutidas na área do jornalismo especializado, da comunicação pública e da própria divulgação científica. O material pesquisado envolve uma interface entre comunicação e ciência, e pretende não apenas ser fonte para estudos e pesquisas futuras, seja para para o ensino e a extensão nas áreas ou para suas interfaces, mas também produzir reflexões sobre a atuação do telejornalismo nos momentos de crise e em particular quando a crise tem uma interface com o conhecimento científico.

A importância do tema cresce quando se considera ainda que, embora a fase mais emergencial da pandemia esteja aparentemente controlada, a própria situação pandemia apontou

a necessidade de buscar conhecimentos científicos para enfrentar situações potencialemente perigosas, principalmente situações de negacionismo científico, que como ocorreu na crise recente, podem se repetir.

Cabe lembrar, que, no enfrentamento à Covid-19, vieram à tona argumentos sem aprofundamento, que evidenciaram a dificuldade do público e mesmo dos veículos de imprensa de lidar com o conhecimento científico. Nesse sentido, a análise buscou apontar se e como a divulgação da ciência se deteve em ações pontuais, e eventuais momentos em que ultrapassou esses limites, atuando no cotidiano da sociedade brasileira contemporânea, e destacando o conhecimento científico como uma das bases fundamentais para que a população tome decisões que afetam sua vida.

Ao estudar a temática da difusão da ciência, tecnologias e inovação é importante também considerar o seu desenvolvimento como um processo que envolve o uso, a aplicação e a transformação do próprio conhecimento, afetando diferentes aspectos da sociedade. Em tal contexto, vale ressaltar que, em alguns países, a análise e o acompanhamento dos estudos sobre a cultura científica já são ofertados, na modalidade de graduação ou de pós-graduação, em cursos específicos de comunicação da ciência ou de Comunicação Pública da Ciência, e mesmo em empresas de comunicação que perceberam a necessidade de dar um melhor tratamento ao tema. Espera-se, ainda, oferecer subsídio consultivo para as empresas de comunicação, especificamente as que possuem veículos de telejornalismo/jornalismo audiovisual, além de impulsionar novos projetos a serem elaborados por órgãos públicos, Organizações Não Governamentais (ONG's) ou por iniciativa privada para a comunicação da ciência e para a consolidação da cultura científica nos países.

Definidos estes aspectos, o trabalho teve como objeto de estudo o material jornalístico com vínculos com a divulgação científica/comunicação da ciência presentes no telejornalismo, visando identificá-los e classificá-los, e analisar suas mensagens de forma crítica. O foco principal partiu da hipótese de que, durante a vigência da pandemia, a necessidade de ampliar as informações sobre ciência, inclusive com o uso estratégico dos conteúdos participativos e colaborativos, possibilitou ao telejornalismo ampliar suas fontes sobre ciência e, consequentemente, a própria concepção e compreensão da cultura e do pensamento científico.

Assim, o objetivo deste estudo foi entender de que forma se dá a inclusão dos conteúdos que envolvem questões relativas à ciência e a cultura científica no telejornalismo durante o período pandêmico, em particular, por meio da exposição de entrevistas e matérias jornalísticas que envolvam médicos, professores, pesquisadores e outros atores sociais efetivamente vinculados à produção de conhecimento científico, por meio de conteúdos jornalísticos, aí incluídos (mas não somente) conteúdos participativos e colaborativos nos telejornais, e como é tratado – que tipo de visibilidade – é dado a esses conteúdos.

Além da análise dos conteúdos do telejornalismo de forma geral, nos detivemos na análise da relação desses conteúdos com a própria definição, pelo telejornalismo, do que é ciência/conhecimento científico que, sem ser exposta de forma objetiva, está implícita nas abordagens e na exposição de atores sociais ligados a esse conhecimento, inclusive por meio da presença de conteúdos participativos e colaborativos. Ou, em termos mais objetivos, se o ator-social produtor do conhecimento científico é tratado como especialista que reafirma uma informação, se é apresentado como cidadão incluso na dinâmica social ou se reafirmado como indivíduo separado da sociedade e, portanto, com dificuldades para compreender seus problemas.

Especificamente, entende-se também o período pandêmico coincide com uma nova fase do telejornalismo, na qual a estrutura do jornalismo na TV permite um maior acesso aos atores sociais ligados à ciência, quebrando simbolicamente os muros que separam a produção desse conhecimento da sociedade em geral. Entretanto, esse espaço aberto para participação de atores sociais ligados ao conhecimento científico não é tão democrático como se apresenta. Ao ser inserido em um tipo de conteúdo para o telejornal, o indivíduo está sujeito a uma série de intervenções – nas entrevistas, quando o material é ao vivo, mas também por meio de cortes e edições – que determinam o que será exposto ao público, e também como será exposto. Esses processos produtivos são muito mais implícitos que explícitos até para os entrevistados, de forma que o controle dos conteúdos exibidos continua com os produtores dos telejornais.

Dessa forma, uma preocupação básica foi verificar se a ciência é apresentada de forma espetacularizada, como conhecimento inalcançável, por meio do qual os *cientistas* podem definir e instrumentalizar ações, sem efetivamente trabalhar no sentido de uma verdadeira transmissão do conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa incluiu também acompanhar as mudanças referentes aos próprios conceitos que envolvem a produção dos conteúdos telejornalísticos e as diferentes referências ao conhecimento/cultura científica no telejornalismo.

De forma complementar, visto que se tratou de uma pesquisa de longo prazo, buscou-se um diagnóstico de como se dá a presença dos conteúdos científicos no telejornalismo: em quais telejornais, e em quais gêneros jornalísticos, esta participação está mais presente; quais os temas/assuntos aos quais está mais relacionada e quais seus desdobramentos. Da mesma forma, buscou-se também ampliar a compreensão do

compromisso/responsabilidade social do jornalismo e seus vínculos com a ciência em uma realidade marcada pelo uso de tecnologias móveis e acessíveis.

Em função da complexidade da pesquisa, o trabalho inclui uma revisão dos estudos teóricos sobre a comunicação e seus vínculos com a sociedade, os conceitos que orientam o jornalismo enquanto serviço público cuja base é a responsabilidade social, além de considerações sobre os vínculos da televisão com a ciência e a necessidade de permanente divulgação do conhecimento científico e da comunicação da ciência.

Em termos teóricos, entende-se que o conteúdo do telejornal pode proporcionar ao telespectador o sentimento de pertencimento, de inclusão no processo de uso das mudanças advindas da produção do conhecimento científico. Becker (2009) discute o sentimento de pertencimento oferecido pelo telejornal a partir da ideia de que a visibilidade da televisão proporciona uma experiência coletiva de nação e permite a criação de um "espaço importante de construção de sentidos do nacional como ritual diário" (Becker, 2009, p. 85). Os telejornais têm o potencial, portanto, para construir uma relação de identificação e, dessa forma, reforçar o interesse e/ou o vínculo de seu público com o conhecimento científico, e, portanto, para reafirmar a possibilidade do acesso social democrático ao que a ciência pode oferecer.

A exploração desse potencial, no entanto, passa por diferentes elementos. Os processos que legitimam os critérios de noticiabilidade preenchem e, ao mesmo tempo, esvaziam a efetiva participação dos produtores de conhecimento científico. De muitas formas, sua presença é considerada pela produção de telejornais a partir de interesses imediatos e/ou estratégicos, nem sempre claros para os convidados/participantes

Nesse sentido, a presença de especialistas em ciência – ou atores sociais ligados ao conhecimento científico –, que foi ampliada em função da maior utilização de conteúdos colaborativos, deve incluir também o questionamento da percepção de que, em grande parte, o objetivo do telejornal não é a informação, é a audiência. Como defendido pelo estudioso Cannito (2010, p.191), o interesse na exposição desse tipo de conteúdo "[...] não é apenas divulgar a obra do realizador amador. É diversificar os programas para atender ao interesse do espectador". Ou ainda, é manter, conquistar, pela competência informativa, pelo apelo emocional e pela empatia que essa possibilidade oferece para os receptores.

Considerados esses aspectos, é válido destacar que, na análise da responsabilidade social do telejornalismo e da importância da divulgação da comunicação da ciência no telejornalismo, também é importante defender a permanência dos estudos que avaliem como as tecnologias têm afetado as relações que envolvem o jornalismo apresentado na TV, e sua relação com outros meios de comunicação e a comunicação como elemento essencial para a vida social.

Nesse sentido, este trabalho buscou, de forma ampla, discutir a ligação entre a comunicação de interesse público, a ciência e a sociedade, levando-se em consideração a relação entre telejornalismo e responsabilidade social.

UM OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO

O ser humano é um ser social e simbólico, que se afirma a partir das relações que empreende com seus semelhantes, ao tornar comum os signos que utiliza. Para Sodré (2001, p. 109), "...a comunicação tem como objeto a vinculação entre o eu e o outro, seja considerado do ponto de vista do indivíduo, seja do coletivo".

Sousa (2006), ao definir as formas de comunicação humana, explica as diferenças entre comunicação direta e a comunicação mediada. A primeira seria feita sem a intermediação de dispositivos técnicos, como ocorre numa conversa face a face, em um mesmo espaço geográfico. A segunda seria realizada por meio de dispositivos técnicos, aplicada, por exemplo, à mídia, aos veículos que compõem a imprensa, como a televisão. Essa categorização do autor colabora para que se perceba que existem limitações na comunicação mediada, como o fato de que a interatividade e o feedback entre produtores de conteúdo e receptores nem sempre existem, ao contrário da comunicação interpessoal direta. No entanto, existe uma relação de troca social que deve ser considerada.

Ao se estudar os processos comunicativos, como o telejornalismo, é necessário considerar que ela envolve um processo ação/reação com o ambiente social no qual se insere. Segundo Braga (2001) as trocas simbólicas (troca comunicacional) que ocorrem envolvendo os meios de comunicação social são uma espécie de ponte entre a individualidade e o coletivo, uma mediação das relações sociais.

Nesse sentido, é importante pensar a partir do conceito do pedagogo Paulo Freire (1983) de comunicação como diálogo. No Brasil as proposições teórico-metodológicas do autor são referência sobre o conceito de comunicação dialógica, como algo relacional, e participativo, com o indivíduo e a sociedade em uma relação constante. Nesse sentido, Temer (2014) entende que essa comunicação envolve um modelo dialógico que difere do diálogo interpessoal. Trata-se de um diálogo, mas em um sentido social, uma vez que ao mesmo tempo em que os dispositivos técnicos ou as mídias eletrônicas potencializam o alcance do sentido social da comunicação, também provocam respostas da audiência - o que por sua vez fomentam mudan-

ças na linguagem, nas pautas e nos enquadramentos - além de expressivas transformações e mudanças sociais. Essas mudanças, por sua vez, afetam as mídias e o seu funcionamento, formando-se assim um ciclo dialógico contínuo de ação/resposta.

COMUNICAÇÃO, CIDADANIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

O conceito de cidadania deve ser pensado em paralelo à noção de comunicação. Em uma acepção mais popular, o termo cidadania tem uma perceptível associação ao exercício da participação política, mas o conceito clássico de cidadania, herdado da Grécia antiga, valoriza a organização social nas cidades com a participação ativa dos indivíduos nas decisões políticas da comunidade. Essa participação somente é possível por meio de ações de comunicação, aí incluído tanto as manifestações individuais nos encontros públicos, quanto os processos comunicacionais que permitam o acesso de todos às informações e a tomada de decisões pela coletividade. Portanto, o exercício da cidadania exige o diálogo e o compartilhamento de informações – da comunicação – que potencializam e dão subsídios as ações/decisões que beneficiam uma comunidade.

Nas sociedades modernas o termo cidadania está ligado a questão dos direitos – a conquista e definição dos direitos de cada indivíduo na sua relação com o Estado – sendo entendido como um referencial de conquista da humanidade. Mas a questão da cidadania também tem relação com o respeito aos interesses coletivos e aspectos ligados às ações de mobilização e cooperação que garantem a vida/qualidade de vida, de um indivíduo, de um grupo social e mesmo de uma nação.

Em termos legais, a definição da cidadania pode ser compreendida como "...um *status* concedido àqueles que são

membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o *status* são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status*." (Marshall, 1967, p.76). Em termos sociais, cidadão é o indivíduo que, de forma individual e coletiva, pode agir dentro de um espectro legal amplo o suficiente para alterar a ordem social em que vive, participando das questões públicas, debatendo e deliberando sobre elas, e até mesmo definindo a extensão de seus direitos e deveres.

Nesse sentido, o sociólogo britânico Marshall (1967) define três níveis de *direitos* que definem ou se relacionam com o exercício da cidadania: civis, políticos e sociais. Essa perspectiva também é assumida por Carvalho (2001), mas o autor reforça que a cidadania é também uma conquista resultante das lutas por direitos políticos, civis e sociais e aponta que, no Brasil, o processo de construção da cidadania no Brasil foi marcado pela alternância de conquistas e situações de retrocesso e supressão dos direitos básicos.

Para além dos aspectos legais, a natureza da cidadania envolve uma relação de integração, vínculo, e identificação social entre o indivíduo e comunidade. Ser cidadão, é se sentir parte do espaço social no qual se vive, ter consciência do lugar que ocupa e de suas atribuições, e se perceber como um indivíduo ativo que interage e é reconhecido por sua participação social.

Neste contexto, para exercer plenamente a cidadania, o indivíduo deve estar munido de informações sobre o espaço social, cultural, político e econômico no qual está inserido, de forma a tomar decisões conscientes do que é melhor para si mesmo e para a comunidade/sociedade. Em uma situação de crise, a busca pela informação e pela participação nos processos de comunicação é uma das garantias da cidadania, pois somente por meio do acesso à informação que o indivíduo ou grupos podem participar – de forma direta ou indireta – das

decisões que devem ser tomadas pelos agentes públicos no sentido de garantir seus direitos e a própria continuidade de sua existência enquanto indivíduo e ator social capar de se adaptar as mudanças na sociedade.

Considerando esta relação, o jornalismo – atividade cujo compromisso é a divulgação de informações verdadeiras e de interesse público – é também uma instituição garantidora da cidadania.

CONVERSANDO SOBRE O JORNALISMO

Segundo Ciro Marcondes Filho (2002, p.9), a acessão das democracias republicanas abriu espaço para a implantação de um modelo burguês e urbano, com a valorização da industrialização e o consequente inchaço das cidades. Esse contexto criou as condições para a consolidação do jornalismo, que se desenvolve a partir da lógica da burguesia, do espírito empresarial e da Ética Capitalista,[7] cujo *loccus* privilegiado é o espaço urbano. Consequentemente trata-se de uma atividade que empresarial, capitaneada por empresas privadas, voltadas para o lucro, mas que, em função de sua origem e formatação, também está comprometida pela valorização utópica de ideias de liberdade de opinião e expressão.

Enquanto atividade prática, o jornalismo atende a necessidade de informação sobre o cotidiano em aglomerados urbanos nos quais a comunicação interpessoal já não é suficiente. Assim, o jornalismo é um registro do momento presente, e seus conteúdos relatam os diferentes aspectos da vida cotidiana de um povo, de uma época, de um local. Desta forma,

7 O termo surge a partir da sua utilização por Max Weber no livro A ética protestante e o "espírito" do capitalismo (no original alemão ***Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus***) que aponta que existe uma ética ou espírito do capitalismo formada por ideias e hábitos que justificama procura racional de formas para concretizar o ganho econômico. (Weber, 2004).

o jornalismo é uma forma de mediação do homem e sua relação com o mundo, mas difere de outros conteúdos simbólicos (mediações) por estar voltados as questões do cotidiano e se legitimar pela relação "a verdade e a atualidade". Consequentemente, o estéio central do jornalismo está na confiança nas suas informações, nasua relação incondicional com informações reais e verdadeiras.

Em função destas delimitações, o conteúdo jornalístico é uma *representação* do seu tempo, e sua divulgação está diretamente ligada ao contexto que envolve as relações sociais, hábitos, costumes e ações humanas características deste tempo. Uma vez que o processo histórico de institucionalização do jornalismo envolve a sua aceitação como sistema perito,[8] sua existência e manutenção abarca relações complexas, que envolvem a soberania das regras jornalísticas como elementos que definem a noticiabilidade e o *status* dos conteúdos e a importância das mídias como referência informativa para sabermos tudo que é importante para a sociedade (informações, modismos, comportamentos etc.)

Na medida em que o receptor mantém com o jornalismo/telejornalismo uma relação de confiança e credibilidade, aceita-o como mediador de tudo que é digno de saber do mundo (Groth, 2011, p.177). Ao determinar "o que é importante se ser sabido/conhecido", o jornalismo interfere na vida social, determina pautas políticas/econômicas e influência na tomada de decisões.

Mas esse poder deve ser relativizado, uma vez que o receptor/audiência é a própria razão de existência do jornalismo e, seus gostos, desejos e até mesmo preconceitos não podem ser ignorados. De fato, a quantidade de leitores/receptores/

8 Entendendo sistema perito como: "sistema de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material ou social que vivemos hoje" (Giddens, 1991, p.35).

audiência define a importância (*status*) de cada veículo jornalístico: quanto maior forem os números maior a capacidade de informar/influenciar e, consequentemente, de atrair financiadores e anunciantes, maior será a importância estratégica do veículo jornalístico.

Uma vez que a resposta dos leitores/audiência afeta o jornalismo, e o jornalismo afeta seus receptores, é certo afirmar que o jornalismo funciona a partir de um diálogo social, e é em si mesmo um espaço para mediação, que tanto é influenciado pelas ações/costumes e modismos sociais, como também os influencia e eventualmente os consolida.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO JORNALISMO

Ao dar acesso à informação, o jornalismo atua como um espaço de mediação entre o mundo que cada indivíduo construiu (por meio de experiências diversas) e o conhecimento de diferentes áreas da vida, cuja importância é mutável em função do contexto no qual cada indivíduo se insere, e o mundo real em permanente mudança. Nesse sentido, os conteúdos apresentados pelo jornalismo ajudam a compor relações e a formar realidades e são essenciais para que cada um indivíduo responda as mudanças constantes.

A informação jornalística tem, em si mesma, um potencial para afetar seus receptores, o que na prática representa um potencial de mudança social, uma vez que não apenas faz circular o conhecimento que ele próprio produz, mas reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais (Meditsch, 1997, p.3). Aliás, além da atualidade, o jornalismo busca um caráter universal (Groth, 2011) uma vez que trabalha a partir da proposta recorrente de ofertar a maior va-

riedade possível de informações para os receptores, ou seja, oferecer voz a diferentes instituições.

Corroborando com os estudos de Paulo Freire, Meditsch (1997, p.3) acredita que o conhecimento não se transfere, ele se conhece, se recria, contribuindo desta forma para a tomada de consciência a partir do conhecimento compartilhado, o jornalismo é também uma forma de produção e reprodução de conhecimento.

Dessa forma, mais do que apenas relatar fatos, o jornalismo deve ser compreendido como um ator social que afeta a organização da realidade. O jornalismo é um relato do presente, mas sua importância está em como ele afeta o futuro, se esse afetar se dá como serviço público em benefício da cidadania. Consequentemente, ainda que seja muito mais uma atividade predominantemente realizada por empresas privadas, o jornalismo tem (deve ter) um compromisso na abordagem de questões de interesse público – saúde, segurança, economia e política (para citar alguns). Em uma visão idealizada, cabe ao jornalismo transformar uma informação em um conhecimento compartilhado, contribuindo para indivíduos e sociedades, e até mesmo governos, tomar decisões.

Mas o jornalismo/telejornalismo não atua no vácuo. Sua ação é social, e, portanto, definida em relação ao contexto social no qual está inserido. Embora agregue valor de uso às informações repassadas – contextualizando, explicando e transformando em conhecimento –, o alcance dessa informação envolve a capacidade prévia de dialogar com os receptores sobre determinados assuntos. Dito de outra forma, por mais que o jornalismo possa introduzir informações novas, é necessário que o receptor tenha uma base mínima de conhecimento prévio para processar essa informação.

Como consequência são comuns generalizações ou informações superficiais que efetivamente não deslindam essas questões. Visto por um outro ângulo, no Brasil, por exemplo, a maior parte da população partilha conhecimentos básicos específicos sobre futebol. Esse nível de conhecimento não é comum em outros assuntos, como ciência e tecnologia.[9] Dessa forma, o telejornalismo dialoga com a sociedade (afeta e é afetada por ela) mas o faz em uma relação de troca (influencia e é influenciado por ela), no qual a os interesses e a percepção sobre a capacidade de entendimento do receptor – ou a ele atribuída – é também determinante.

Além disso, "...a tevê se dirige ao público através do vídeo, simulando um contato direto e pessoal com essa 'função-indivíduo' que se supõe ser o telespectador" (Sodré, 2001, p.55). Nas últimas décadas o simulacro de contato direto foi reforçado. Em termos práticos, o receptor já estava presente nos telejornais por meio de entrevistas, como vítimas/autor de fatos diversos, ou até mesmo como entrevistados eventuais, em uma estratégia conhecida como *povo-fala* (sequência de entrevistas rápidas, com falas editadas, que variavam entre o curioso e o impactante). No entanto, ainda que essa estratégia ainda exista, tem sido superado por propostas dos conteúdos participativos ou colaborativos.

O termo jornalismo participativo não é recente, e de fato foi utilizado para definir espaços dedicados a participação dos leitores, como as cartas à redação, sugestões de pautas e realizar telefonemas. Dessa forma, o jornalismo participativo envolve espaços que os veículos de informação colocam à disposição de qualquer indivíduo na construção do material informativo.

9 Nota da autora: Embora pessoalmente não tenha registro da data, esse exemplo foi citado em sala de aula no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, na década de 1990, pelo professor Isac Epstein, a quem presto sinceras homenagens.

Nesta modalidade o diferencial é a prática jornalística aliada à participação de pessoas sem formação técnica ou experiência no campo jornalístico que, por meio do envio de insumos, sobretudo imagens de interesse jornalístico, participam da construção de materiais noticiosos. (Amorim, 2009, p.4-5). Nas versões mais atualizada do telejornalismo, o jornalismo participativo inclui o envio de fotos e vídeos, obtidas por meio de telefones celulares ou câmeras de segurança, ou mesmo capturadas nas redes sociais. Destaca-se que esse conteúdo tende a ser selecionado e editado por jornalista e, portanto, está sob controle dos produtores de informação. Acrescenta-se a esse material o crescente uso de conteúdos colaborativos, material cuja produção requer uma participação ativa de convidados como entrevistados ou participantes dos telejornais.

JORNALISMO E INFORMAÇÃO: DO ACONTECIMENTO AO FATO JORNALÍSTICO

Os aspectos citados apontam a relação intrínseca do jornalismo com a informação. O jornalismo captura acontecimentos diversos do cotidiano, em particular aqueles que tem algum tipo de impacto, e os formatam em relatos organizados que facilitem a sua compreensão. Portanto, transmitem as informações inerentes ao acontecimento.

Nesse sentido, o termo acontecimento é uma utilizada no jornalismo para definir os fatos que tem potencialidade para virar notícia. Em uma abordagem mais filosófica, um acontecimento é um fato capaz de afetar o indivíduo (Quéré, 2005, 2012), interferir no passado e futuro, tendo no presente papel fundamental na construção da realidade. Nesse sentido, o acontecimento jornalístico é a informação nova (ou com a aparência de nova), de interesse público e do interesse do pú-

blico é o conceito que define notícia. No entanto, é igualmente necessário considerar que

> Notícia é a informação jornalística transformada em mercadoria, com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, é a informação que se adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. (Marcondes Filho, 1986, p.13).

No cotidiano profissional, um dos jargões utilizados por jornalistas para se referir a notícia é a matéria factual, ou o factual. O termo designa o que está acontecendo, que é visível e tem consequências no mundo real. Se afastando dos jargões profissionais, os termos fato, acontecimento e até mesmo notícia (que, para os estudiosos dos gêneros jornalísticos, é um formato jornalístico), tendem a se confundir. Neste trabalho adotamos prioritariamente a expressão fato, mas ressaltamos sobretudo que fato, acontecimento e notícia têm em comum a relação intrínseca com a informação.

UMA VISÃO TRIPARTITE DO TELEJORNALISMO

Sendo a um mesmo tempo televisão e jornalismo, a análise e a própria produção do telejornalismo envolvem múltiplos aspectos. Para facilitar sua compreensão, optamos em subdividir esses aspectos, mas sempre compreendendo que formam uma *melánge* nos quais os elementos ao mesmo tempo se referenciam, se contradizem e se justificam, sendo difícil individualizá-los de forma perfeita.

Neste sentindo, os três conjuntos dispostos abaixo foram definidos a partir de critérios didáticos.

As contradições do telejornalismo

O telejornalismo é o jornalismo na e para a televisão. Temer (2014) define telejornalismo como "...a prática de coletar informações sobre eventos atuais, redigir, editar e publicar estas informações de forma adaptada aos limites e possibilidades da televisão" (p.185). A frase apenas aponta uma atividade complexa, que carrega consigo os compromissos éticos do jornalismo, mas também contradições, dependência da linguagem televisiva e de aspectos técnicos que caracterizam o veículo.

Inicialmente, é importante destacar que democracia e jornalismo estão intimamente ligados, são mesmo interdependentes, uma vez que o jornalismo se alimenta da liberdade de obter e fazer circular informações.[10] De forma ampla, o jornalismo é essencial para que os cidadãos, pois representa um meio de acesso a informações para a tomada de decisões nos diferentes aspectos da vida social e política. Dessa forma, um dos elementos que medem a capacidade do jornalismo/telejornalismo atuar com mediador é a capacidade expor aos receptores a pluralidade na manifestação de opiniões.

Uma vez que a democracia é em si mesma uma pré-condição para existência de um jornalismo efetivamente livre, a defesa das instituições democráticas é essencial para o jornalismo. Nesse sentido, tudo e todos que afrontam a democracia representam uma ameaça também as atividades da imprensa. De fato, um dos elementos definidores do jornalismo envolve acompanhar a dinâmica da vida social, econômica e política na qual se insere, além de atuar de forma crítica as ações do Estado e dos representantes do poder público.

10 Evidentemente, essa relação passa por diferentes possibilidades ou níveis de atuação e interesses, mas, diferente de manifestações anômalas que eventualmente reivindicam para si o status do jornalismo, ainda mantem os aspectos centrais que caracterizam essa atividade.

Uma vez que cabe ao jornalismo informar sobre tudo que for relevante para o cidadão, ele tende a assumir um posicionamento crítico em relação ao Estado e a quaisquer eventuais governos, denunciando e *publitizando* os desvios de condutas e ações que possam trazer prejuízos para a sociedade. Consequentemente, o jornalismo se caracteriza por uma constante tensão com o Estado/Governos – do qual depende como fonte de informação, mas sobre o qual exerce uma função fiscalizadora. Especificamente no telejornalismo, essa relação é afetada também pelas legislações que determinam e fiscalizam a concessão dos canais,[11] mas também pelo provimento por parte do Estado das condições estruturais que possibilitam a sua existencia.

No modelo da sociedade burguesa industrial o jornalismo tende a ser desenvolvido como uma atividade empresarial, em geral voltada para o lucro, oscilando entre divulgar o que o público quer saber e o que o público precisa saber, em uma dicotomia que tensiona a relação entre serviço público e serviço ao público. Consequentemente o telejornalismo oscila entre aproximações e afastamentos com Governos e com interesses diversos dos governantes.

A percepção do jornalismo enquanto empresa voltada para o lucro é clara quando um jornal com é comprado ou vendido por meio de assinaturas pagas, mas a sobrevivência do telejornalismo envolve aspectos mais sutis, uma vez que ele se alimenta da atenção dos receptores. A atenção do público, que as emissoras tratam como audiência, é a garantia do financiamento – da conquista/manutenção de anunciantes que pagam para estarem inseridos nos intervalos comerciais, (e, eventualmente, para além deles) possibilitando o apoio fi-

11 Assim como em vários países, no Brasil isso envolve uma legislação específica, não cabendo uma abordagem direcionada a esse aspecto na pesquisa ora apresentada.

nanceiro que permite a produção do telejornal. Portanto o telejornal está sempre se adequando ao gosto do público, mas também ao gosto dos anunciantes

Nesse contexto, o desenvolvimento de estratégias que permitam ampliar o público, significa uma maior a possibilidade de financiamento (e, em princípio, aumento das possibilidades de produção de conteúdo) é do interesse dos seus produtores e anunciantes.

Outro aspecto importante para o telejornalismo é o imediatismo imagético. A origem da televisão se dá por meio de transmissões "ao vivo", e se consolida a partir da percepção de que a imagem transmitida pela televisão é a *imagem real*. Essa condição reforça o vinculo da imagem transmitida pelo telejornalismo como o *real em tempo real*. Para o grande público, o *ver a TV* ou *ver na TV* há muito foi substituído pelo ver TV. para o telejornalismo estar presente no local do fato, mostrar a informação na hora e no local onde ela acontece, valoriza e torna mais credível a informação. Dessa forma, o telejornalismo sempre buscou as ruas, ou imagens externas que valorizassem (tornassem críveis) a informação. Consequentemente, evolução do material de captação de imagem - no sentido de maior qualidade imagética, mas também na portabilidade e facilidade de edição, é um elemento marcante no telejornalismo. Mais recentemente essa busca envolve uma relação umbilical com a internet, que possibilitou processos mais rápidos, seguros e mais ágeis na transmissão ao vivo.

De fato, embora a maior parte das notícias diga respeito a fatos que já ocorreram, o telejornalismo se esforça para transmitir um sentimento de onipresença e imediatismo. Entretanto, ainda que de forma geral o telejornalismo se esforce em estar presente detalhando e analisando fatos enquanto eles acontecem, essas ações somente são relevantes quanto existe

a confiança as informações são verdadeiras e importantes, e efetivamente vão impactar o porvir.

Dessa forma o uso dos recursos técnicos = ilustrações, simulações, etc - é limitado (ou deveria ser) pela própria base da atividade jornalística – o compromisso ético em divulgar a verdade.

No entanto, esse elemento que deve ser compreendido para além de seu alcance moral. No jornalismo, a credibilidade - qualidade, característica de quem ou do que é crível; de quem merece a sua confiança ou possui confiabilidade, fiabilidade e confiança – é uma garantia ou condição básica para que os receptores aceitem as informações veiculadas como verdadeiras. Credibilidade **é o capital simbólico do jornalismo** (Sodré, 2009, p.42), e consequentemente as empresas trabalham no sentido de ampliar esse capital, o que na prática representa manter/ampliar sua audiência, garantindo assim os meios para sua manutenção e crescimento, se traduz como um *poder simbólico* de influenciar a percepção da sociedade sobre os acontecimentos.

No entanto, apesar ser fundamentada na credibilidade, a imprensa não é neutra. Particularmente nos modelos capitalistas periféricos – como o Brasil – a imprensa tem relações que envolvem interesses políticos e econômicos, e é perpassada pelo controle cruzado de diferentes veículos por grandes empresas midiáticas, em situações complexas que afetam a exposição/seleção de conteúdos, mas também a forma como os fatos são veiculados.

O telejornalismo é uma linguagem

A televisão nasce ao vivo, mas o telejornalismo no qual um noticiarista *contava/falava as notícias*" atrás da bancada tinha pouco apelo para os telespectadores. Para superar essa limitação o telejornalismo desenvolveu uma linguagem própria, com o uso estratégico de recursos imagéticos ou um modo de

mostrar e contar os fatos que o tornasse reconhecido ou facilmente identificável no conjunto da programação televisiva.

Nesse sentido, o telejornalismo se apossou de recursos que se aproximassem de um diálogo, de uma relação de (pseudo) intimidade com o receptor, mas sem perder seu *status* de confiabilidade, apostando em uma linguagem que, sem deixar de ser culta, está próxima ao coloquial. No telejornal cada participante tem um papel ou uma representação determinada- o âncora – apresentador ou noticiarista (sozinho ou em dupla) é uma espécie de fio condutor, pai simbólico ou personagem principal que delimita o espaço dos demais personagens. (Temer, 2014, p.197). É o noticiarista que chama o repórter que *está nas ruas*, abrindo uma *janela* para o mundo externo, onde os fatos imprevisíveis acontecem. Outros personagens participam com *status* diferenciado: comentaristas, entrevistados diversos – testemunhas dos fatos, especialistas que explicam fatos e dados, colaboradores diversos e/ou eventuais e autoridades que se curvam a importância do telejornal para propor ou explicar suas ações.

O uso estratégico de inserções de personas públicas e privadas no telejornalismo reforça a importância do telejornal dentro da programação televisiva. Outra estratégia é a localização dos telejornais em horários específicos (programação linear) e particularmente em intervalos para o almoço ou jantar, o que induz um sentimento de *intervalos*, necessários para *acompanhar os fatos do dia*.

Mas o tempo do telejornal *é* limitado, portanto, ele tem também uma capacidade limitada de mostrar tudo que efetivamente acontece no mundo. Da mesma forma, **nem todas as informações são iguais em importância e impacto.** Park (1976) introduz a questão da singularidade e do interesse variado, ou

o valor relativo da informação/notícia.[12] Desta forma, o telejornal não é um espelho da realidade,[13] mas uma possibilidade de olhar essa realidade a partir de critérios especificos, que inclui aspectos de uma busca pela pluralidade, proximidade, universalidade, periodicidade, interesse coletivo, dentre outros.

Embora a necessidade de selecionar informações seja comum aos diferentes veículos jornalísticos,[14] o telejornalismo tem critérios diferenciados ou **uma cultura própria,**[15] na qual a questão da imagem tem um papel importante. Um fato aparentemente comum, mas que tenha imagens (capturadas por câmeras de segurança, por exemplo) tem maior possibilidade de ser divulgado. Pelo mesmo critério, temas importantes e/ou decisões governamentais, quando não tem imagens, podem ser resumidas em pequenas inserções, no formato de notas simples.[16]

A necessidade da exposição ao vivo determina que a seleção de um fato para que seja veiculado deve ser rápida e oportunista, em um processo suficientemente automatizado para manter a rapidez e o imediatismo necessario ao telejornalismo, mas também capaz de considerar sua importância relativa, sempre contraposta a acontecimentos que ocorrem em paralelo.

---

12 A questão será mais ampliada nos estudos sobre valores notícias, na análise dos elementos que valorizam uma informação, determinando se ela tem potencial para veiculação jornalística.

13 A Teoria do Espelho, vê a atividade do jornalista como reflexo da realidade. De acordo com Nelson Traquina (2005) essa teoria considera a notícia como reflexo da realidade, em que o jornalista apenas relata os fatos com isenção.

14 Estes processos podem ser compreendidos por meio de estudos sobre as rotinas de produção do material jornalístico, ou ***newsmaking***, abordagem que articula-se a partir do embate entre a cultura profissional dos jornalistas (os aspectos técnicos e éticos da profissão) e a organização do trabalho e dos processos produtivos. (Wolf, 2008, p.188).

15 Uma das características dos valores notícias é que eles não são totalmente rígidos, se adaptam aos veículos, a sua periodicidade e ao contexto.

16 Esse formato será detalhado adiante.

Dessa forma, o processo de selecão do material a ser veiculado é afetado pelo contexto social e pelos aspectos técnicos tecnológicos, mas também por uma prática profissional na qual um dos aspectos mais destacados, é a novidade. Em termos gerais, a informação nova e de grande impacto agrega valor ao jornalismo, uma ver que ao veiculado reforça a força e o alcance do veículo responsável pela sua divulgação.

No entanto, a novidade, além de imprevisível, é altamente perecível, uma vez que pedem o impacto ao se tornarem conhecidas. Embora alguns fatos, dependendo do seu impacto, possam ser explorados, comentados e explicados por um período proporcional a sua importância, eventualmente com a adição novos detalhes, seu impacto – valor enquanto notícia – se diluir com o passar do tempo. Portanto, o telejornal trabalha a partir da **pressão contínua para obeter informações relevantes e sensacionalizar as informações menos importantes.**

A instabilidade da informação nova/inédita é obliterada pela estabilidade do telejornal, que tem data e horário para ser veiculado, e que deve ter um conteúdo novo – ou com aparência de novo - para conquistar o leitor/receptor. Dessa forma, a obtenção de informações (novas e relevantes) envolve uma estrutura rígida de produção e comando, com elementos internos estruturantes (organização do equipamento técnico, estabelecimento de correspondentes e acordos para captação de imagens). Esse processo envolve a organização em setores temáticos, a designação de comentaristas e especialistas (possíveis entrevistados), que possam para agregar valor a informação e ser acionados/agendados, além do acesso a arquivos de imagens, a elaboração de gráficos e outros tipos de ilustação etc.

Elementos como ilustrações e apuro estético na captação e tratamento das imagens rementem a outra estrátégia do telejonalismo para tornar mais atraente uma informação. A ques-

tão estética envolve desde o uso das cores, a ambiência no estúdio, os enquadramentos nas filmagens externas, utilização de vinhetas, ilustrações e outros recursos técnicos, e a própria inserção dos entrevistados, elementos que devem ser planejados para seduzir/conquistar a atenção do receptor/telespectador, ou mesmo provocar um prazer estético. Dessa forma, o telejornal não é agressivamente belo, mas é sedutor, uma vez que ao mesmo tempo em que levam o receptor ao local dos fatos ou o inserem *onde a informação acontece* – colocando-o dentro do acontecimento -, também traz para o telespectador um sentimento de segurança, pois o afasta das possíveis consequências nefastas para quem está no local do fato.

Além disso, o telejornal investe em elementos que garantam um baixo esforço de compreensão dos fatos, ele é objetivo e redundante, com narrações que reforçam e/ou explicam as imagens e vice-versa, apontando vítimas e algozes de forma simplista, delimitando ações e soluções imediatas. A sedução pela imagem se une e se sobrepõe ao uso estratégico da informação, pela exploração diferenciada dos acontecimentos e pela variedade de fontes e pela universalização da cobertura, que procura mostrar *um pouco de tudo agora*.

Parte das estratégias dos telejornais para garantir esse sentimento de pluralidade e equilíbrio envolve o uso estratégicos dos gêneros jornalísticos em suas versões adaptadas ao telejornal. A palavra gênero deriva do latim *genus/generis* (família, espécie), mas desde a Grécia clássica o termo é usado para classificar os diferentes tipos de discurso. Gênero, portanto, diz respeito a categorias ou constructos modelares a partir das quais podemos agrupar trabalhos semelhantes, possibilitando análises mais amplas sobre estratégias de sua produção.

Uma vez que o telejornalismo se equilibra entre informar, opinar e explicar as informações ao mesmo tempo que busca

conquistar a atenção do receptor, a utilização estratégica dos diferentes gêneros jornalísticos envolve contratos de leitura que facilitam a elaboração dos conteúdos, mas também a recepção destes conteúdos, em um processo de pré classificação e facilitação da compreensão.

O conhecimento estrutural dos gêneros jornalísticos permite ao produtores de informações agir em função de um sistema de referência – uma identidade modelar – que facilita aos receptores reconhecer o texto, oferecendo uma leitura antecipadamente um contexto interpretativo que orienta as reações dos receptores. Consequentemente, o uso dos gêneros jornalísticos é uma *estratégia de comunicabilidade* (Martín-Barbero, 1997, p.301), "... uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos". (Martín-Barbero, 1997, p.298).

Os gêneros também funcionam como um instrumento para variedade; ou produção de conteúdos diferenciados, que ao mesmo tempo que seduzem, permitem um ciclo de reaproveitamento e elucidação das informações, eventualmente em uma exposição de multiplos formatos sobre um mesmo tema. Compreender a utilização estratégica dos diferentes gêneros jornalísticos, e como ele envolve um processo de permanente adaptação, subdivisões e classificações, que facilitam a elaboração e a recepção de conteúdos, é também compreender como jornalismo/telejornalismo utiliza uma linguagem diferenciada ou característica.

A partir da somatória destes aspectos, tem-se uma possibilidade de análise que pode facilitar a compreensão de como são tratadas as zonas mais densas e menos densas da cobertura informativa.

O telejornalismo é um espaço de disputa de poder

A atividade jornalística detém um *poder simbólico:* a capacidade/possibilidade de divulgar para o grande público informações selecionadas e impor narrativas sobre esses fatos, influenciando a percepção da sociedade sobre os fatos/acontecimentos. Mais do que opinar sobre os fatos, a imprensa diz quais fatos são relevantes para fundamentar suas decisões – sociais, políticas e, como é o ponto central desta pesquisa – sobre saúde.

Aa própria imprensa (jornalistas e principalmente detentores do controle dos meios de comunicação) tem conciência desse poder simbolíco e, dentro de certos parametros, o usam em seu próprio benefício. Dessa forma o jornalismo define a propria percepção do fato, eventualmente em seu próprio benefício, tanto de forma imediata como histórica.

Destaca-se também que uma vez que o jornalismo é predominantemente uma atividade empresarial, ele é, por princípio, sensível aos interesses de outros grupos empresariais. Especificamente no caso do telejornalismo, o conteúdo jornalístico traz prestígio e poder (social e político) para as emissoras de televisão, se constituindo como espaço importante para negociar seus próprios interesses e eventualmente, de seus financiadores/anunciantes.

A existencia das redes de televisão, e por extensão do próprio telejornalismo. tem relação direta com os grandes conglomerados midiáticos que controlam diferentes veículos, eventualmente em diferentes regiões e até mesmo países, e que se adaptam (e adaptam seus conteúdos) a acordos, contratos, aquisições e investimentos (inclusive, mas não somente, tecnológicos).

No entanto, uma vez que o poder simbólico de um telejor-

nal é diretamente proporcional ao respeito e a atenção que seu público tem por ele, o telejornal não pode prescindir de ações práticas para manter/conquistar seu público, e pelo menos em termos éticos, se afastar do seu compromisso com os fatos. Dessa forma, o telejornalismo se esmera (ou assim faz parcer) em cumprir os princípios éticos que direcionam o jornalismo.

Além disso, o telejornalismo está inserido em uma linguagem televisiva, na qual a dependência da resposta com o público previlegia o apelo sensacionalista. Consequentemente, grande parte do conteúdo do telejornalismo envolve denúncias e elementos emocionais, como a exposição de mazelas sociais, os aspectos mais grotescos ou violentos das ações que fogem as normas ou fere as leis, conflitos pontuais e outros temas/assuntos que possam ser dramatizados ou explorados de forma impactante. Uma vez que na sua própria concepção enquanto instituição e atividade profissional o jornalismo se define como um fiscalizador da normalidade social, isso envolve explorar também a inação, a incapacidade ou a ineficiência do Estado em atender as demandas dos cidadãos e as consequencias destas faltas no cotidiano.

Essa exposição das mazelas sociais e/ou a inação do Estado em seus diferentes níveis (municipal, estadual e nacional) são pontos de tensionamento do jornalismo com o Estado e com os Governos. No entanto, a televisão – e por extensão, o telejornalismo – depende da infra-estrutura pública (fornecimento de energia, distribuição de sinal de satélite, etc.). De fato, a televisão é dependente do Estado em vários aspectos, e o apoio econômico por meio da divulgação de material de cunho publicitário e institucional é apenas um deles. De fato, na maior parte dos países a televisão é uma concessão pública, cuja existencia é definida por normas legais sob constante vigilância do Estado/Governo. Além disso, o Governo e os membros da estrutura

do Estado são também importantes fontes de informação para o telejornalismo, o que gera a necessidade de um constante contato e até mesmo de trocas de eventuais gentilezas.

O inevitável conflito entre esses dois aspectos leva o telejornalismo (e a imprensa de forma geral) a ser vista ao mesmo tempo como espaço para promoção (de políticos e de ideias) mas também com desconfiança. Uma vez que o telejornalismo tem um valor de produção alto, a estrutura em rede– telejornais veiculados em todo país – envolve acordos e responsabilidades com emissoras afiliadas em diferentes estados e regiões, o que sobrepõe interesses locais e nacionais, aumentando os pontos de tensão.

Outro aspecto a ser destacado é que, mesmo nos telejornais generalistas, que de uma forma geral ocupam o chamado *horário nobre*[17] da programação, alguns profissionais tendem a se especializar em determinados temas ou assuntos. Esses profissionais devem obrigatoriamente ser aproveitados, o que leva a uma atenção privilegiada sobre os temas nos quais são especialistas. Além disso, as emissoras afiliadas (que fornecem informações e imagens de diferentes regiões e estados), nem sempre tem os mesmos recursos, ou até a mesma dinâmica de produção, das emissoras que pertencem a rede. Como resultado há uma demanda por processos de treinamento/adaptação dos profissionais das empresas afiliadas, além de outras ações decorrentes de uma previsível necessidade de renovação interna. Tanto a especilização quanto o treinamento dos jornalistas das emissoras afiliadas geram custos e indiretamente expande a dificuldade de manutenção de uma estrutura coesa.

Além dos constantes investimentos na produção de conteúdos factuais, outros custos também devem ser considera-

17 No jargão da mídia, horário que concentra maior audiência e os maiores investimentos da emissora. Especificamente no Brasil, esse horário é tradicionalmente considerado como a janela entre as 19 e 22 horas.

dos, produtores/pesquisadores, ilustradores, arquivistas de imagem e texto, especialistas em edição e informática (entre outros), a equipe do telejornal envolve diferentes profissionais e setores de atuação. Embora estes custos possam (e efetivamente são) diluidos com estratégias de produção em bloco que possibilitam a repetição e reedição do material jornalístico; e até o reaproveitamento de material telejornalístico em outros programas de alguma forma vinculados ao conteúdo jornalístico/informativo, ainda assim os custos de produção do telejornal tendem a ser altos, o que reforça a dependência de uma estrutura empresarial.

A complexidade da estrutura de produção do telejornalismo, os diversos atores envolvidos, faz com que a atividade esteja em constante processo de adaptação e renovação, ou, em uma visão mais crítica, em uma permanente crise de reformulação e adaptação as novas tecnologias e as mudanças sociais.

As adaptações as tecnologias digitais e o uso da internet para transmissão de imagens é uma destas adaptações. Inicialmente, o computador e a intenet foram vistos como um uma nova possibilidade técnica de acessar informações. Aos poucos, no entanto, as tecnologias digitais se impuseram como espaços informativos que concorrem como jornalismo. Dessa forma, os telejornais, antes vistos como "...fonte única de informações para uma parcela muito importante da população" (Bourdieu, 1997, p.23) perceberam o alcance das mídias digitais como uma ameaça ou uma concorrência.

Com relativa agilidade, as redes de televisão criaram ramificações horizontais. Naprática isso significa que empresas que detem canais de televisão também passaram a controlar portais e sites diversos, alguns deles especificamente dedicados ao jornalismo e a difusão de informações. Esse cenário aponta um telejornalismo que enfrenta pressões externas (da política, das empresas, etc.) mas também internas, das pró-

prias empresas na qual estão inseridos.

A internet e os espaços digitais são, portanto, elementos de tensionamento, pois representam ao mesmo tempo um espaço de busca de informações – uma fonte – mas uma vez que a televisão cresce em relação ao tempo livre dos receptores/audiência, uma forma de concorrência por estes receptores. Além disso, um fator agravante que logo ficou claro para o jornalismo foi a visibilidade que os veículos digitais deram informações produzidas sem a base estrutural técnica e ética do jornalismo, e principalmente parainformações maliciosas, inverídicas e intencionalmente deformadas – as chamadas *fake news.*[18]

Tensionado pela enxurada de informações disponibilizadas em diferentes sites e redes sociais, o telejornalismo tem sido ameaçado em sua credibilidade. Ainda que o telejornalismo se apoie em uma relação de confiança históricamente construída, o uso das imagens é mais do que um reforço importante: é a comprovação que o fato (preferencialemente ao vivo) aconteceu/está acontecendo, tornou-se uma ferramenta ainda mais fundamental. O espaço digital como falseador de informações e imagens, portanto, é uma ameaça a credibilidade do telejornalismo.

Mesmo com perdas de audiência e de prestígio, o telejornalismo tem sabido se adaptar: a captação de imagens externas, particularmente testada durante a pandemia do Corana-Vírus, fortaleceu as possibilidades de captação de imagens digitais, abriu espaço para conteúdos participativos e colaborativos e já esbouça novos formatos de jornalismo opinativo.

Nessa perspectiva, a inserção da televisão brasileira deve ser compreendida a partir de sua relação com o contexto social e político do país. De fato, o jornalismo na televisão - o

18 Ainda que o termo tenha se capilarizado, Sodré entende que se trata de uma impressição pois termos mais adequados seriam desinformação, boato ou mentira.

telejornalismo – tem uma relação complexa com os Governos, com o Estado e com a Sociedade, sendo visto pelos tres setores como espaço para exposição e reivindicações para mudanças, mas também como inimigo eventual ou parceiro de pouca confiabilidade.

Essa complexidade, evidentemente ainda mais tensionada em momentos de crise – como foi o caso durante a Pandemia do Corana-Vírus – envolve diferentes elementos, inclusiva a compreensão de que a circulação de informações na televisão não se restrige ao modelo tradicional de telejornalismo. De fato, o espaço dedicado a informação na televisão responde a questões sociais e históricas, aí incluido uma política específica do Gverno Militar que, no processo de implantação/consolidação da televisão no Brasil, fez da televisão, e por extensão do telejornalismo, a mais importante forma de acesso a informação dos brasileiros.

Nesse contexto, nas últimas décadas os desafios trazidos pela tecnologias empurraram o telejornalismo brasileiro na busca por novas estratégias, novas formatações e até mesmo novas possibilidades para seduzir um receptor cada vez mais exposto amúltiplas possibilidades digitais de acesso a informação.

O TELEJORNALISMO BRASILEIRO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O telejornalismo brasileiro se consolidou com o apoio do Governo Militar, que não apenas investiu em infraestrutura para a ampliação das Redes de Televisão, como utilizou o sucesso do veículo para propagandear – se propagandear – o sucesso do modelo de desenvolvimento adotado pelo durante esse período. A principal beneficiada por esse processo foi a Rede Globo de Televisão, cuja relação simbiótica com o Governo foi um dos elementos marcantes deste período.

Essa proximidade foi se afrouxando na mesma velocidade que as fragilidades do Governo Militar crescian, a tal ponto que, a partir da pressão popular e dos próprios jornalistas (inclusive da Rede Globo de Televisão), as grandes redes apoiarem a proposta de eleições diretas (Marques de Melo, 2009). Essa relação tornou-se mais evidente somente a partir do fim da censura institucional, mas momentos diversos, como a cobertura de eleições, a posse dos presidentes eleitos e as votações para uma nova constituição – a constituição cidadã aprovada em 1988 – deixaram claro que a mudança no conteúdos dos telejornais era também uma opção estratégica e uma proposta empresarial.

A partir desse ponto, outras mudanças se impuseram, em parte em função do contexto social e político, mas também em função de um novo cenário no qual a distribuição de conceções possibilitou o surgimento de novas Redes de Televisão com propostas diferenciadas de telejornalismo, em alguns casos voltadas para um telejornalismo popularesco/sensacionalista.

A Rede Globo de Televisão soube das continuidade as conquistas obtidas durante o regime militar, mas sentiu o peso da concorrencia e viu seus números de audiência vagarosamente desabarem. Essas perdas tem continuidade no século XXI, não apenas em função da concorrência entre as emissoras de televisão de sinal aberto, mas também pela emergência das emissoras de sinal fechado e da própria internet, que abre espaço para multiplas possibilidades da produção televisual.

O painel que se desenha na primeira década do novo século é ainda mais complexo. O país que passou por dois mandatos do petista Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo processo de impedimento de Dilma Roussef, sucessora de Lula, eleita por uma pequena vantagem para um segundo mandato, foi permeado por denúncias de corrupção e pelas ações, posteriormente

consideradas suspeitas, da chamada Operação Lava Jato, cujo ápice foi a prisão do ex-presidente Lula.

Esse embróglio chega ao Supremo Tribunal Federal, mas a determinação da soltura e elegibilidade de Luiz Inácio Lula da Silva, somente é realizada após as eleições de 2018, que foi vencida pelo então deputado Jair Bolsonaro. A disputa foi peculiar em vários sentidos, e o mais evidente foi a emergência da extrema direita como força política. Para as grandes redes de televisão que, apesar de tentativas de aparente neutralidade, sempre estiveram presentes nas disputas políticas nacionais, as preferências se tornaram mais evidentes. A Rede Record, cujos laços com a Igreja Universal do Reino de Deus são conhecidos, apoiou o candidato eleito, mas a Rede Globo de Televisão, cujas inclinações no primeiro turno se aproximavam do centro, optou por uma *neutralidade incômoda*, uma vez que não se sentia próxima de nenhum dos candidatos que chegaram ao segundo turno.

A tensão entre a Rede Globo de Televisão e o Governo chegou a novos patamares já nos primeiros anos de Jair Bolsonaro como presidente, uma vez que, mesmo após eleito, ele manteve sua presença na internet – particularmente nas *lives* das quinta-feira – como opção preferencial de visibilidade e, de forma canestra, prestação de contas do seu mandato. Pouco afeito a entrevistas coletivas (Temer, Souza, 2022, p.57-82) e outras ações de prestação de contas, Bolsonaro respondia de forma rápida (e em geral ríspida) as perguntas da imprensa, não sendo poucos os momentos em que se envolveu com agressões à jornalistas (Tuzzo, Temer, 2021).

Essa relação assume novas proporções em função da crise sanitária provocada pelo Corona vírus, evidenciando o conflito entre a posição assumida pelo Presidente Bolsonaro, que minimizou a importância da doença, defendendo ações alterna-

tivas (ou nenhuma ação), uma vez que considerava o contágio de grande parte da população como inevitável; e a Rede Globo de Televisão que, assim como outros veículos da imprensa, defenderam as recomendações da Organização Mundial da Saúde e uma abordagem mais científica da crise.

Na medida em que a crise sanitária se torna mais evidente, se instala no Brasil uma crise política, em muitos casos conjurada pelo desacordo entre o Presidente Bolsonaro e Governadores ou Prefeitos de diferentes estados da União, mas com reflexos nos poderes Legislativo e Judiciário, que se manifestam de forma contrária as decisões do Executivo e pressionam inicialmente no sentido de ações de prevenção do contágio da Covid-19, e posteriormente pela compra de vacinas, entendendo que essa era a melhor forma de vencer o vírus.

Em princípio, infere-se que a cobertura da pandemia avança com a mesma velocidade do crescimento dos números vítimas da Covid-19 se amplia. Mas a cobertura jornalística destes fatos também envolve uma relação conflituosa, e até mesmo uma radicalização, entre aqueles que apoiam o Governo e aqueles que defendem as orientações da Organização Mundial da Saúde e ações mais radicais no controle da pandemia. Em princípio, seria esperado que a maior parte da imprensa se colocasse ao lado das posturas apoiadas pela Ciência, o que de fato aconteceu na Rede Globo de Televisão e outras grandes redes. No entanto, uma observação inicial aponta que a polarização da sociedade gerou reações diversas em alguns espaços voltados para o telejornalismo. A postura dúbia de alguns veículos permaneceu ainda que as críticas diretas à imprensa realizadas tanto por setores ligados ao Governo e por seus apoiadores, inclusive com referências nominais a empresas jornalísticas e até à alguns profissionais específicos, tenha potencializado a postura crítica de parte da população (contra

as ações de isolamento social mas também contra a cobertura jornalística a respeito da pandemia) que partiu para ações de violência verbal e até física contra profissionais de imprensa.

Considerando elementos característicos da prática jornalística, o telejornalismo reagiu com um ações ancoradas em estratégias para manter seu *status* e reforçar sua credibilidade, no uso estratégico dos gêneros jornalísticos, mas também de tematização e enquadramentos, eventualmente destacando as ações do Governo, o impacto da pandemia enquanto tragédia/crise sanitária, entre outros aspectos.

Questiona-se, no entanto, se essa cobertura jornalística específica gerou um maior conhecimento sobre ciência/conhecimento científico, levando a uma popularização ou valorização desse conhecimento, ou mesmo abrindo espaço para uma eventual *alfabetização científica*,[19] ou seja, uma forte disseminação de um conhecimento básico sobre ciência e seus conceitos fundamentais.

Outro aspecto a ser destacado é se, e como, as condições impostas pela pandemia – aumento do isolamento social e preocupações sanitárias de ordem diversa – fortaleceu novas propostas do telejornalismo, em particular aspectos que envolvem o uso/exploração da interatividade mediada por tecnologias digitais.

Nesse contexto, entende-se a questão da interatividade a partir do conceito de Lévy, (1999, p.79) como "...a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação", em que exista contato simultâneo entre as partes do processo comunicativo, com respostas imediatas.Em princípio, a interatividade sempre foi um elemento de preocupação do telejorna-

19 Alfabetização Científica é o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e a mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem, ensinando a ler e interpretar a linguagem construída pelos homens e mulheres para explicar o nosso mundo (Chassot, 2003).

lismo, mas sem função das condições técnicas, evidenciou-se a opção de uma interatividade-simulada ou diálogo simulado, cuja marca é uma linguagem que se dirige de forma direta ao telespectador, o convida a ver e, dentro de limites pré-determinados, a participar.

Essa preocupação é perceptível quando consideramos que veículos como televisão, rádio e jornais impressos tradicionalmente ofereciam aos seus telespectadores, ouvintes e leitores possibilidades de contato por telefônico ou abrindo espaço para as *cartas do leitor*. No entanto, novos processos digitais ampliaram as possibilidades destes contatos, uma vez que possibilitaram ao receptor/telespectador acompanhar as reportagens por meio de sites institucionais das emissoras de televisão e deixar comentários em perfis ou páginas em mídias sociais, como o Twitter e o Facebook. Da mesma forma, as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais também foram amplamente exploradas na busca de melhor qualidade imagética e no uso de recursos de ilustração. Consequentemente, o jornalismo na TV precisou se adaptar, não só por meio da ampliação no uso tecnologias digitais, mas também com a reconstrução da forma de produzir e apresentar o jornalismo, o que consequentemente altera seu conteúdo.

Esses elementos ganharam maior visibilidade, e maior necessidade de uso, a partir dos limites impostos à circulação de pessoas pandemia de Covid-19, uma vez mesmo durante o período mais grave da circulação do vírus, permaneceu a necessidade do telejornalismo de continuar a ser produzido, de manter o ritmo informativo e o compromisso de levar ao seu público informações sobre a crise sanitária.

Segundo declarações da própria imprensa, e em particular de um conjunto de veículos capitaneados pela Rede Globo de Televisão, esse compromisso deveria ser amparado em conhe-

cimentos científicos e respaldado pelo aval dos produtores desses conhecimentos – ou seja, médicos, professores e pesquisadores ligados à área da saúde em seus diversos vieses, em uma situação que, ao mesmo tempo, garantisse o acesso dos jornalistas aos dados, mas também reafirmasse o respeito a situações/conhecimentos e respostas médicas/científicas que possibilitassem o controle da pandemia.

Em termos práticos, questionou-se se essa opção gerou uma maior visibilidade/utilização de conteúdos participativos e dos conteúdos colaborativos. Entende-se como conteúdo participativos os diferentes tipos de registro audiovisual, como áudio, vídeo, fotografia, capturado por amadores (pessoas sem formação técnica e teórica ligada ao jornalismo, incluindo instituições policiais) e enviadas à equipe de produção de um telejornal, para a composição de reportagens. Dessa forma os conteúdos participativos resultam de contribuição voluntária dos receptores/audiência, produtos enviados ou disponibilizados as emissoras de televisão sem garantias de que o material enviado será efetivamente veiculado. Os conteúdos colaborativos diferem do material participativo porque incluem um convite dos produtores de conteúdos – uma intenção deliberada/planejada de um convidado ou convidados em entrevistas ou outro tipo de participação em não presencial, em uma dupla intervenção: do noticiarista(s)/entrevistador(es) com o entrevistado(s), e da somatória deste material, editada e selecionada (pelos cortes do editor e pelo uso de câmeras, mesmo que ao vivo).

Questionou-se, portanto, se a ampliação da possibilidade de usos de conteúdos participativos e colaborativos possibilitou ao telejornalismo abrir maior espaço para médicos, professores e pesquisadores que, estando direta ou indiretamente ligados ao combate e à compreensão da pandemia, de forma que pudes-

sem ser entrevistados e até mesmo *vedetizados*, em uma ação potencial para valorização do conhecimento científico.

A partir destes questionamentos, tornou-se importante analisar o uso de conteúdos participativos/colaborativos para a divulgação da cultura científica e da ciência de forma ampla nos processos telejornalísticos, e como sua realização também aponta a necessidade de compreender os processos comunicativos relacionados aos produtores e receptores do jornalismo apresentado na TV. Propõe-se ainda, assim, ampliar a compreensão de que o acesso à informações sobre ciência e saúde é elemento essencial para a cidadania.

Nesse sentido, este trabalho analisou a participação na produção dos conteúdos participativos e colaborativos também como oportunidade para que os especialistas em ciência, autoridades diversas, mas também os cidadãos em geral "tenham voz" nas matérias jornalísticas. Buscou-se entender como a divulgação científica é usada como elemento estratégico que reforça a credibilidade do telejornalismo e a qualidade da informação, se efetivamente valoriza a ciência e abre espaço para um maior interesse do público sobre ciência, ou se é uma exploração pontual com baixo valor educativo e/ou para a formação dos cidadãos em geral.

PANDEMIA, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA

O ponto de partida para entender a relação entre comunicação é a compreensão de que estar saudável é estar em equilíbrio nos aspectos de bem-estar social, físico e psíquico. Nesse sentido, fenômenos ou contextos que ameacem esse equilíbrio devem ser percebidos como problemas de saúde pública.

Na mesma perspectiva, uma pandemia deve ser percebida como grande fator de risco, pois vai além da doença que resul-

ta das contaminações que afetam a ordem social e consequentemente as relações políticas e econômicas. De fato, no caso específico dessa pesquisa, desde as primeiras informações sobre a COVID-19, também conhecida como Corona vírus, a doença foi vista ao mesmo tempo com medo e suspeita.

Em princípio, a mídia divulgou a hipótese que o vírus tenha surgido em um mercado de frutos do mar, na cidade chamada Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. Embora essa origem ainda esteja não tenha sido confirmada, suas consequências são notáveis. A pandemia da COVID-19 afetou negativamente a economia mundial e, ainda que com números variáveis, levou perdas de vidas em diferentes países.

Especificamente, o Brasil foi um dos países mais afetados pela pandemia da COVID-19 no mundo, com mais de 5 milhões de casos confirmados e mais de 750 mil mortes.

A pandemia impactou negativamente a economia brasileira, com aumento do desemprego, fechamento de empresas e queda da atividade econômica. Da mesma forma, a emergência sanitária também apontou as condições de fragilidade do sistema público de saúde no país. Em algumas regiões do país, o sistema entrou em colapso devido ao aumento do número de casos, levando à falta de leitos hospitalares, medicamentos, oxigênio e profissionais de saúde. Consequentemente, a pandemia aprofundou as desigualdades sociais no país, afetando especialmente as populações mais vulneráveis, como as comunidades indígenas, quilombolas, pobres e negras.

Além disso, a pandemia levou ao adiamento das eleições municipais em alguns estados, o que agravou incertezas, em parte potencializadas por um grande volume de desinformação (*fake news*), que por sua vez impactou também a tomada de decisões quando a medidas de combate a pandemia, ampliando a própria disseminação da doença. Sobretudo, a pan-

demia aprofundou a polarização política que já estava presente nas eleições presidenciais de 2018, abrindo espaço para manifestações agressivas.

A pandemia do Corona vírus também afetou a imprensa. Muitos anunciantes cancelaram seus contratos ou reduziram seus investimentos, o que potencializou reestruturações internas e eventuais demissões. Em contrapartida, aumentou a circulação de informações nas redes sociais sobre remédios e soluções milagrosas e outras informações pouco confiáveis sobre a doença e sobre a pandemia.

Apesar deste cenário, especificamente no caso do telejornalismo que, apoiados em uma relação histórica de confiabilidade, teve um significativo aumento das audiências. De fato, a pandemia se instala em um contexto no qual o telejornalismo se encontrava em um processo de renovação, em grande parte potencializada pelos usos das tecnologias digitais, tanto no que diz respeito ao acesso à informação como a própria dinâmica de produção de conteúdo para os telejornais. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a cobertura das notícias sobre a doença e as medidas de combate ao vírus se tornaram prioridade para o telejornalismo, afetando de forma perceptível as pautas do telejornalismo, o próprio telejornalismo aumentou o ritmo de suas mudanças internas, potencializando estratégias até então pouco usadas e desenvolvendo novos recursos televisuais.

No entanto, essas mudanças não foram homogêneas: diferentes telejornais, veiculados assumiram posturas diferenciadas, e eventualmente contraditórias, sobre a ampliação do uso de tecnologias digitais. Da mesma forma, foram adotadas diferentes possibilidades de abordagem sobre o impacto da pandemia e as medidas necessárias para o seu enfrentamento.

A falta de informações e até mesmo a falta de transparência no acesso aos dados uma vez que os órgãos governamen-

tais não aparentemente não conseguiam (ou não desejavam) acompanhar o número de pessoas afetadas pela Pandemia, gerou uma crise confiabilidade nos dados do Governo, levando parte dos jornalistas/veículos de imprensa – e por extensão do telejornalismo - a buscar alternativas. Alguns veículos de comunicação e emissoras de televisão traçaram estratégias para acompanhar as atualizações dos números de casos e de mortes – em alguns casos formalizando acordos com outras empresas de imprensa. Em um contexto de polarização e desconfiança, foi necessário também a adoção de medidas protetivas para garantir a segurança dos profissionais de imprensa, além de outras ações que possibilitassem a continuidade do acesso e veiculação de informações neste momento de crise.

Na somatória destes aspectos, a atuação da imprensa foi questionada tanto em função de seus vínculos políticos, mais ou menos evidentes, mas também por setores da população que questionaram a própria validade científica das informações divulgadas na imprensa, eventualmente pressupondo tramas e interesses espúrios no surgimento do vírus e na própria disseminação e controle da pandemia. Apesar de representar um momento extremo, a compreensão destes movimentos envolve um melhor entendimento sobre a relação entre jornalismo e comunicação científica.

Oliveira (2002) lembra que, apesar do avanço do jornalismo especializado (científico) nos últimos 20 anos, ainda perduram os questionamentos sobre a validade ou não de divulgar Ciência e Tecnologia (C&T). De fato, a relação entre ciência, mídia e sociedade tem sido transpassada pelo reforço de uma parte do imaginário social que compreende a ciência e os indivíduos que trabalham com ciência como apartados das demais atividades desenvolvidas pela sociedade.

A necessidade de divulgar a ciência e dar espaço aqueles que trabalham nesse setor é também questionada por jornalistas defensores da não especialização e por outros produtores de informação, e mesmo por cientistas-pesquisadores cépticos quanto à capacidade dos meios de comunicação de serem eficientes para traduzir a linguagem científica para o público (Oliveira, 2002, p.11).

Essa foi uma dificuldade particularmente evidente no telejornalismo, em uma postural em geral reforçada pela ausência de jornalistas especialistas ou com formação científica. Mesmo quando aborda temas ligados a ciência e a medicina, a televisão/telejornalismo tende a utilizar recursos tecnológicos/digitais (como a animação ou outros recursos de filmagem) para deslumbrar o seu receptor, sem buscar transformar informação em conhecimento. Mesmo quando abrem espaço para os produtores de conhecimento científico – em especial, professores e pesquisadores –, os telejornalistas se ressentem da linguagem específica utilizada por esses atores sociais, e tendem a buscar simplificações ou facilitações que distorcem os conteúdos.

Nesse sentido, é válido considerar aspectos e variáveis do conceito de Comunicação Pública (CP), que, mesmo sem apresentar consenso em sua definição e sendo ainda pouco discutido entre os pesquisadores e profissionais da área da comunicação e da divulgação científica, tem ganhado destaque nos últimos anos, em especial durante a Pandemia.

A definição com maior capilaridade sobre o termo é a de Zémor (1995), para quem Comunicação Pública diz respeito à comunicação formal realizada pelas instituições para a troca e o compartilhamento de informações de utilidade pública. Nesse sentido, ainda seguindo a linha desse autor, a Comunicação Pública colabora para a manutenção do lugar social, sendo responsabilidade de instituições públicas.

A definição, no entanto, leva ao questionamento do próprio sentido dado ao termo instituições públicas, uma vez que elas não são restritas aos órgãos do Estado ou representantes do Governo. Instituições públicas devem ser pensadas como instituições organizadas, tornadas públicas por estarem atendendo ao interesse público ou realizando serviços de utilidade pública. Nesse sentido, tanto o telejornalismo quanto as instituições produtoras de conhecimento científico são instituições públicas, que estão envolvidas (ou deveriam estar) em diferentes formas de divulgação de informações de interesse público, de forma a garantir que o receptor exerça seu direito de receber essas informações, tendo oportunidade de participar do debate na esfera pública (Santos, 2019).

Cabe dizer, ainda, que para alguns autores a Comunicação Pública tem relação, mesmo que indireta, com a Comunicação Governamental ou desenvolvida por órgãos do Governo e/ou do Estado, "...incluindo-se entre eles entidades de administração direta, indireta e autarquias, nas esferas federal, estadual e municipal." (Brandão, 2009, p.39), mas também pode ser desenvolvida por diferentes organizações. De acordo com Monteiro (2009), a singularidade da comunicação pública está na relevância e no interesse público da mensagem, devendo prevalecer no seu conteúdo o atendimento ao interesse de todos.

A televisão e o telejornalismo, portanto, têm uma relação direta com a informação pública devido sua intrínseca relação com a informação de interesse público. De fato, essa é uma das bases do jornalismo.

Para Groth (2011), o ser humano está inserido em um mundo objetivo, mas também em constante mudança. Ao dar acesso à informação, o jornalismo colabora para que haja mediação entre o mundo diante de si (o mundo do cotidiano) e o conhecimento de outras áreas da vida, que submergem nesse

cotidiano sem que cada indivíduo pense especificamente a seu respeito. É o caso da tecnologia e do conhecimento científico. Nesse sentido, os conteúdos apresentados pelo jornalismo ajudam a compor novas relações/novas percepções, que se tornam elementos construtivos de novas percepções da realidade.

Meditsch (1997) aborda o vínculo do jornalismo como forma de produção e reprodução de conhecimento. Corroborando com os estudos de Paulo Freire (1983, 1989), entendemos que o conhecimento não se transfere, ele se conhece, se recria. Uma vez que o telejornalismo se imiscui no cotidiano, e afeta emocionalmente o receptor, ele tem o potencial para contribuir com a tomada de consciência. A partir do conhecimento compartilhado pelas instituições sociais, a compreensão do conhecimento científico é essencial para que o indivíduo se mantenha em permanente atualização sobre conhecimentos e comportamentos coerentes com as suas necessidades. Dessa forma, a divulgação científica deve ser compreendida com um sentido mais amplo informação devendo incluir possibilidades que viabilizem ao cidadão ter pleno conhecimento da informação que o afeta no cotidiano, inclusive aquela que não busca por não saber que existe (Duarte, 2009, p.64).

Uma vez que um dos fundamentos do jornalismo é a atualidade (Groth, 2011), seu papel na constante divulgação do conhecimento científico é fundamental. Assim como a ciência, o jornal comunica "o presente que se refere ao futuro" (Groth, 2011, p.229), apontando informações essenciais para uma sociedade em permanente transformação. Nesse sentido, a informação jornalística contribui para a tomada de consciência a partir do conhecimento compartilhado sendo ele mesmo um ator social que, ao divulgar conhecimento (inclusive o conhecimento científico), modifica a sociedade, ampliando a sua percepção do presente e do futuro.

No entanto, é necessário acrescentar que, da mesma forma como afeta a sociedade, as percepções da sociedade sobre o jornalismo e sua importância enquanto *serviço público*, fazem o jornalismo buscar readaptações e se modificar. Dessa forma, o jornalismo se aproxima também da relação dialógica, pois deve estar atento a múltiplas vozes e agir de forma relacional com elas. O jornalismo existe em função do seu público ou – utilizando uma das máximas do telejornalismo –: não adianta fazer o melhor telejornal do mundo se ninguém for ver.

Dessa forma, a compreensão da Comunicação Pública tanto pode ser observada nas instituições enquanto produção comunicacional, quanto nos meios de comunicação, uma vez que esses meios garantem o acesso à informação. No caso específico do telejornalismo, a divulgação científica é perpassada por interesses específicos nos interessa saber se isso inclui uma tendência de valorização/ampliação do espaço de exposição da cultura científica.

O CONTEXTO EM QUE SE DESENVOLVEU O ESTUDO

O pressuposto adotado nesta pesquisa é que o telejornalismo tem buscado estratégias para conquistar/reconquistar a audiência oferecendo novos tipos de conteúdo. Entre essas estratégias, está a ampliação do espaço dedicado ao conhecimento e à comunicação da ciência, em parte em função da pandemia, mas também como uma compreensão de importância deste tema na sociedade contemporânea.

Parte dessa exposição ocorre por meio de conteúdos participativos e conteúdos colaborativos. Esse material tem o potencial para abrir portas para uma participação cidadã, de forma que os receptores influenciem a pauta do telejornal. A partir

desse vínculo, esta pesquisa procura entender esse momento de adaptação do telejornalismo, apontando os usos que têm sido dados a essas novas ferramentas e como elas interferem nas rotinas de produção jornalística e no conteúdo dos telejornais locais e nacionais. Propõe-se, portanto, a análise do telejornalismo em duas versões – o telejornalismo efetivamente veiculado pela Rede Globo de Televisão, consolidada em prestígio e excelência técnica, e o telejornalismo da Rede Record, com seus vínculos e interesses mais expostos. Compreende-se que, mesmo tendo propostas diferentes, esses espaços estão em estão interligados e se afetam mutuamente, além de se constituem como espaços consolidados do telejornalismo.

Entende-se, ainda, que a divulgação da ciência é (ou deveria ser) um esforço de Comunicação Pública, que tem ainda maior importância no âmbito de uma sociedade em permanente transformação e na qual os meios de comunicação estão diretamente relacionados com a construção dos valores. Nesse sentido a constituição de uma cultura que valoriza a ciência desperta a atenção de diferentes setores do Estado e do Governo, que desejam (ou não) incentivar essa atividade.

Em tal contexto, essa pesquisa buscou problematizar a situação, inserindo questionamentos sobre qual o espaço da ciência no telejornalismo e qual a ressonância (valor simbólico) atribuída a essa atividade no conteúdo telejornalístico. A divulgação científica apresentada no telejornalismo abre espaço para o debate sobre o valor e a importância dessa produção? Há alguma relação com a Comunicação Pública voltada para a ciência?

Manso (2015, p.1) lembra que a Comunicação Pública da Ciência atua como "espaço substancial de mediação e diálogo entre a academia e a sociedade" e "que envolve atores sociais dos mais variados ambientes" na formação da cultura científi-

fica. O mesmo autor (2015b) afirma que a Comunicação Pública da Ciência coloca no centro do debate a importância de considerar no processo o cidadão não especializado em ciência, ou, em outros termos, trabalhar no sentido de despertar o interesse desse cidadão e, da mesma forma, buscar uma linguagem adequada para a compreensão dos conteúdos científicos. Todos esses aspectos são indiretamente refletidos nos materiais jornalísticos sobre ciência e tecnologia, e nos interessa saber de que forma se dá esse reflexo. A importância da pesquisa emerge também em função da escassa a produção de revisão de literatura sobre a cobertura jornalística de temas de interesse para a Saúde Coletiva (Langbecker *et al.*, 2019), o que por sua vez aponta a dificuldade dos pesquisadores (e dos próprios jornalistas) de se aprofundarem nesta relação.

Assim, a problemática que ampara a pesquisa diz respeito ao fato de que é esperado do telejornalismo a consonância com as diretrizes de Comunicação Pública, sendo importante, em particular, que sua divulgação científica esteja voltada para a divulgação e comunicação da ciência com vistas ao engajamento social, mas não existe uma certeza, ou mesmo indicadores, de que isso é realizado.

A pesquisa parte também do pressuposto de que o direito à informação, e, portanto, à comunicação, à educação e à vida cidadã, pertence a todos e não deve ser privativo de setores exclusivos. Cabe ao telejornalismo, portanto, atuar como mediador, oferecendo informação de qualidade, em linguagem adequada, e trabalhar a difusão e a comunicação da ciência, buscando contribuir na formação de cidadãos capazes de acessar esse conhecimento e, a partir dele, tomar decisões válidas para o seu futuro, para sua família e para a sociedade.

Nesse sentido, é essencial o amplo conhecimento do(s) meio(s) de comunicação a serem estudados, entendendo suas potencialidades, sua eficiência e seu uso, para então criar saberes sobre a possibilidade de divulgar a ciência e o conhecimento produzidos no âmbito acadêmico e científico. Nessa tarefa, também é fundamental o aporte teórico para debater aspectos relativos à questão do jornalismo e da cidadania, sempre amparado na reflexão de que o jornalismo não é apenas um relato, mas a interpretação da realidade,[20] em específico, neste caso, da realidade acadêmica e científica.

20 Fala do pesquisador Alfredo Vizeu em conferência no 13º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – ENPJ em 2010.

RESULTADOS BUSCADOS E CAMINHOS PERCORRIDOS

Os resultados da pesquisa aqui apresentados tiveram como base uma análise comparativa das matérias que divulgam ciência e suas interfaces no contexto da pandemia em duas emissoras de sinal aberto, verificando como se deu essa cobertura, os atores sociais envolvidos na divulgação científica, gêneros e formatos envolvidos nessa divulgação e o uso de novos formatos – conteúdos colaborativos e conteúdos participativos na cobertura midiática da comunicação da ciência no telejornalismo. São elementos observados na pesquisa:

a) divulgação da produção científica das instituições públicas e privadas brasileiras pelo telejornalismo em contexto de pandemia;

b) a qualidade do material apresentado com relação à possibilidade de fomentar, valorizar ou abrir espaço para a discussão de temas científicos contemporâneos; e

c) a vinculação do material sobre a ciência com o cotidiano da vida social (como pode ser explicitamente observado durante a pandemia de Covid-19) a fim de estimular e favorecer a compreensão de que o conteúdo de ciência e tecnologia afeta a vida em sociedade e é fundamental para o desenvolvimento tanto tecnológico como social.

De posse das informações coletadas, e considerando os aspectos já citados na descrição inicial da pesquisa, a intenção foi buscar informações por meio de pesquisa documental sobre normas e a cultura profissional da divulgação científica nas empresas que veiculam telejornalismo, e fazer um levantamento amplo do conteúdo ligado a C&T veiculado pelo telejornalismo em especial o produzido/veiculado na televisão brasileira, região em que se desenvolveu a pesquisa.

Tendo em vista os objetivos anteriormente citados, são considerados objetivos específicos:

d) Mapear o conjunto do material, veiculado em dois telejornais brasileiros referente a divulgação científica e/ou notícias e reportagens sobre ciência e tecnologia;

e) Analisar as representações dadas pelo telejornalismo às atividades de Comunicação Pública da Ciência, tecnologia e inovação, verificando como essas ações ecoam nos telejornais;

f) Apontar estratégias utilizadas pelo telejornalismo para a divulgação de temas e assuntos específicos da ciência e tecnologia;

g) Apontar quem são (ou quais são) os atores sociais – pesquisadores, médicos etc. – escolhidos pelo telejornalismo para serem porta-vozes do conhecimento científico;

h) Definir qual o conceito de ciência e cultura científica formado a partir do material divulgado sobre o tema no telejornalismo.

Tendo em vista que esta pesquisa também contemplou em seu escopo resultados de trabalhos anteriormente realizados e estudos/orientações diversos, foi realizado um acompanhamento sistematizado do telejornalismo com coleta de dados a partir da Análise de Conteúdo, seguido de tratamento por meio da Análise Audiovisual e Leitura Crítica da Mídia.

De origem positivista, a Análise de Conteúdo sempre esteve presente nos estudos de Comunicação. No entanto, segundo Fonseca Júnior (2010), por valorizar a técnica de pesquisa objetiva e quantitativa, o que se aproxima das Ciências Exatas, pesquisadores marxistas argumentavam que a Análise de Conteúdo não conseguiria atingir a crítica aos veículos de comunicação.

A metodologia não foi descartada por estudiosos, que, em vez de utilizarem meramente a descrição, apostaram na valorização da inferência, de aproveitar os dados coletados para deduzir de maneira lógica. Segundo Fonseca Júnior (2010), essa técnica se tornou relevante, pois permite observar aspectos latentes das mensagens analisadas. Nesse sentido, ao contrário da valorização única de dados numéricos, a Análise de Conteúdo aposta no aspecto tanto quantitativo quanto qualitativo das mensagens. Acrescenta-se ainda que nas aplicações mais recentes a Análise de Conteúdo tem sido repensada a partir da compreensão de que o trabalho crítico não deve ser definido pelas metodologias ou técnicas que utiliza, e sim ampliado cientificamente por elas.

Um estudo sistemático é aquele que trabalha com regras definidas, ou seja, um sistema operacional que conduz à pesquisa. Trata-se, portanto, da busca por dados objetivos ou, dito de outra forma, por uma análise objetiva que, desde o início, propõe-se a responder uma questão, a atingir um "objetivo", considerando que, dentre as possibilidades de investigação e análise, a quantidade é uma qualidade relevante para se compreender o conjunto dos dados investigáveis (Temer, 2011, p.413).

Dessa forma, mais do que apontar a quantidade, a metodologia utilizada contribuirá para que sejam estudados os tipos de conteúdos participativos e para mostrar os elementos que definem o jornalismo apresentado na televisão. Na Análise de Conteúdo fundamentada na objetividade, a categori-

zação é uma etapa importante do método para a praticidade da pesquisa. Ao classificar e reagrupar os dados para coleta, as informações reunidas podem se tornar compreensíveis. Dessa forma, os gêneros, a partir da ideia de agrupamento de características semelhantes, são categorias que se adequam à Análise de Conteúdo e que ajudam no desenvolvimento da pesquisa.

Como já apontado, a categorização de gêneros sofre influência da própria história e a interferência de dinâmicas socioculturais contribui para o surgimento de novos modelos. Os produtores de conteúdo de veículos de comunicação mediada precisam se adaptar aos padrões para conquistar audiência e para permanecer no mercado em que estão inseridos, logo, precisam acompanhar as transformações tanto internas como externas do sistema produtivo.

Uma vez que o desenvolvimento da pesquisa envolveu os conteúdos participativos e colaborativos dos telejornais na divulgação científica, a classificação de gêneros é importante para perceber as modificações que o jornalismo apresentado na televisão vem sofrendo, a partir da participação (solicitada ou espontânea) dos telespectadores.

Sobre a classificação dos gêneros no jornalismo no Brasil, Temer (2011) mostra que Luiz Beltrão (1967) foi o primeiro a elencar as categorias informativa (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem), interpretativa (reportagem em profundidade) e opinativa (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor) e influenciou outros pesquisadores a expandirem essa categorização. Existe, por exemplo, a classificação a partir dos tipos de conteúdos (jornalismo esportivo, jornalismo literário, jornalismo feminino).

Outro suporte metodológico da pesquisa é a Análise Audiovisual, que se realiza a partir da compreensão dos diferentes elementos que contribuem para a construção dos produtos midiáticos audiovisuais a partir de três fases: descrição, análi-

se televisual (estudo quali e quantitativo) e interpretação dos resultados. Trata-se, portanto, uma variante da Análise Audiovisual proposta por Becker (2012).

Obtidos os resultados, a intenção foi contrapor aspectos quantitativos da Análise de Conteúdo aos elemento qualitativos da Análise Audiovisual, com destaque às questões relativas à estrutura do texto telejornalístico e aos elementos que caracterizam o modo como o produto audiovisual se apresenta, na temática ou tematização (que revela os campos temáticos privilegiados em determinado produto audiovisual) e no enquadramento adotado, verificando se é episódico, com foco no evento, ou temático, com o relato do contexto no qual se insere o fato.

Outro elemento central nessa análise é a tematização (no caso, a pandemia como tema central do telejornalismo), expressão utilizada nos estudos sobre jornalismo para diagnosticar a tendência que os veículos jornalísticos têm de enfocar com maior frequência temas ou assuntos específicos e, a partir dessa tematização, os elementos que impactam na divulgação do conhecimento científico. No jornalismo, tematizar um tema/assunto é salientar sua importância, "...colocá-lo na ordem do dia da atenção do público" (Wolf, 2008, p.165) por meio de uma cobertura constante em vários dias de um mesmo telejornal ou em vários telejornais ou em diferentes veículos de imprensa. As tematizações prosperam a partir de temas/assuntos com potencial de repercussão social – como é o caso da crise sanitária advinda da pandemia de Covid-19 –, mas a superexposição cria um processo de retroalimentação que tende a aumentar a sua importância. A tematização pode ser uma consequência das rotinas de produção jornalística, mas também uma ação intencional para destacar temas e assuntos a partir de interesses específicos.

A tematização tende a ser acompanhada por estratégias de enquadramento, que, por sua vez, dizem respeito ao direcionamento do olhar, à forma ou angulação pela qual o tema/assunto é reportado. O telejornalismo contemporâneo tende a utilizar o enquadramento episódico (que se concentra e nos personagens envolvidos) (Franciscato; Góes, 2012, p. 296), não raro utilizando recursos sensacionalistas, o que inclui uma ênfase na oralidade e na repetição de palavras, na adoção de associações e redundâncias entre imagens e linguagem verbal, além da simplificação dos fatos e dos contextos nos quais eles se inserem. Especificamente nos casos de divulgação científica e/ou de saúde, esses enquadramento tende simplificar a informação e pouco contribui para ela se tornar conhecimento.

A associação das duas estratégias (tematização e enquadramento) é ser complementada por análise centradas nas relações diretas ou indiretas entre assuntos e abordagens, elementos complementares ou outras informações que reforçam a importância do assunto tematizado e/ou do enquadramento adotado. Nesse último caso, essa relação atual como um modal.

O termo modal/modais é utilizado para a definição de meios de transporte, ou de uma logística de transporte. Especificamente nas Ciências Sociais, a expressão envolve a compreensão de que os conceitos ou expressões podem ser combinados para remeter (conduzir) a uma aplicabilidade ou uma concepção (uma ideia ou idealização) de realidade.

No jornalismo, os modais são formados a partir de tematizações e enquadramentos evidenciados ou apoiados por matérias aparentemente pontuais e neutras, mas que se conectam ou reforçam um tema central. Uma vez que um tema/assunto é intencionalmente tematizado, sua permanência na pauta demanda estratégias que reforcem sua importância. Consequentemente, são utilizadas como modais que, sem se

referir diretamente ao tema, justificam, apoiam e reforçam a importância da sua inclusão.

Especificamente no telejornalismo, modais conduzem a percepções do espaço real e simbólico — um mundo ou uma sociedade – no qual o telejornal/telejornais está inserido por meio de *percepções associadas*, em uma relação sutil de espelhamentos imagéticos e verbais apresentados com pequenas diferenças, em um jogo de inter-retroações, solidariedade dos fenômenos e obliteração das contradições.

Uma vez que o objetivo deste trabalho era entender como o telejornalismo divulga a Ciência e auxilia na promoção da Cultura Científica, buscou-se identificar os modais que criam a percepção do que é ciência e qual a sua importância no cotidiano e na vida social

Para buscar essa concepção, a pesquisa igualmente se embasou em uma Leitura Crítica da mídia, ou seja, a compreensão do próprio ato de leitura, entendendo que a leitura do mundo precede a leitura das mídias. Para isso, foi necessário distinguir entre a leitura como ato de decodificação, autonomia e criticidade. Na perspectiva freiriana, "...a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de '...escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente." (Freire, 1989, p. 13).

Dessa forma, a Leitura Crítica desestabiliza as percepções iniciais, gerando questionamentos e anseios por uma compreensão mais ampla ou aprofundada, em um processo marcado inicialmente pela inquietação, seguido de ajustes por meio da reflexão para, como uma consequência natural do processo, ocorrer a prática consciente, ou seja, em uma compreensaão transformada do material apresentado, ampla mas não concluída, uma vez que a cada experiência se sobrepõe em novas leituras.

Enquanto método de pesquisa, a Leitura Crítica da Mídia busca, por meio de instrumentos de diferentes origens desconstruir os discursos midiáticos/telejornalísticos, desvelando as ideologias por eles apregoadas, e colocando em questão os interesses éticos pretensamente universalizantes, revelando o potencial de cinismo e hipocrisia que sorrateiramente (ou não) e ate mesmo de inverdades que se infiltram no discurso midiático em função dos seus interesses políticos, econômicos e particulares.

Apoiada em métodos práticos como a Análise de Conteúdo ou mesmo a Análise Audiovisual, a Leitura Crítica da Mìdia soma os méritos de um rigor formal, mas não se limita a ele, exigindo dos pesquisadores um conhecimento contextual.

A proposta de Leitura Crítica obrigatoriamente exige uma revisão de literatura (Estado da Arte) do objeto(s) pesquisado(s), de forma a situá-lo(s) em termos histórico(s) e geográfico(s), mas também um conhecimento amplo da situação social atual/contemporânea. A Leitura Crítica da Mídia busca amparo também na Sociologia do Trabalho, buscando desvendar os aspectos fundamentais relativos à produção do material midiático/telejornalístico, sem minimizar a importância das expectativas dos produtores sobre a recepção e suas reações e percepções sobre os efeitos dos conteúdos por eles elaborados na vida social.

Dentro desses parâmetros, a Leitura Crítica entende o conteúdo do telejornalismo como um elo que permite entender a relação entre produção e recepção. Assim, mesmo estando primariamente focado no conteúdo, pretende desvelar o conjunto de relações que envolvem a produção midiática/telejornalística, trazendo à tona dados que colaborem para sua melhor compreensão.

REPENSANDO OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O jornalismo envolve de estratégias de produção que sejam funcionais e administráveis no caos (no surgimento de fatos e situações imprevisíveis) e na ordem.Essa relação entropica – a necessidade de organizar e a tendência a desorganizar e parte da vida, atinge diferentes aspectos das atividades humanas. Na âmbiencia da produção jornalística, entender sua relação entropica envolve compreender as propostas de organização, conceitos e práticas que vieram antes de certo estado de coisas, mas também como a dinâmica social quebra espectativas.

Uma das propostas de organização do material jornalístico envolve o uso dos gêneros e formatos jornalísticos, elementos que atuam como uma estratégia de controle da produção e facilitadores da compreensão dos conteúdos. A tradição dos estudos sobre gêneros se inicia com Bakhtin (1993), mas a análise de gêneros e formatos jornalísticos se renovam na América Latina com Jacques Kayser (*apud* Marques de Melo, 1985) e posteriormente com Marques de Melo (1992), Carlos Chaparro (2008) e Lia Seixas (2009), Marques de Melo e Assis (2010). que realizaram classificações diferenciadas com base na intencionalidadenatureza estrutural dos relatos.

Para o jornalismo, portanto, gêneros são constructos modelares, ao mesmo tempo definidos, mas também flexiveis o bastante para permitir novas construções, que podem e são usados estrategicamente na elaboração dos conteúdos. Compreender essas estratégias, envolve delimitar os elementos temático da mensagem, pelo seu estilo verbal, a seleção operada nos recursos da língua e pela por sua composição interna, mas também refletem suas estratégias para produção dos conteúdos. Desta forma a categorização a partir dos gêneros deve ir além do enunciado, buscando entender tipos modelares e relativamente estáveis de enunciados.

Gêneros, portanto, podem ser pensados a partir de modelos que permitem agrupar trabalhos semelhantes, que são importantes tanto na produção, pois determinam estratégias de redação e até mesmo de obtenção de dados, mas também como elementos facilitadores da leitura/decodificação. Essa relação vai ser conceitualizada por Eliseo Verón (2004), que postula que todo produto midiático possui um contrato de leitura, "...uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social." (Jodelet, 1989, p. 31-61); posto em prática através de operações discursivas entre as instâncias da produção e do reconhecimento.

Mas o gênero também fundamenta uma *estratégia de comunicabilidade* (Martín-Barbero, 1997, p. 301), sendo ".... uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos". (Martín-Barbero, 1997, p. 298).

Para os estudiosos do jornalismo, o gênero funciona como um instrumento para entender o uso estratégico de diferentes conteúdos e ferramentas de produção. O conhecimento estrutural dos gêneros jornalísticos permite ao produtores de informações agir em função de um sistema de referência – uma identidade modelar – que facilita aos receptores reconhecer o texto, oferecendo uma leitura que fornece antecipadamente um contexto interpretativo, orientando as reações dos receptores.

Os gêneros são também uma estratégia de controle da produção e constituem um espaço importante para os estudos sobre o jornalismo.

Neste trabalho em especial, a base da análise teve como ponto de partida a classificação dos gêneros jornalísticos introduzida no Brasil por Marques de Melo (1992), que identificava conteúdos informativos e opinativos, adaptadas por Temer (2002) para o telejornalismo. Essa dinâmica foi atualizada em

2010 por Melo e Assis, que propuseram a classificação do jornalismo a partir dos gêneros informativos, opinativo, analítico e diversional. Acrescenta-se ainda que a classificação propõe subdivisões, de tal forma que um gênero jornalístico se subdivide em formatos tem características próprias e elementos definidores do gênero ao qual pertencem.

O jornalismo enquanto atividade profissional se desdobra em modelos, veículos e intenções múltiplas, que são sempre condicionadsa aos gêneros e formatos, No caso do telejornalismo, a informação é uma mercadoria que envolve ao mesmo tempo um conjunto de formatos específicos e bem delineados- os gêneros e formatos jornalísticos, que possibilitam aos produtores diversidade, estética e processos de identificação, que fundamentam o consumo de informações transformando-as em um valor simbólico inserido em relações de poder (ou relações com outras instituições de poder).

Sendo produtoras de informação, as grandes empresas de mídia televisiva são atores sociais dinâmicos, permeado por interesses econômicos diversos e delimitado pelas técnicas e tecnologias que tornam possível a sua concepção e veiculação. Essas relações são mais tensionadas em momentos de grande movimentação políticas, como no caso do recente processo eleições presidenciais no Brasil, cuja marca foi a polarização.

Especificamente nos últimos quatro anos do Governo Bolsonaro, mas também no processo eleitoral que conduziu a sua vitória eleitoral, tensionaram a relação da televisão – e particularmente da Rede Globo de Televisão – com o Estado. Como contraponto, a Rede Record, mais ligada aos setores conservadores – e em particular ao segmento evangélico, se aproimou dos temas políticos que afetavam ou davam visibilidade ao Governo Federal cuja pauta era nitidamente conservadora, com referências aos aspectos dos costumes e questões de segurança pública.

GÊNEROS, ENQUADRAMENTOS E TEMATIZAÇÕES: CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE

A atividade jornalística – que genericamente convencionamos chamar de imprensa – detém um *poder simbólico,* que se amplia (ou diminui) em função da sua capacidade ou possibilidade de divulgar para um grande número de pessoas informações selecionadas e opiniões eventualmente direcionadas. Ao determinar pautas, selecionar temas e até impor possibilidades de interpretação de fatos, o é um ator social ativo que influencia a percepção da sociedade sobre os acontecimentos.

Embora se apoiem em critérios éticos, com o vinculo com a verdade e a busca por diferentes fontes e/ou versões dos fatos, a imprensa em si não é neutra. Particularmente nos modelos capitalistas periféricos – como é o caso do Brasil – a imprensa tem relações verticais que envolve o controle de diferentes veículos por grandes empresas midiáticas com interesses políticos e econômicos, que afetam a qualidade da informação. Uma vez que o princípio básico do jornalismo é o relato de fatos verdadeiros, de forma clara e objetiva, o jornalismo funciona a partir de contradições e relações complexas, que envolvem a exposição seletiva de conteúdos, mas também o uso controlado de diferentes gêneros jornalísticos, que organizam e categorizam as informações, e desta forma direcionam a percepção da sociedade os fatos.

Os gêneros jornalísticos se relacionam com um atributo básico do jornalismo, a credibilidade -, qualidade, característica de quem ou do que é crível; de quem merece a sua confiança ou possui confiabilidade, fiabilidade e confiança.

No jornalismo, a credibilidade se vincula a valorização de seu compromisso de um veículo em relatar a verdade, em si mesma considerada uma condição ética básica para o funcio-

namento da imprensa, e um atributo que mede sua qualidade. É a partir da credibilidade, ou seja da condição de confiança no jornalismo como fiadora da verdade, que os receptores valorizarem a atividade da imprensa como algo essencial para a democracia, uma vez que informa sobre tudo é importante para o seu cotidiano e exerce um papel de fiscalização dos poderes públicos.

Considerando este aspecto, esta pesquisa analisa as estrátegias utilizadas pela imprensa para manter/ampliar a sua credibilidade a partir do uso de gêneros jornalísticos, e como eles se relacionam com aspectos significativos dos conteúdos telejornalísticos no período da pandemia, Foram considerados desde as primeiras matérias sobre o que inicialmente foi considerado uma doença ou um surto limitado a China, até o aferecimento do tema em funçao da diminuição das mortes e das pessoas afetadas.

Nesse sentido, o primeiro aspecto a ser considerado é que diferentes gêneros utilizam diferentes estratégias para construir a credibilidade do seu conteúdo, e essas relações complexas e dinâmicas são reelaboradas em função de diferentes contextos. Nesse conjunto, o material que apresenta mais complexidade é o conteúdo classificado como informativo, uma vez que esse conteúdo tende a destacar o imprevisível, o que foge a norma ou quebra a ordem. Em função dessa característica, o gênero informativo exige conjuntamente os recursos da neutralidade/objetividade, do relato lógico e do testemunhal. No material informativo predomina também um maior rigor nos formatos e na roteirização da produção, o que por sua atua como facilitador da produção e da leitura e da compreensão do texto, tornando-o mais credível.

Em um contexto histórico, uma dessas estratégias é o desolocamento do repórter para o local do fato, em uma garantia ou aval de sua veracidade. Outra estratégia é o uso do material

testemunhal, em geral recorrendo adepoimentos de terceiros, criteriaosamente selecionadas para agregar valor a informação.

De fato, o jornalismo tende a atribuir diferente *status* aos depoentes/entrevistados, indiretamente controlando o próprio relato do fato. Um exemplo é o depoimento dos especialistas – escolhidos em função do prestígio acadêmico, político ou mesmo da popularidade e fama – cujo objetivo é aumentar a credibilidade do fato e formatar a padrão lógico do relato, reforçando mais uma vez a sua veracidade.

No entanto, durante o período da pandemia tanto a mobilidade dos repórteres quanto a forma de acesso as fontes e aos depoimentos teve que ser reconfigurada, tanto por meio de novas formas de realizar entrevistas, como também buscando apio em outros dados, incluido- mas não limitando - dados numéricos ou científicos.

Em termos gerais, a complexidade dos quadros, tabela, gráficos ou a estrapolação dos dados a partir de elemenso complexos, também é utilizada como recurso que comprova – acrescenta uma verdade matemática – a informação. Nessa relação existe uma curiosas tentativa de que *simplificar* gráficos e tabelas, de forma a torná-la compreensível para o receptor. Essas tentativas, no entanto, funcionam também como forma de reforçar para os receptores a própria complexidades dos dados, que sendo resultante de um saber especializados, precisam ser traduzidos para serem minimamente compreendidos pelos indivíduos comuns. Aliás, é digno de nota que em muitos casos as tabelas funcionam principalmente como uma ilustração que, assim como fotos ou filmes, tem um valor estético que se sobrepõe ao caráter informativo.

No material opinativo a credibilidade é construída por outras estratégias, e muitas vezes se apoia no valor simbólico – na fama ou confiabilidade – de quem manifesta essa opinião.

Embora o relato testemunhal do próprio jornalista e de especialistas diversos possam ser incluidos, no material opinativo o veículo de imprensa ou o jornalista nominalmente se apresenta(m) como um especialista – nos fatos, no cotidiano, na política ou na economia, ou em qualquer outro aspecto da vida social – e, portanto, apto a se posicionar com segurança.

Da mesma forma, nos gêneros analísticos o uso do material numérico e as informações didáticamente sequenciadas e ilustradas com dados *cietíficos* tendem a ser importantes. No entanto, neste tipo de material a *expertise* do jornalista também tende a estar – de forma indireta ou indireta –destacada. Em geral o jornalista é apontado como profissional que tem acesso diferenciado ao fato, o que lhe fornece as condições para ser um especialista na análise e compreensão na interpretação de dados de áreas específicas – como política e economia – ou simplismente na vida social e, em algumas situação, até mesmo nos espaços domésticos ou particulares.

Por fim, é importante lembrar que em todos os casos a credibilidade é trabalhada a partir da noção da capital, que ganha valor quando um fato é divulgado em primeira mão, ou quando são agregados detalhes originais que reafirmam a intimidade dos jornalistas com os dados. Por exemplo, mesmo quando predomina o material informativo, a inserção de comentários ocasionais envolve um movimento contrário, a credibilidade dos fatos atua como um *empréstimo* de capital simbólico que valoriza o comentário. De fato, em casos extremos, quando linhas éticas são cruzadas, uma empresa jornalística ou a imprensa em geral pode *emprestar* sua credibilidade para uma interpretação imprecisa, ou na interposição de previsões impossíveis de serem comprovadas.

Também como elemento simbólico, deve-se destacar as ações no sentido de vedetizar os jornalistas também como uma

estratégia canestra de credibilidade. De fato, um olhar histórico aponta que os grandes jornais buscaram colaboradores específicos que, em função da fama ou originalidade (qualidade) na elaboração do material, se destacassem do conjunto. O que muda na contemporâneidade é que o jornalista exposto na mídia pelos veículos de grande alcance se transverte em *personas* (personagens de si mesmo), que inclusive são expostos/explorados em outras mídias, e essa fama se transforma ela mesma em um elemento que alavanca a sua credibilidade.

Em qualquer situação, é importante ter claro que, destacados os elementos básicos para a compreensão didática do jornalismo, cada cobertura jornalística, cada matéria ou mesmo cada conteúdo, exige uma estratégia de credibilidade específica, o que exige um esforço único dos jornalistas a cada nova situação.

Uma vez que em função de características próprias o telejornalismo se relaciona com grandes conglomerados midiáticos/econômicos, ele se insere nas relações de poder, que por sua vez envolve um diálogo – quase nunca totalmente amigável – com o Estado.Tendo em vista que o jornalismo trabalha com o sensacional e tem sua atenção voltada para as ações do poder público, e parte de suas ações envolve a denúncia do que foge as normas ou fere as leis, conflitos pontuais são inevitáveis.

Além das delimitações que envolvem a construção e o uso estratégico dos gêneros, os produtos telejornalísticos também trabalham diferentes enquadramentos que afetam a parcialidade de suas coberturas. Enquadramentos funcionam como molduras, ângulos de abordagem contruidos para não serem facilmente percebidos pelos receptores, em uma construção que mesmo afastando a informação da mentira ou da ocultação, obliteram jogos de interesses e de poder.

O conceito de enquadramento foi desenvolvido por Erving Goffman e migrou para o jornalismo por diversos de trabalhos de diferente autores (Tuchman, 1978, 1993; Ponte, 2005; Silveirinha, 2005; dentre outros), que usaram o conceito para apontar o tensionamento os fatos e os conteúdos jornalísticos. Em um sentido amplo, oenquadramento diz respeito as opções que fundamentam – explicam ou contextualizam -o material jornalístico efetivamente veiculado para construir uma inteligibilidade contextual. Ou seja, o enquadramento é uma forma (intencional ou não) de dar ao fato uma dimensão do social reconhecível para os receptores.

Analisar o enquadramento é uma forma de compreender como o conteúdo veiculado percebe subjetivamente uma situação social ou um contexto específico, considerando que estes elementos necessariamente conduzem a uma visão determinada (ou diferenciada de outras visões possíveis). Tuchman (1978), autora que trouxe esse conceito para os estudos sobre jornalismo, trabalha a percepção de que os conteúdos jornalísticos tendem a privilegiar posições ideológicas hegemônicas e os quadros de referência da própria atividade jornalística, em detrimento dos quadros de referência naturais, realçando a percepção de que as práticas jornalísticas são autônomas em relação ao mundo social.

Mesmo embasados em processos criteriosos de apuração e verificação de dados, as empresas jornalísticas atuam a partir de perfis editorias definidos e limites diversos. Dessa forma, as notícias veiculadas nos telejornais são construídas a partir dosenquadramentos que surgem a partir da disputa de forças entre os códigos deontológicos dos jornalistas, interesses das empresas de comunicação, limites impostos por suas estruturas organizacionais e da interação com outros campos, em especial, o campo político. (Porcello, Gadres, 2010, p. 215). Dessa

forma, ainda queos espectadores ignorem ou estão propensos a "...desconsiderar que o telejornal é um produto vendido a dois públicos diferentes: um público genérico, a audiência, e o outro cliente diferenciado, o anunciante" (Temer, 2010, p. 112), a construção dos conteúdos do telejornalismo é tensionada por intenções que estrapolam os princípios básicos do jornalismo.

Além disso, como a televisão no Brasil sempre foi voltada para o lucro, é sempre importante questionar se e como o telejornalismo esta cumprindo satisfatoriamente o seu papel informativo, uma vez que está vinculado a interesses econômicos e políticos e não apenas as necessidades dos seus receptores, ainda que por razões mercadológicas procurem atender aos desejos e às expectativas de grande parte dos telespectadores (Rezende, 2000, p. 24).

Até o final da década de 1980 as emissoras privilegiavam no telejornalismo "...uma aparência de neutralidade e formalismo, essencial para uma imagem de isenção na abordagem dos fatos e credibilidade junto aos telespectadores". (Rezende, 2010, p. 64). Esse processo vai mudando lentamente, até a atingir o estágio atual, no qual as opções políticas são mais nítidas. Sobre esse ponto, infere-se que a partir do fim da censura e com o surgimento de novas redes de expressão nacional – o que potencializou a concorrência – dinãmicas de produção interna passaram a valorizar o enquadramento e a tematização como forma de direcionar/controlar os conteúdos de acordo com interesses empresariais e inclusive fatiamenos mercadológicos.

A expressão tematização é usada pelos jornalistas – e por extensão nos estudos sobre jornalismo – para apontar situações nas quais vários veículos jornalísticos,ou um único veículo de forma continuada, enfocam com frequência temas, abordagens ou assuntos específicos. No que diz respeito ao conteúdo jornalístico, tematizar é ressaltar a importância de

um tema ou assunto por meio de uma cobertura constante, majorada ou prolongada. A tematização tem uma relação direta com a adoção de rotinas produtivas, pois pode resultar de consultas das mesmas fontes – no jargão profissional, fontes viciadas – mas também resultar de ações intencionais de reforço a determinados temas ou mesmo fatos, e até mesmo uma resposta prolongada ao interesse/curiosidade dos receptores sobre uma situação específica.

Em princípio, os jornalistas sabem a diagnosticar questões que tenham um impacto potencial para a sociedade, mas a tematização de um fato, situação ou tema resulta na sua superexposição, e o seu impacto nos receptores gera uma retroalimentação. Uma vez que um tema encontra eco entre os receptores, ela afeta o trabalho dos produtores/repórteres e editores que passam a repetir estratégias de produção ou mesmo informações, repetir fontes e até mesmo informações. A tematização por si sóque tende a aumentar a essa importância do tema/assunto abordado, fazendo-o parecer ainda maior ou pelo menos, obliterando outras questões também importantes.

A tematização muitas vezes se apoia em imagens impactantes e questões curiosas ou pontuais, mas de grande impacto social. Coberturas dos grandes desastres, cenas de violência, situações que envolvem perdas de vidas e de recursos consideráveis, pessoas famosas ou que tem visibilidade; podem ser tematizadas, Da mesma forma,imagens imagens impactantes, que possibilitam maior espaço no material veiculado, facilitam a tematização. Mas a tematização pode ser também o resultado de uma situação continuada, como foi o caso da pandemia de Corana-Vírus. Nessa situação, a análise do material jornalístico deve considerar não apenas a tematização em sim, mas a repetição das formas pelas quais esse tema é abordado.

A tematização tende a ser acompanhada por estratégias

de enquadramento, forçando um direcionamento do olhar, ou a angulação pelo qual o tema/assunto é reportado. O telejornalismo contemporâneo tende a apoiar o enquadramento em recursos sensacionalistas, utilizando estratégias características - a repetição de palavras, adoção de associações e redundâncias entre imagens e linguagem verbal, além da simplificação dos fatos e dos contextos nos quais eles se inserem – para ampliar o seu alcançe. No caso das tragédias ou questões relativas a saúde pública a tematização envolve também valorizar as falas de políticos e especialistas (médicos e outros profissionais), com destaque para profissionais tenham um discurso mais didático ou enfático, conforme a conveniência.

Sobretudo, a associação das duas estratégias – enquadramento e tematização – reforçam asrelações diretas ou indiretas entre assuntos e abordagens, atuando como modais que conduzem a aplicabilidade ou uma concepção (ideia ou idealização) predeterminada de realidade. No jornalismo os modais são construidos a partir de tematizações e enquadramentos evidenciados ou apoiados por matérias aparentemente pontuais e neutras, mas que se conectam ou reforçam um percepção específica.

Uma vez que um tema/assunto tem um enquadramento definido e é intencionalmente *tematizado*, a estratégia para reforçar sua importância dá origem a um modal que conduz/justifica a inserção de matérias correlatas (temas como o preço dos alimentos indiretamente se conexão com matérias em outra ponta dos telejornais que citam a seca em outras regiões, política pública de controle da inflação, etc). Consequentemente, o jornalismo trabalha os modais que, sem se referir diretamente ao tema, justificam, apoiam e reforçam a importância da sua inclusão de um tema. Modais, portanto, envolvem o uso de referências subjetivas, elementos diferenciados mas também complementares.

ASPECTOS PRÁTICOS DA PESQUISA

Analisando as bases teóricas conceituais que fundamentam a pesquisa, foi elaborado um gabarito, posteriormente aplicado na análise do material referente ao conteúdo jornalístico efetivamente veiculado na terceira semana dos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023. O peridodo escolhido considerou dois aspectos: o mês de janeiro é pobre em questões políticas partidárias, e da mesma forma tem um impacto menor nas questões de trânsito, principalmente porque corresponte ao período de férias escolares e do Poder Legislativo. Embora esses dois aspectos tenham menor importância nos anos em que a pandemia dominava o noticiário, o período proporciona condições importantes para comparação/análise nos anos que correspondem ao início e ao final da pandemia.

Outro aspecto considerado é que o mês de janeiro não tem grandes festejos, e ainda que aponte os reflexos do ano novo e as espectativas do Carnaval, esses elementos não são centrais. Também se ressalta que esse mês anunciou, mas não correspondeu diretamente, aos momentos de pico da pandemia ou suas situações mais dramáticas da crise sanitária, embora estivesse adjacente a esses momentos.

Ancorado nestes pontos, foram analisados o conteúdo de dois telejornais, o Jornal Nacional – veículo de maior audiência no telejornalismo nacional e que detém uma longa história que envolve picos de credibilidade e altos investimentos em tecnologia, e o seu contraponto, o telejornal da Record, que tem vínculos reconhecidos com o sensacionalismo e, de forma contraditória, com setores conservadores da sociedade brasileira, em particular aqueles ligados às religiões evangélicas e ao neopentecostalismo.

Estabelecidos os veículos, o primeiro ponto para análise foi a duração total dos telejornais e o tempo relativo que cada um deles dedicou a questões relativas a saúde/pandemia. Na análise qualitativa, foi considerado se a questão da pandemia era destaque na escalada (primeira chamada geral do telejornal, que a grosso modo corresponde a anuciação dos temas principais da edicação) e nas vinhetas (chamadas realizadas antes dos intervalos comerciais, visando despertar a atenção para o proximo bloco).

O ponto seguinte foi a duração – tamanho em minutos/segundos – do material veiculado, e os gêneros jornalísticos utilizados para veiculação das matérias sobre a pandemia e correlatos. Uma vez que no telejornalismo predomina o gênero informativo, foi realizada uma análise da predominância dos formatos, entendo que a Reportagem corresponde a um formato mais completo, e que portanto exige maior investimento em tempo e material para a produção. As notas, por sua vez, indicam informações complementares e eventualmente urgentes, o que também se aplica aos *stand-up*. O boletim, formato que predomina na previsão do tempo, mas que foi utilizado para atualizar os danos causados pela pandemia, mostra a continuidade de um tema, apontando sua longa permanencia, enquanto as entrevistas em geral refletem escolhas, posicionamentos específicos, dos produtores de conteúdos.

Para a análise dos enquandramentos foram considerados o aspecto central do material efetivamente veiculado, considerando elementos da linguagem, mas também aspectos complementares da composição do conteúdo. Assim, foram consideradas como possibilidades de enquadramento o enforque predominantemente informativo, educativo/didático, sensacionalista e possibilidades de combinação destes elementos, além do critério de outros, quando o material não

se adequa aos enquadramentos citados. Na análise qualitativa foi considerado a origem do material, se predominavaou não os conteúdos e dados produzidos no Brasil ou tratava-se de um material produzido por agência de notícias ou correspondentes estrangeiros.

Os modais foram determinados a partir do questionamento individuaal sobre os possíveis desdobramentos; ou para quais setores apontavam os possiveis desdobramento das matérias jornalísticas analisadas. Buscou-se, portanto, compreender como esse matérial abre espaço ou aponta para interpretações, pautas co-relacionadas ou percepções subjetivas sobre o tema. Nesse sentido, as classificações incluem possibilidades como o tratamento dado a pandemia – e particularmente seus resultados negativos – como algo isolado ou inevitável, uma Tragédia Eventual; como resultado ou consequência de uma decisão política (falta de eficiência ou inabilidade politica para lidar com a crise); ou está relacionado ou tem como principal consequencia questões sociais ou ainda a questões econômicas.

Na análise qualitativa o questionamento central está na possibilidade do material trazer, de forma objetiva ou subjetiva, um conceito de ciência e se traz informações claras e suficientes para a tomada de decisões/análise dos fatos. Outro elemento analisado foram os entrevistados ou participantes do material veiculado, em particular os especialistas nos aspectos diversos da pandemia, varificando quais os referenciais destes participantes (instituições as quais estão ligados, titulos ou qualificações, etc).

Foi igualmente analisado o uso de material participativo e colaborativo, eventualmente contrastando com entrevistas e produção do material ao vivo, bem como o uso de recursos de ilustração, tais como gráficos, animações, fotos e outros.

As matérias jornalísticas analisadas foram selecionadas a partir de palavras-chave ou termos relacionados, segundo a listagem abaixo, mas com posterior depuração em casos específicos (por exemplo, limites impostos para viagens turísticas ou atividades referentes a foguetes espaciais durante o período pandêmico)

Figura 1 - Lista de palavras

Elaborado pela pesquisadora/autora

No total foram analisadas 275 matérias, distribuídas conforme a planilha abaixo:

Quadro 1 - Matérias Jornalísticas Analisadas x Ano e Telejornal

Ano x Número Total de matérias Jornalísticas	2020	2021	2022	2023	Totais
Jornal Nacional	7	70	47	6	130
Jornal da Record	8	85	47	5	145

Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Acrescenta-se ainda que, considerando possíveis distorções em relação aos formatos e as características da emis-

sora, e a própria tradição do trabalho telejornalístico, a elaboração dos gráficos inclui dados das matérias jornalísticas totalizadas em segundos.

ANÁLISE COMPARATIVA DA TOTALIDADE DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS NO JORNAL NACIONAL E NO JORNAL DA RECORD

A análise engloba diferentes aspectos, uma vez que os dados quantitativos não se esgotam em si mesmos, e servem como base para considerações mais ampliadas sobre a prática jornalística e a sua relação com a responsabilidade social durante o período da pandemia. Nesse sentido optou-se pela análise ampliada, que inclui tanto a exposição dos dados quanto uma Leitura Crítica dos resultados apresentados.

Ainda sobre a coleta de dados, o trabalho envolveu quatro anos, ou as quatro terceiras semanas do mês de janeiro dos diferentes anos, considerando o ano de 2020, que se inicia com algumas informações sobre a Covid 19, embora ainda sem estar designada com esse nome ou mesmo sem configurar-se como emergência sanitária; os anos nas quais a crise de desenvolveu – 2021 e 2022 – e a finalização da pandemia (embora sem necessariamente o fim da doença) em 2023.

Considerado estes aspectos, algumas considerações devem ser destacadas: a análise foi realizada a partir do número total de matérias efetivamente veiculados, mas também com a totalização dos dados em segundos, conforme é tradionalmente trabalhado no telejornalismo. Igualmente importante é considerar que o Jornal Nacional e o Jornal da Record, embora disputam espaço e audiência no chamado horário

nobre[21] da televisão brasileira, e tradionalmente apresentam pequenas variações no tempo total de permanencia dirária no ar (total de tempo de veiculação). Esse aspecto impacta no total do material veiculado, o que implicou na necessidade de uma análise comparativa com base na proporcionalidade. Da mesma forma, os telejornais trabalham com estratégias diferenciadas para conquistar/manter a atenção dos receptores: o Jornal Nacional investe em tecnologia e na qualidade das imagens, cenários trabalhados, com enquadramentos sedutores e uso ampliado de recursos gráficos, que deixa claro um certo artificialismo. O Jornal da Record investe em um modelo aparentemente mais simples, com a valorização de cortes rápidos e elementos que transmitam a noção de urgência da informação. No entanto, ambos buscam valorizar a informação, os profissionais que trabalham no telejornalismo e o próprio processo de obtenção de informações, em um processo de autovalorização continuada.

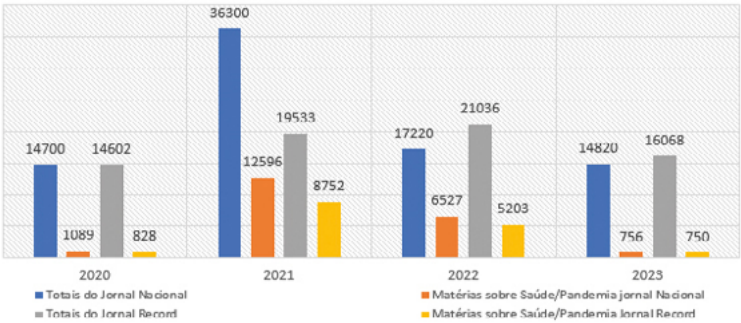
Sobre a questão do tempo, as edições dos anos de 2021 e 2022, período de maior prevalencia da pandemia, o tempo total dos telejornais foi ampliado nos dois telejornais – o que evidenciaa a importância que o telejornalismo adquiriu no acompanhamento na crise. Em termos do número de matérias veiculadas sobre pandemia/saúde há uma aproximação visível nos números, que chegam até mesmo a coincidir. Esse aspecto muda na análise do tempo em segundo, mas os dois veículos demonstram uma clara preocupação com o tema.

Conforme exposto no gráfico **1,** em termos proporcionais, a ampliação do tempo do telejornal foi maior no Jornal Nacional, com o destaque para o ano de 2021, quando este telejornal dobrou de tamanho. No ano seguinte (2022) teve uma queda

21 Horário que tradicionalmente concentra o maior número total da audiência, que no Brasil acontece no período noturno.

significativa deste crescimento, mas somente em 2023 – com o aparente fim da crise – houve um retorno aos índices anteriores.

Gráfico 1 - Análise comparativa da evolução tempos totais dos telejornais x tempo das matérias sobre saúde/pandemia (tempos em segundos)



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Além dos tempos totais dos telejornais, o tempo dedicado as questões que, de alguma forma, se relacionam com saúde e pandemia também cresceram no segundo ano, mantendo uma discreta queda no terceiro ano e voltando a patamares levemente inferiores a 2020, em 2023. Mantendo o critério comparativo, a proporção do material sobre saúde e pandemia é maior no Jornal da Record, mas essa relação obedece a algumas características: enquanto o Jornal Nacional mantém a cobertura internacional e até mesmo o material político, o Jornal da Record suprime parcialmente estas pautas.

A qualidade do material produzido também é diferenciada, embora os dois telejornais tenham correspondentes no exterior, com destaque para os Estados Unidos e Europa, a cobertura é mais alongada e mais diversificada na Rede Globo, que no período analisado mostrou um maior número de correspondentes e matérias produzidas fez outros países e/ou maior acesso a material de agências de notícias. Da mesma forma, o

Jornal Nacional investiu em uma cobertura mais diversificada da pandemia, com destaque para múltiplas fontes, eventualmente secundarizando as ações do Governo Federal. Já o Jornal da Record faz coberturas mais voltadas para as questões urbanas, em particular segurança pública e violência, mas nos aspectos relativos à pandemia valorizou mais as manifestações dos órgãos do Governo Federal do que a outra emissora analisada. Essa equivalência/diferenças se mantiveram em outros aspectos, como será visto nos itens seguintes.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

A análise dos gêneros jornalísticos aponta com clareza a prevalência e a importância do gênero informativo e do formato reportagem. De fato, a presença do gênero opinativo, que na tabela aparece como outros, foi quase uma surpresa, e corresponde a inclusão de um comentarista que, embora voltado para assuntos gerais e atualidades, em dois momentos abordou a questão da pandemia e as reações do Governo Federal em relação a crise sanitária.

Quadro 2 – Painel geral do conjunto do material analisado a partir de gêneros e formatos

	Entrevista	Reportagem	Nota Seca	Nota Coberta	Boletim	*Stand-up*	Outro*
JN2020		6	1				
JR2020		8					
JN2021		43	13	6	6	1	
JR2021		46	15	5	6	13	
JN2022	2	25	10	4	6		
JR2022		28	10	2	5		2
JN2023		3	1	1	1		
JR2023		5					

**Opinativo/Comentário*

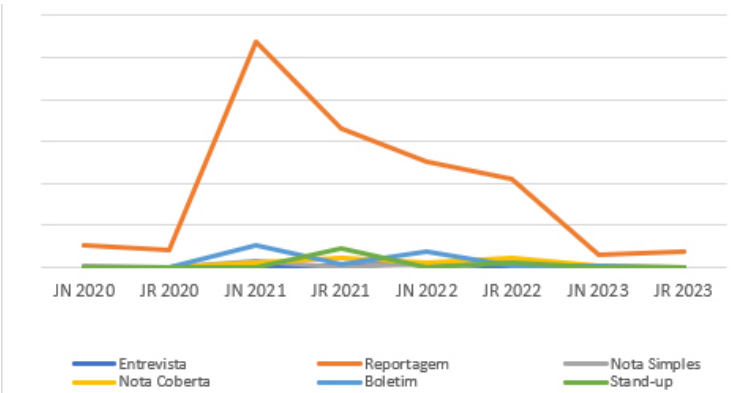
Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Outros formatos são usados de forma estratégica, o Boletim diário como forma de reforçar a importância da pandemia, as notas para reforçar a urgência de uma informação, mas também quando a informação não possui imagens ou ainda não foi suficientemente trabalhada para a elaboração de uma reportagem. Também é eventual o formato entrevista, que reforça a importância da informação, mas também destaca o *status* do entrevistado. O *stand-up* é um formato mais dinâmico, e como será analisado adiante, trabalhado de forma diferente pelos telejornais analisados, mas sua força está na realização do local do fato, ou seja, sua presença ao vivo onde o fato acontece. Nesse sentido, em tempos de pandemia, esperava-se uma queda na presença deste formato. No entanto sua presença foi substancial é dentro dos parâmetros previsíveis em outras situações.

Reportagem

A reportagem é o formato mais completo do jornalismo, que além de abrir espaço para cenas/exposição de imagens também inclui entrevistas e/ou depoimentos – e, portanto, para opiniões diversas ou contraditórias; além de possibilitar a inserção de textos que permitem inserir explicação e eventuais comentários. No entanto, as possibilidades da reportagem nem sempre foram integralmente exploradas nos telejornais estudados, em particular no que diz respeito ao contraditório, mas também na utilização das imagens e elementos gráficos.

Gráfico 2 - Evoluçãocomparativa de formatos no Jornal Nacional x Jornal da Record



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Em termos totais, o gênero reportagem ganha destaque no Jornal Nacional, mas também é relevante em termos qualitativos no Jornal da Record. Nesse sentido, destacam-se as diferenças qualitativas.

No Jornal Nacional destaca-se um maior número e maior variedade de entrevistados, além de um maior uso de recursos gráficos para ilustração. Não há a presença do contraditório, uma vez que a emissora assumiu claramente – inclusive com declarações formais dos noticiaristas – a postura de defesa das posições assumidas pela Organização Mundial da Saúde, o que em termos mais diretos significa a defesa do isolamento social, do uso de máscaras e, em um segundo momento, do incentivo à produção da vacina e da vacinação em grande escala. Sobressai também a relativa ausência de representantes do Governo Federal, e particularmente do Presidente da República, tanto em entrevistas como em declarações formais. Sobre esse ponto convém chamar a atenção que o Presidente da República era avesso a entrevistas coletivas, e mesmo os três

diferentes Ministros da Saúde que estiveram no cargo durante o período da pandemia, realizavam poucos encontros formais com a imprensa. Em alguns momentos esse vácuo foi preenchido pelo Governador do Estado de São Paulo, mas essa exposição foi controlada (ou pouco valorizada) pelo Jornal Nacional. Outros entrevistados ligados ao espectro político – e aqui incluímos membros do Supremo Tribunal Federal – tiveram um relativo espaço no telejornal, mas a capilaridade dessa presença é significativa.

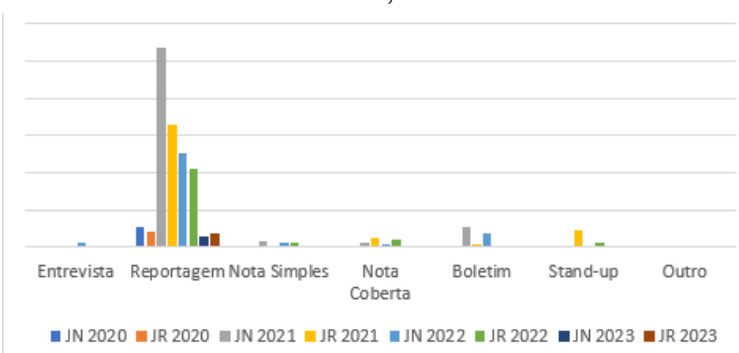
A dificuldade na relação com o Governo Federal intencionalmente abriu espaço para coberturas que expunham os aspectos mais dolorosos da pandemia, a questão das mortes e internações, a dificuldades enfrentadas pelo atendimento médico e as perdas econômicas decorrentes da crise sanitária mas, sobretudo, potencializou os conteúdos colaborativos, caracterizado por entrevistas com especialistas em medicina, em especial com epidemiologistas, e eventualmente com médicos envolvidos no atendimento aos afetados pela pandemia. A participação destes entrevistados é intencional e oportuna, pois acrescenta credibilidade ao conteúdo e é fundamental para consolidar a linha editorial de valorização da ciência e alerta sobre o potencial desestabilizados da crise sanitária, mas indiretamente também reforça a importância da emissora, demonstrando seu acesso as principais universidades e pesquisadores, e seu alinhamento com o conhecimento científico.

Outro aspecto importante, comum em grande parte das reportagens, é a presença de notas pé. Trata-se de uma situação na qual, após a conclusão da reportagem o tema volta para a complementação dos noticiaristas, que acrescentam elementos novos, urgente ou para os quais não há imagens (como respostas dos políticos ou representantes governamentais ci-

tados), eventualmente explorando contradições ou informações incorretas, mas também atualizando dados e reforçando contextos nos quais a reportagem foi produzida.

Por fim destaca-se a variedade das fontes, e da mesma forma, a variedade da produção jornalística, o que demonstra e reforça os vínculos do Jornal Nacional com as afiliadas da Rede Globo, que funcionam como fornecedoras de conteúdos e, no caso específico desta análise, acompanhadoras/vigilantes locais do andamento da pandemia. De fato, a variedade e a qualidade da produção fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília, que concentram a maior parte do conteúdo veiculado no telejornal reflete a relação estratégica que a Rede Globo mantém com suas afiliadas (Temer, 2002).

Gráfico 3 - Análise comparativa Jornal Nacional x Record dos formatos jornalísticos



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

No caso do Jornal da Record, a prevalência do formato Reportagem também é evidente, mas ela funciona a partir de um modelo mais simplificado (pelo menos nas matérias sobre saúde e pandemia, que são objeto da análise), Diferentemente do Jornal Nacional, no qual as reportagens ordinariamente incluem textos em *off*, entrevistas e passagem, no Jornal

da Record elas tendem a incluir um texto e uma entrevista ou ainda, fugindo ao padrão mais convencional, começam a partir de um formato similar ao *stand-up*, ao quais se acrescentam cenas e falas – em alguns casos notadamente material de agência de notícias. Esse modelo, que é particularmente adotado para os correspondentes estrangeiros, é particularmente notado nas reportagens mais curtas, em uma opção nitidamente mais econômica para produção do telejornal.

A produção também valoriza assuntos locais, particularmente os produzidos no Rio de Janeiro e São Paulo, uma vez que há uma variedade menor na participação das afiliadas. As matérias são predominantemente gravadas, com pouco conteúdo colaborativo (entrevista à distância, mediada por recursos digitais), e algum conteúdo participativo – em geral ligado a denúncias. Em contrapartida, na ausência de entrevistas coletivas, a produção do Jornal da Record acompanha com maior proximidade ou atenção os representantes do Governo Federal, com gravação de falas eventuais em situações não formais (na porta dos prédios públicos etc.). O cuidado com a qualidade estética de filmagem é substituído por uma perspectiva informal, que pode ser entendida como mais limpa ou realista – ou menos trabalhada em termos estéticos –, com tomadas mais longas e uma eventual aceleração das imagens. Infere-se que esse modelo corresponde a uma espécie de contaminação dos critérios de cobertura adotados nas coberturas policiais ou de elementos de violência urbana, que é uma das especialidades da Rede Record.

Entrevista

Tradicionalmente o formato entrevista em sua concepção mais pura – fora das reportagens – é pouco utilizado nos

modelos clássicos dos telejornais brasileiros, estando preferencialmente reservada para conteúdo/programas especiais e documentários. A situação da pandemia não mudou essa relação, ainda que seja importante registrar que as duas entrevistas registradas sobre saúde/pandemia nos períodos estudados, presentes no conteúdo do Jornal Nacional, corresponderam a conteúdos colaborativos – entrevista mediadas pela internet e pelo uso de computadores pessoais.

Três aspectos são relevantes nestes casos: a primeira é a exposição do espaço doméstico dos entrevistados, neste caso restrito a *escritórios* ou *locais de trabalho*, em uma tentativa de impessoalidade, ou pelo menos de agregar importância/respeitabilidade aos entrevistados. O segundo aspecto diz respeito a perda de controle pela equipe de produção de conteúdo da qualidade da imagem, uma vez que apesar desses entrevistados serem alertados sobre protocolos de enquadramento, a ausência de um profissional de cinegrafia claramente afeta a qualidade imagética dos resultados.Como último item, a participação dos noticiaristas/entrevistadores, que se destaca pela formalidade, indiretamente demostrando a falta de intimidade com o formato entrevista.

No conjunto, as entrevistas – ou pelo menos seu uso eventual – reforçam a importância da pandemia como pauta jornalística, contribuem para agregar valor notícia as informações sobre a crise sanitária e as medidas recomendadas para o seu enfrentamento e claramente enfatizam o status dos entrevistados como especialistas em suas respectivas áreas.

É digno de nota que a ausência do formato no Jornal da Record é uma decisão editorial, já que os seus produtores preferiram abordagens mais factuais e mais centrada em declarações de representantes do Governo Federal.

Nota Seca e Nota Coberta

O formato nota diz respeito a informação repassadas pelos noticiaristas, que se dividem em simples ou seca, na qual apenas a imagem do noticiarista permanece na tela, e nota coberta, na qual o texto do locutor é acompanhado por imagens relativas ao fato noticiado. Retira-se desse conjunto uma terceira possibilidade de nota, a nota pé, que encerra uma reportagem, em geral com informações que atualizam os dados ou respostas das pessoas citadas nas matérias; uma vez que nesta análise entende-se que elas são parte das reportagens e assim foram contabilizadas.

As notas são, em geral, curtas, e em função disso representam um percentual pequeno do matérias analisadas em relação outros conteúdos. No entanto, em termos de unidades de matérias (Quadro 2) sua presença é significativa, o que mostra a sua importância. As notas se justificam quando existem informações urgentes, ou atualizações de matérias já citadas em outros espaços do telejornal, o até mesmo em outros telejornais da emissora.

Uma nota realmente importante é o prelúdio de uma reportagem (a ser elaborada com maior tempo e maior riqueza de informações) para ser exibida em outros telejornais da emissora. De fato, conceitualmente as notas se aproximam das notícias (fato novo, de interesse público e de interesse do público) mas servem também para pontuar e eventualmente acrescentar diversidade audiovisual ao telejornal, principalmente quando usam recursos (imagens) de arquivo, reforçando elementos já conhecidos, ou valorizando a memória digital do telejornalismo (como no caso de desmentidos ou contradições. Nestes casos, a nota acrescenta dramaticidade ao tele-

jornal, valorizando a atualidade e a urgência das informações. Justamente em função desse fator, o formato se destaca por exigir maior esforço dos noticiaristas, pois torna necessário um esforço interpretativo para valorizar o conteúdo e outros elementos que justifiquem a ausência dos dados complementares que caracterizam a reportagem.

Particularmente neste estudo, diversos elementos do conjunto de notas simples e coberta, foram utilizadas para apontar desmentidos e contradições, demonstrando o uso estratégico (ou político) deste formato, e demonstrando sua utilidade para destacar posicionamentos e possibilidades do Governo Federal no enfrentamento da pandemia.

Em termos comparativos, O Jornal Nacional e o Jornal da Record usam o formato nota seca/nota coberta em quantidades similares, como comprovam os números apresentados. A maior diferença está na postura dos noticiaristas, que é mais indignada e enfática no Jornal Nacional, deixando propositalmente claro a linha editorial do telejornal, e aparentemente mais fria no Jornal da Record, elemento que pode ser interpretado como distanciamento e objetividade, mas que aponta uma relação de dubiedade com a questão da pandemia. Outro elemento diferencial é o eventual uso de recursos digitais como recurso de ilustração ou complementação de imagens pelo Jornal Nacional.

Boletim

A identidade do formato boletim, ou a primeira referência que delimita esse formato, é o boletim diário sobre o tempo/condições meteorológicas. Essa referência ganha força pela sua constância e ter uma importância crescente em função dos pro-

blemas climáticos, mas o formato se repete em situações específicas, como o acompanhamento de grandes eventos esportivos (Boletim da Copa ou das Olimpíadas) e outros grandes eventos políticos, econômicos e culturais, inclusive alguns que coadunam com interesses econômicos das emissoras de televisão.

No caso do acompanhamento da pandemia, ou particularmente dos efeitos nocivos da pandemia (número de contaminações e mortes) o formato se tornou quase que uma representação televisual da crise, elemento dramático central no telejornal, cujo teor informativo impactante se torna referência – e é efetivamente referenciado – em outros conteúdos do telejornalismo. Infere-se que durante a pandemia o boletim era um ponto de particular importância para os telespectadores e, portanto, cuidadosamente trabalhado pelos produtores de conteúdos no Jornal Nacional e Jornal da Record.

Em termos televisuais, o Boletim é uma entrada ao vivo de um elemento novo no estúdio – um noticiarista especializado ou especialmente designado para falar os números da pandemia – e o seu destaque em relação aos noticiaristas. No modelo adotado durante a pandemia, o jornalista designado para essa função oscilou entre estar no estúdio presencialmente ou ser alçado digitalmente ao ambiente do estúdio, colocando-se em plano aberto, mas com um discreto deslocamento lateral (não centralizado) em relação a informações inseridas digitalmente. Esse modelo é válido para o Jornal Nacional e o Jornal da Record, com breves diferenças: no Jornal Nacional o Boletim permanece no ar, no seu formato diário, por um período maior; ele é também mais longo, e mais detalhado, do que o modelo adotado pela Record. Por fim, é visível que o Jornal Nacional investe em recursos de ilustração mais aprimorados, com um maior número de gráficos e elementos complementares.

O diferencial mais relevante, no entanto, é constantemente relembrado na narrativa adotada pelos telejornais: enquanto o Jornal Nacional adota os números divulgados pelo *pool* de veículos de imprensa – em um reconhecimento implícito da incapacidade ou até mesmo da falta de credibilidade no Governo Federal em relação a esses dados – o Jornal da Record divulga os dados repassados pelo Ministério da Saúde. A divulgação de dados desiguais – reflexo direto das linhas editoriais diferenciadas adotada pelos dois telejornais – se soma a outros aspectos: o Boletim divulgado durante o Jornal Nacional tem uma inflexão mais dramática, mais sensacionalizada, até mesmo quando divulga aspectos positivos, como o número de pessoas vacinadas ou de pessoas que receberam alta hospitalar.

Stand-up

Apesar da baixa representatividade na relação período estudado/tema da análise, o formato *stand-up* oferece é usado de forma estratégica para agregar valor/credibilidade aos telejornais. Em termos de concepção, o *stand-up* se aproxima de uma nota, e assim como elas é um formato cuja marca é a instantaneidade e a urgência. Visualmente, no entanto, o *stand-up* é mais rico, uma vez que é apresentado/veiculado ao vivo, em tempo real, em um espaço externo ao estúdio do telejornal.

Para os receptores, aspectos o *stand-up* espelha certos a ideia de – uma espécie de plantão, informação urgente que interrompe a programação (no caso, o próprio telejornal) ou de última atualização de um fato/informação.Na prática o *stand-up* é uma informação curta veiculada por um repórter, em geral filmado em primeiro plano ou plano aberto, em um espaço público facilmente reconhecido pelos receptores – com imagens de prédios públicos ao fundo, por exemplo – como um

recurso para inserir o repórter no local do fato e assim agregar valor/credibilidade ao conteúdo jornalísticos, eventualmente mascarando a falta de informações novas.

No período analisado o *stand-up* foi um recurso para obliterar o baixo acesso as informações oficiais e aos representantes do Governo Federal que poderiam (deveriam) se manifestar sobre a crise sanitária com maior frequência, apontando paralelamente que a equipe de telejornalismo estava atenta e acompanhando as decisões institucionais. Não por acaso, o recurso é mais utilizado no período mais agudo da crise, principalmente pelo *Jornal Nacional*.

Em termos gerais, os usos do *stand-up* reforçam os limites impostos pela linha editorial do Jornal Nacional, que optou por um acompanhamento menos rígido das manifestações não formais do Presidente da República (em particular, as declarações dadas no chamado *cercadinho*, espaço ocupado por eleitores no local de saída entrada do Palácio do Planalto). Em termos comparativos, os exemplos de *stand-up* analisados igualmente apontam que a estratégia de comunicação adotada pelo Governo na ocasião não foi favorável ao telejornalismo de uma forma geral.

Ainda sobre o *stand-up* destaca-se os aspectos característicos que o formato assumiu no Jornal da Record. Esse modelo é particularmente usado pelos correspondentes internacionais e corresponde a uma proposta de alongamento das informações. Em alguns casos, a câmara se afasta do repórter (recurso que não é incomum, mas em geral usado de forma breve), que segue em off com um texto mais longo. De fato, em alguns momentos a primeira impressão de que se trata de um *stand-up* teve que ser revista, pois foram acrescentadas entrevistas e/ou outros elementos mudando a classificação do formato para reportagem.

Acrescenta-se que o *stand-up* é também uma forma do telejornal/emissora mostrar sua força econômica ou alcance, pois mostra repórteres/correspondentes nos locais onde o fato está acontecendo, ou pelo menos em locais chaves para compreender a dinâmica da informação na contemporaneidade.

Outros

A possiblidade de classificação em *outros* englobaria, em princípio, todos os formatos ainda não classificados, por serem novos ou fora do padrão. Na aplicação da pesquisa, no entanto, seu uso foi restrito a um formato característico do gênero opinativo, o Comentário. Destaca-se que no telejornalismo das emissoras de sinal aberto, cuja marca é o controle/exiguidade do tempo e, portanto, da pauta do telejornal, os gêneros opinativos têm uma presença exígua.

No período analisado o gênero opinativo aparece um apenas um comentário, ou em um único ano, ainda que repetindo-se ao longo da semana. Sua inclusão na análise ocorre porque dois destes comentários tiveram como tema central a pandemia.

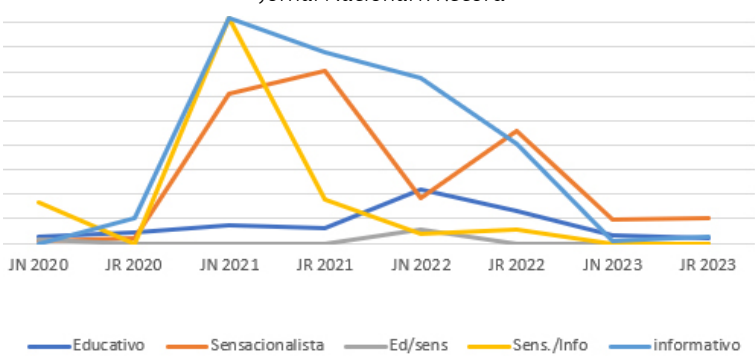
Uma vez que se trata de um conteúdo opinativo, ainda que cite fatos e dados, o comentário tende a refletir de forma mais direta a linha editorial do telejornal. Nos dois exemplares analisados esse aspecto é bastante evidenciado, até mesmo com considerações de caráter político não fundamentados em dados, e opiniões que se afastam de forma direta das posições adotadas pela Organização Mundial da Saúde, em uma proximidade declarada com a dubiedade adotada pelo Governo Federal no enfrentamento da pandemia.

ENQUADRAMENTOS

A análise a partir dos enquadramentos considera o aspecto principal abordado no material jornalístico efetivamente veiculado. Considerando esses aspectos, os resultados demonstrados no Gráfico 4, aponta uma significativa presença do material informativo, mas sempre disputando espaço com enfoques sensacionalistas. A relação informação x sensacionalização torna-se ainda mais relevante quando considerando que a totalidade dos Boletins, formato ocasional de grande importância no período estudado, foi considerado informativo.

Não se trata, no entanto, de uma surpresa. De fato, o resultado ratifica a prevalência dos gêneros informativos, conforme já analisado no item anterior, e vai de encontro à própria periodicidade diária dos telejornais analisados. Em muitos aspectos os dois veículos se propõem a ser um resumo audiovisual dos principais assuntos do dia e, cada um à sua maneira – investem em uma pretensão de objetividade e fidelidade aos dados. Essa relação ganha aspectos contraditórios quando confrontado com a presença, eventualmente majoritária, mas sempre significativa, dos enquadramentos sensacionalistas.

Gráfico 4 - Evolução comparativa dos Enquadramentos no Jornal Nacional x Record



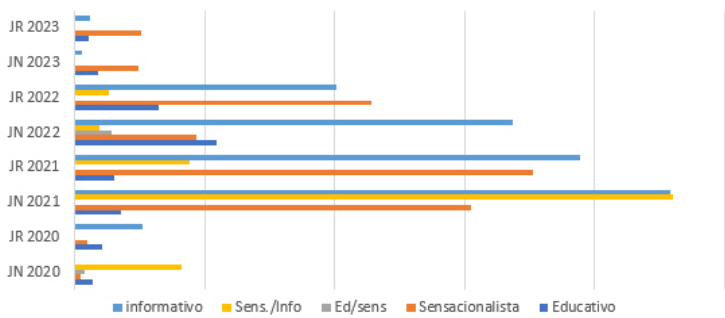
Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

O telejornalismo, como o próprio nome já aponta, tem uma relação intrínseca com a imagem capturada por meio de recursos técnicos. A imagem é, em si mesma, um elemento sedutor, que deslumbra pela possibilidade de ver o que não está ao alcance do olhar presencial. Soma-se a esse aspecto um relato sensacionalizado, potencializados por noticiaristas que trabalham cuidadosamente o tom da voz e os elementos dramáticos dos fatos/acontecimentos.

O vínculo do jornalismo com o sensacionalismo perpassa diferentes veículos. O sensacionalismo ou jornalismo sensacionalista é uma forma de apelo aos elementos psicológicos, a valorização dos aspectos emocionais, com apelos para o grotesco, o exagerado ou espetacular. Ou, em termos específicos do telejornalismo, a proposta de captar a atenção do telespectador a partir imagens e narrativas que capture sua atenção pelo discurso incisivo e despertem suas emoções.

Explorar o sensacional sem perder a realidade como sua fonte, é um elemento estratégico no telejornalismo, não apenas em função de seu potencial para consquistas a audiência, mas também porque em múltiplos aspectos a realidade é mais surpreendente (e mais sensacional) do que a ficção.

Gráfico 5 - Análise comparativaEnquadramento
Jornal Nacional x Record



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Um enquadramento sensacionalista, no entanto, se caracteriza pelo uso de elementos que trabalham os aspectos espetaculares, ou mais exagerados, do fato/acontecimento, destacando peculiaridades, detalhes, repercussões emocionais e outros aspectos curiosos – a aparência da vítima, sua condição socio economica, etc - ou mesmo grotesco.

No período analisado, vários elementos inusitados da situaçao da pandemia oferecem possibilidades para sensacionalizar a informação. Desde a relação trágica com o grande número de mortes até as ruas vazias e o cancelamento de eventos, até opções individuais e comportamentos que beiram o desespero.

Em função disso, o sensacionalismo – em suas abordagens mais puras ou entrelaçada a enquadramentos informativos e educativos, cresce quase que em paralelo com a pandemia. No entanto, ainda que seja um recurso importante para conquistar e fidelizar a audiência, o sensacionalismo tende a esvaziar o conteúdo informativo do material jornalístico, se afastando do próprio princípio do jornalismo, que é valorizar a informação.

Nesse sentido, o sensacionalismo tende a ser visto como algo negativo. De fato, a Rede Globo de Televisão e por extensão o Jornal Nacional, tendem a não aceitar que a caracterização de sensacionalista, em parte como estratégia para manter a camada mais culta e/ou de maior poder aquisitivo da audiência, em parte para se afastar do modelo adotado pela Record, que é apontado como tendo um apelo mais sensacional. No entanto, como apontado no Gráfico 5, esse recurso não é ignorado no Jornal Nacional.

A questão fica mais clara quando considerarmos que o Jornal Nacional e o Jornal da Record usam om sensacionalismo a partir de elementos diferenciados. O apelo sensacional do Jornal Nacional se dá a partir de elementos imagéticos esteticamente trabalhados, cujo impacto cresce com o contraste

dos dados apresentados. No Jornal da Record os recortes da realidade buscam o desvio do normal, do belo e do socialmente aceito como bom, sensato ou socialmente desejável para apontar os aspectos sensacionais.

Dessa forma, embora trabalhem a partir de pautas muito próximas (ainda que com enquadramentos políticos diferenciados) o Jornal Nacional e o Jornal da Record mostram os fatos a partir de elemenos diferentes, direcionando a percepção dos receptores para percebê-los como efetivamente diferentes.

No conjunto da análise sobre enquadramentos, um aspecto a ser considerado com atenção é o baixo desenvolvimento/presença dos conteúdos educativos. Sobre esse ponto, é válido uma consideração inicial: o jornalismo não é uma escola e não pretende (e nem pode) se igualar a ela em um processo de educação. Araújo (2007) aponta que, particularmente no que diz respeito a educação e saúde, a questão torna-se ainda mais dificil de ser enfrentada. Esse aspecto, no entanto, não deve se afastar do compromisso (e aqui o termo deve ser relativisado) em esclarecer/informar sobre questões novas, em um processo de agregar constantemente novos conhecimentos a partir de demandas ou necessidades sociais.

Esse, sem dúvida, foi um aspecto a ser considerado na pandemia. A chegada da doença e a crise sanitária decorrente exigiram o aprofundamento em várias informações, mas os resultados em termos de agregar/veicular conhecimento ficaram abaixo do esperado. Embora essa abordagem tenha ganhado mais espeço no período mais crítico da pandemia, em particuar no Jornal Nacional, é válido destacar que os dois telejornais tiveram dificuldade de lidar com o enquadramento educativo. Especula-se se esse afastamento se dá em função de um despreparo do profissional de imprensa em relação as questões de medicina e ciência, ou se houve um temor ou mesmo uma resposta negativa do público sobre essa abordagem.

Nos diferentes aspectos, evidencia-se a prevalência do material factual e informativo como principal opção do telejornalismo, mesmo durante a pandemia e consequente crise sanitária, ou a despeito desses elementos.

MODAIS X TEMATIZAÇÕES

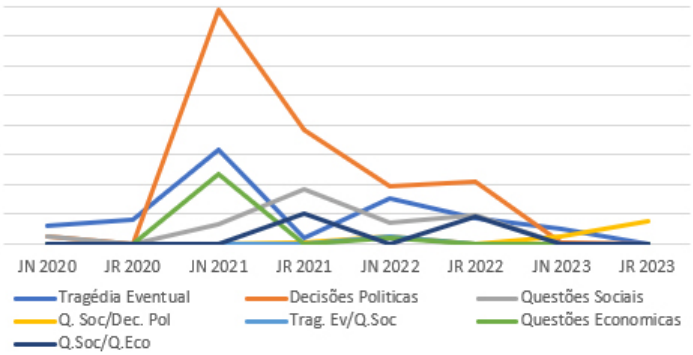
Modais e tematizações dizem respeito a tendência dos telejornais – e da imprensa de forma geral – a se fixarem em temas e, de forma direta ou indireta, contribuirem para a formatação de pautas/agendas. Essa percepção tem relação com a Hipotese da Agenda-Setting ou Teoria da Agenda,[22] mas buscando os possíveis entrelaçamento obliterados pela proposta de objetividade e apego ao factual que predomina no telejornalismo.

Nesse sentido, o termo modais aplicado ao jornalismo diz respeito a matérias jornalísticas ou conteúdos que remetem de forma direta ou indireta a outros conteúdos. Um exemplo possível de modais é a cobertura de incêndios florestais ou na região do pantanal (2023). Mesmo quando o texto não se refere ao aquecimento global, a questão está subjacente a exposição do fato.

Especificamente no período estudado, a proposta foi entender como as matérias sobre saúde/pandemia serviaram como modais para o debate/compreensão ou análise de aspectos mais amplos da realidade brasileira. Analisados a partir dos dados que fundamentam o Gráfico 6, evidencia-se que para o telejornalismo brasileiro, muito mais do que uma questão de saúde ou uma crise sanitária, foi uma questão política.

22 A hipótese da agenda setting ou teoria da Agenda é uma corrente de investigação de origem norte-americana, desenvolvida pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972, com base na obra Public Opinion de Walter Lippmann.

Gráfico 6 - Evolução comparativa Modais/Tematização
Jornal Nacional x Record



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Ainda que desde as primeiras informações sobre o Corona vírus o jornalismo da Rede Globo de Televisão tenha assumido uma postura de defesa da ciência, e em particular das recomendações das Organização Mundial da Saúde, o fez a partir de desconfianças sobre as ações Governo Federal em aceitar os limites impostos por essas recomendações.

Essa opção envolve elementos específicos e conotações políticas. Em muitos aspectos a informação jornalística é uma mercadoria, formatada e direcionada para conquistar o receptor. Mas as empresas que veiculam conteúdos jornalísticos também usam o material veiculado para agregar poder/importância para si mesmas, em um processo que envolve valorizar o próprio jornalismo, a liberdade de imprensa/liberdade de impressão e as rotinas de produção jornalísticas (processos de acesso e seleção de conteúdos) que potencialmente garantiriam a qualidade da informação veiculada. No telejornalismo esse processo inclui também a busca pela diversidade, qualidade estética e processos de identificação, e outros elelentos de valor simbólico que reforcem relações de poder (ou relações com outras instituições de poder).

Nesse sentido, mesmo que as grandes empresas de mídia televisiva sejam atores sociais dinâmicos, também são permeadsa por interesses econômicos diversos edelimitadas pelas técnicas e tecnologias que tornam possível a sua concepção e veiculação e pelo interesse dos receptores em conteúdos e abordagens. Essas relações são mais tensionadas em momentos de crise, como no caso da chegada do Corona vírus, e a consequente pandemia.

Sobre esse ponto, algumas considerações são necessárias: o Governo Bolsonaro, e até mesmo o processo eleitoral que conduziu a sua vitória nas eleições de 2018, tensionaram a relação da televisão – e particularmente da Rede Globo de Televisão – com o Estado. A aliaça do Estado e a televisão se manteve desde que astransmissões para longa distância tiveram início com o sistema de micro-ondas pela Embratel em 1967, sendo reforçadas quando as intenções do Governo Militar se uniram aos desejos aos recursos da Rede Globo de Televisão, ambos embalados pelo discurso de modernidade e integração nacional.

Dessa forma, ao entrar no ar em 1969 com a proposta confessa ser o principal meio de informação dos brasileiros, o Jornal Nacional demonstrou a importância estratégica do telejornalismo reforçando o uso político da informação na televisão. Essa relação torna-se ainda mais evidente a partir de 1974, quando o Governo Militar traz a TV em cores para o Brasil[23] e se mantem nas décadas seguintes, mesmo com eventuais contradições e conflitos com a censura.[24] Até mesmo o rompimento da Rede Globo com o *bloco histórico* que ainda detinha o controle do Governo Militar, apenas aponta sua aderência da emissora com as novas forças que forçam sua chegada ao controle do Estado.

---

23 Por meio da implantação do sistema Pal-M, de origem alemã.

24 A censura é oficialmente instalada no Brasil dois meses depois da estreia do *Jornal Nacional*.

A parcialidade sempre foi uma constante na percursos da Rede Globo, mas torna-se ainda mais evidente na primeira eleição presidencial, especificamente na manipulação/edição do debate entre os dois candidatos majoritários que beneficiou Collor de Melo, em detrimento ao seu oponente, Lula da Silva. Nas eleições seguintes a emissora publiciza normas que balizam a cobertura eleitoral, mas sua parcialidade sobrevive em ações mais sutis.

Em termos de cobertura jornalística, a emissora assume uma permanente valorização do processo eleitoral, apontado como *espetáculo da democracia*, mas também a permanente exploração das denúncias sobre corrupção na chamada operação *Lava-Jato* afeta a credibilidade do Governo (Temer, 2002). Seu impacto é particularmente sentido no segundo mandato da Presidenta Dilma Rousseff (PT), e ajuda a criar as condições para o seu Processo de *Impeachment*. Michel Temer (PMDB),assume a presidência, mas a questão da corrupção continua central no telejornalismo, e torna-se ponto central no discursos dos candidatos à presidência.

Mas essa não é a unica peculiaridade na cobertural da campanha eleitoral de 2018. Contrariando uma tendencia histórica, a Rede Globo chega ao segundo turno da eleição sem um candidato que possa considerar *confiável*. A emissora era vista com disconfiança pelo Partido do Trabalhadores em função de sua atuação na Lava Jato, mas também deixatransparecer a percepção seu desconforto com a a emergência do chamado *bolsonarismo*[25] – movimento político/ideológico de matiz conservador que envolve uma aproximação com as religiões fundamentalistas e, consequentemente, a Rede Record, principal concorrente da Rede Globo.

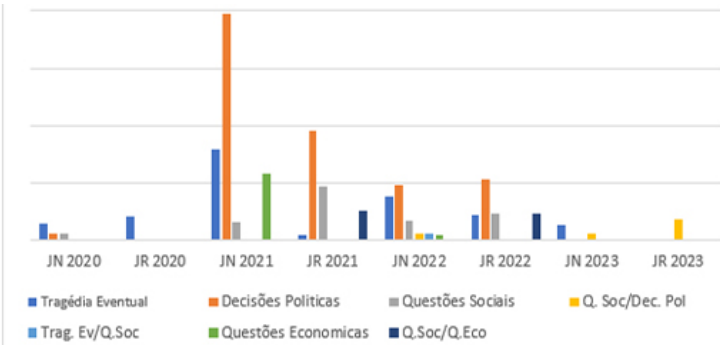
25 O vocábulo formado pelo sobrenome Bolsonaro associado ao sufixo *-ismo*, se popularizou nas eleições de 2018.

Após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente, os processos de desgaste são potencializados pelas críticas agressivas do presidente e do seu em torno à imprensa, inclusive com citações nominais a Rede Globo, e a opção pelas Redes Sociais como principal *veículo* de contato com os eleitores. Dessa maneira não é surpreendente que a Rede Globo tenha assumido uma posição de crítica ao Governo Federal. Destaca-se neste contexto que o ambiente político protogranizado pelo então presidente Jair Bolsonaro forneceu um rol de fatos que apoiaram o posicionamento crítico da Rede Globo. A ocorrência do Corona vírus e da consequente pandemia, e as cambaleantes ações do Governo Bolsonaro para o seu enfrentamento, aprofundaram tanto o posicionamento adotado pela emissora, quanto as críticas ao Governo.

Ainda assim, em um primeiro ano – no surgimento das primeiras informações sobre o vírus, sua letalidade e possível pandemia, a questão teve o tratamento de tragédia eventual, algo triste mas distante ou restrito à China, predomina tanto no Jornal Nacional quanto no Jornal da Record, embora com discretas variáveis.

A questão muda no segundo ano. Especificamente no Jornal Nacional ainda que permaneça com índices significativos o modal de tragédia eventual, uma espécie de tropeço na história do desenvolvimento humano, o tratamento dado ao tema aponta a incapacidade/inabilidade do Presidente Bolsonaro e seus acessores diretos – em particular o Ministro da Saúde – em lidar com a questão, sucitando dúvidas sobre a competência deste Governo na totalidade de suas ações. Além disso, de forma bastante direta, o material jornalístico remete e até cita os números que são expostos diariamente nos boletins, em um vínculo ostensivo e intencional entre o número de mortos e as ações/inações do governo.

Gráfico 7 - Análise comparativa Modal/tematizaçao
Jornal Nacional x Record Tematização



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Ainda sobre o Jornal Nacional, soma-se ao modal que reforça o questionamento da competencia do Governo dois elementos: o material que destaca as Organizações não Governamentais (ONGs) e Associações Diversas e Movimentos populares que se mobilizam para auxíliar os setores mais carentes, além de matérias que enfocam os problemas sociais e econômicos decorrentes da pandmia. A relação contrastante entre a valorização destas ações – muitas vezes destacadas pela simplicidade dos envolvidos e das ações realizadas – reforça a dificuldade do Governo em atender os setores populares mais afetados pela crise.

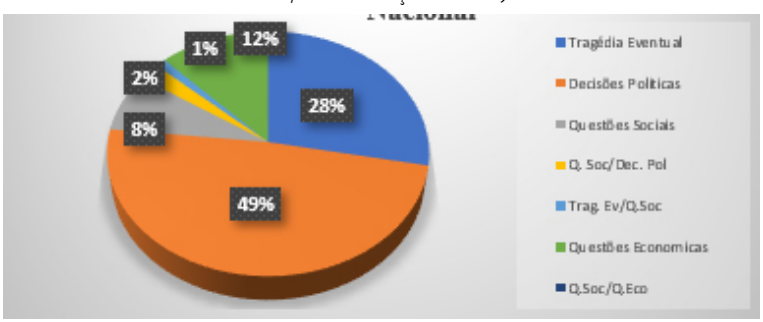
Em um processo continuado, no terceiro ano analisado, embora ainda sejam predominante o modal voltado paara as decisões governamentais no Jornal Nacional, as críticas mais diretas ao Governo Federal em relação a pandemia diminuem, em geral acompanhando a percepção de que a crise começa a ser controlada pela vacina. A cobertura se desloca para modais que destacam questões sociais e econômicas, ressaltando como a população e os negócios (em particular, os pequenos negócios) demoram a superar a crise sanitária. De forma indireta,mesmo

se tratando de um modal que direciona o olhar para os aspectos econômicos e sociais, as matérias jornalísticas conduzem para uma percepção crítica do Governo, mais uma vez ineficiente em socorrer os proprietários de pequenos empreendimentos.

Analisando o Jornal Nacional também merece destaque como os modais mistos, nos quais os assuntos se entrecruzam em relações mais complexas, crescem no terceiro ano da crise, ainda reforçando as críticas ao Governo, mas já com elementos jornalísticos mais sofisticados.

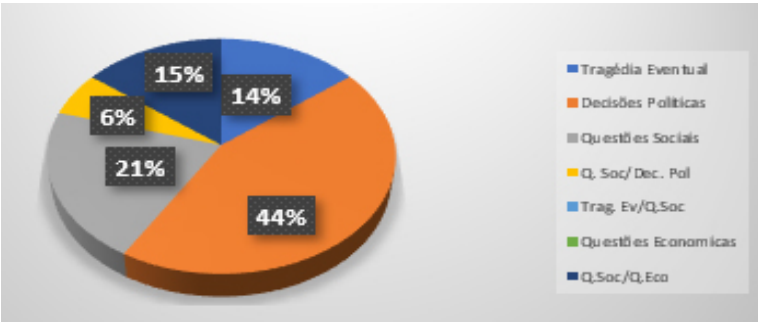
No Jornal da Record a crise também é predominantemente tratada em seu viés político, mas os modais não são tão claros. São comuns matérias (reportagens) jornalísticas menores e elementos dúbios, que misturam críticas veladas com tentativas de se afastar de uma postura de defesa da posição adotada pela Organização Mundial da Saúde, mas também sem critica esse posicionamento. Neste conjunto, as críticas ao Governo são raras e pouco claras, mas também são poucos os elogios, mesmo quando velados. Verifica-se uma tentativa de apego ao factual, a objetividade, mas com abordagens contraditórias.

Gráfico 8 - Modais/ Tematização Totais Jornal Nacional



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

Gráfico 9 - Modal/Tematização Totais Jornal da Record



Fonte: Elaborado pela autora - pesquisa documental

O aspecto diferencial na análise comparativa dos modais trazidos pelo Jornal Nacional x Jornal da Record é a abordagem das Questões Sociais. Além do Jornal da Record dedicar um maior espaço a esse modal, ao contrário do Jornal Nacional cujo enfoque são as ações das associações e grupos organizados, o Jornal da Record enfoca principalmente problemas individuais, tragédias familiares e elementos locais, reforçando o apelo emocional. Esse, aliás, é um elemento recorrente no Jornal da Record, e se enquadra nas opções editoriais historicamente assumidas pelo telejornalismo da emissora.

Assim como no Jornal Nacional, os elementos sensacionalistas são modais importantes no Jornal da Record. Em uma análise inicial, percebe-se que, enquanto o Jornal Nacional se refere a dor da tragédia coletiva, o Jornal da Record reforça os dramas particulares. Mas há uma diferenciação mais sutil: no Jornal Nacional a postura adotada é de uma tragédia que poderia ser evitada – ou ao menos minimizada – pelas ações humanas, pelo uso da razão e do conhecimento científico. No Jornal da Record o modal aponta para uma abordagem mais fatalista, a tragédia como elemento inevitável na vida humana.

Outros aspecto a ser apontado é que os modais tendem a ser mais cruzados, como apontam os formatos mistos, no Jor-

nal Nacional. Dois fatores contribuiem para isso: as matérias jornalísticas sobre saúde/pandemia no telejornal da Rede Globo tendem a ser maiores e, consequentemente, incluir maior número de abordagens; e uma visível sofisticação de recursos – aí incluido a diversificação das fontes.

Em termos gerais, o Jornal Nacional e o Jornal da Record trabalham seus modais de forma a reforçar suas características editoriais, que precedem a pandemia, mas se mantém durante esse período com poucas variáveis.

UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS DADOS

A proposta de trabalho que guia essa pesquisa é uma análise na perspectiva crítica, em busca de indícios de Comunicação da Ciência nos telejornais durante a pandemia. No entanto, para adentrarmos na conclusão analítica dos dados é importante destacar que a palavra crítica não implica necessariamente em uma atitude negativa, mas antes o exame racional a partir da análise de um conjunto dos elementos revelados, conectando-os e relacionando-os.

É necessário igualmente necessário considerar que o telejornal é, em si mesmo, um conjunto complexo de conteúdos e intenções que desafia os pesquisadores. Entre outros aspectos, nada na televisão é real, mas no telejornalismo nada deve ser mentira. Nesta aparente contradição, os telespectadores – os receptores do telejornalismo – estão presos em uma versão eletrônica do mito das cavernas, na qual as representações dos fatos são sombras que são verdadeiras, mas não são reais.

Em função de seu vínculo com empresas voltadas para o lucro, o telejornalismo é em vários momentos, tratado como *negócio*, o que na prática significa explorar a uma tendência dos seus receptores de confundir *ver o telejornal com ver no te-*

lejornal. Em princípio, essa situação distancia a produção da comunicação do interesse público/comunicação pública.

Além disso, entre os vários mecanismos usados pelos produtores de conteúdos telejornalístico para reforçar a relação/fidelização dos receptores estão diferentes formas de dramatização da informação, o uso estratégico – mas nem sempre ético – dos gêneros jornalísticos, enquadramentos e modais, além de outros elementos que somente podem ser desvendados por meio de estudos ampliados que revelem – ainda que parcialmente – o impacto e as intenções deste conteúdo.

Ainda como parte das reflexões iniciais, é válido destacar que o telejornalismo – e o jornalismo de uma forma geral – é uma atividade social, ou seja, atua a partir de uma interação constante com a sociedade. Não se trata de um espelho (teoria que ainda circula entre os profissionais de imprensa, mas que é objeto de críticas na academia) ou mesmo um espelho distorcido, mas de uma relação que envolve ao mesmo tempo simbiose e reflexos de interesses econômicos e políticos.

Nesta relação destaca-se ainda que, ao atuar em uma sociedade fragmentada e polarizada, as contradições e questionamentos sobre um pressuposto *poder* das mídias de influenciar ou mesmo moldar comportamentos e intenções são expostos de forma superficial e desconexa. Sobre esse aspecto é necessário acrescentar ainda que o jornalismo/telejornalismo efetivamente tem a capacidade de trazer informações e agregar conhecimentos novos, e até mesmo de – em casos específicos – assumir um aspecto didático. No entanto, a telejornalismo (ou mesmo a televisão e o jornalismo de uma forma geral) não está engajado em um processo formal de ensino/aprendizado. De fato, em diferentes momentos o jornalismo se apoia na difusão de conhecimento, mas é limitado, motivado ou determinado por suas eventuais falhas e omissões na formação acadêmica dos seus receptores.

Nesse sentido, a Análise de Conteúdo, método de trabalho científico e técnica de investigação que está presente desde nos Estudos sobre Comunicação desde os primeiros trabalhos de *communication research*, apresenta-se como uma das possibilidades para compreender as relações complexas que envolvem os telejornais.

Ainda sobre esse aspectos, o telejornalismo é em si mesmo um gênero televisivo, que tendo uma linguagem visual e verbal bastante específica, é facilmente identificavel no conjunto da programação, mas é importante destacar que a televisão e o jornalismo tem uma relação complexa, que vai além do telejornalismo. Mas a circulação de informações na televisão não se restrige ao modelo tradicional de telejornalismo: revistas televisivas, programas de entrevistas e varios outros espaços (gêneros televisivos) contribuem para reforçar a relação da televisão com a informação. No entanto, o telejornalismo funciona como um elemento determinante, quase como um farol, que determina a postura ou em enquadramento a ser adotado por outros conteúdos.

Consequentemente, estudar o telejornalismo implica em conhecer a linha editorial e consequentemente as intenções políticas, e eventualmente até economicas, de uma emissora. A importância do telejornalismo também se justifica pela sua prevalencia como principal meio de informação de grande parte dos brasileiros. É verdade que na última década essa primazia vem sendo desafiada pelas informações que circulam na Internet/Redes Sociais, o que por sua vez tem provocado reações – e busca por novas estratégias – pelas empresas que veiculam conteúdos telejornalísticos.

Mas o telejornalismo não é só televisão, é também jornalismo, o que significa uma relação ética com os compromissos informativos do jornalismo. Essa relação é particularmente

importante em função do alcance do telejornalismo em uma sociedade que ainda sofre os reflexos da falta de escolaridade e da diferenças de renda.Dessa forma, o telejornalismo brasileiro deve ter um compromisso ampliado – uma maior responsabilidade social - com a divulgação de informação, e deve ser desenvolvido a partir da responsabilidade social e do compromisso com os valores democráticos.

No percurso histórico da televisão brasileira, existem momentos em que a valorização da democracia esteve presente. Um exemplo é a cobertura dos processos eleitorais, em especial os majoritarios. No entanto, as grandes empresas de mídia televisiva tendem a priorizar seus interesse específicos e/ou imediatos, e consequentemente editam e filtram os fatos a partir de sua propria percepção. Neste conjunto é importante destacar que a televisão e o telejornalismo tem uma relação intríseca com valores caros a modernidade – a valorização da razão, do conhecimento científico e até mesmo o fascínio pela técnicas e tecnologias, também é um fator importante.

TELEJORNALISMO E A CRISE SANITÁRIA

Evidentemente os aspectos éticos que dimensionam a responsabilidade social do telejornalismo são tensionadas em momentos de crises. A palavra crise diz respeito a um episódio desgastante, complicado; situação de tensão, disputa, conflito. Mas o termo também se refere a mudanças brusca ou alteração importante no desenvolvimento de um qualquer evento/acontecimento – ou um conflito entre a continuidade ou espectativa de uma ruptura inesperada. No jornalismo – e por extensão no telejornalismo – e especialmente quando a crise envolve elementos de polarização, a necessidade de uma *tomada de posição* torna-se inevitável. Nesse sentido, quando a

crise sanitária – a pandemia – se instala no Brasil, outra crise já estava em andamento, e seu ponto central era a relação de tensão entre a imprensa (e em particular o telejornalismo da maior Rede de Televisão do país, tanto em alcance quanto em audiência) e o Governo Federal.

A crise entre o Governo e o telejornalismo fica patente quando consideramos que, a despeito da relação entre a Rede Globo de Televisão e os diferentes Presidentes/Governo que se elegeram durante sua história terem sido permeadas por tensões, e até mesmo crises localizadas, críticas e até mesmo denúncias nem sempre fundamentadas, o telejornalismo da Rede Globo de Televisão procurou, ao longo da sua história, manter a importância estratégica do telejornalismo, em a proposta confessa de manter-se como principal meio de informação do brasileiro. Mais do que eventuais interesse políticos, essa relação formatou o modelo de telejornalismo adotado pelo Jornal Nacional.

Nesse contexto, evidencia-se que mais do que uma imparcialidade real, a aparência de imparcialidade sempre balizou a produção de conteúdos no telejornalismo da Rede Globo. Isso não impediu, no entanto, que a Rede Globo tivesse *preferências* ou candidatos preferenciais,em geral mais próximos da visão sua visão empresarial.

Essa relação era perceptível em diferentes graus, em geral definidos em função do risco potencial que a empresa via em cada candidato. A campanha eleitoral de 2018 também seguiu o mesmo princípio no primeiro turno, mas a empresa enfrentou uma espécie de encruzilhada quando o candidato do Partido dos Trabalhadores e Jair Bolsonaro foram para o segundo turno.

Desde o surgimento do Partido dos Trabalhadores a relação da emissora esse segmento político foi, para dizer o mínimo, perpassada por ações questionáveis e desconfianças recípro-

ca. Entre a edição maliciosa do debate entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor, até o progressivo e intencional desgaste do Governo Dilma Roussef – que culminou no processo de impedimento da Presidenta – a emissora demostrou que o projeto político assumido pelo Partido dos Trabalhadores não se encaixava nas suas expectativas. Mas o projeto Bolsonarista não apenas era confuso e continha elementos retrógrados, como sua proximidade com grupos conservadores, em particular ligados a segmentos evangélidos e a Rede Record, representavam uma ameaça bastante clara. Dessa forma, pela primeira vez desde o processo de redemocratização, a empresa enfrentou uma eleição sem um candidato para *chamar de seu*.

Eleito Bolsonaro, a relação com a Rede Globo de Televisão se tornou ainda mais azeda quando, uma vez que, seguindo modelos já adotados pela extrema direita internacional, o Presidente Bolsonaro desafiou a prevalência do telejornalismo da Rede Globo e optou por processos de comunicação mediados pelas Redes Sociais;

O desgaste dessa relação foi ao mesmo tempo causa e consequência da posição assumida pela Rede Globo durante a Pandemia do Corona vírus. O conflito levou o Jornal Naconal a mudanças na sua cobertura política, que assume uma postura mais negativa em relação ao Presidente Bolsonaro, ainda que eventualmente preservando alguns ocupantes de cargos públicos. Em termos práticos, a Rede Globo assumiu um discurso de defesa das orientações da Organização Mundial da Saúde, e o Presidente uma postura que gerava dúvidas sobre gravidade da doença.

Para além dos aspectos diretamente ligados a reação do Governo Federal da crise sanitária, outros aspectos marcaram a oposição da Rede Globo, como as críticas as escolhas adotadas por Jair Bolsonaro na área de educação (em especial em

relação à valorização das chamadas Escolas Militares e às Universidades Federais). Outro aspecto, mais diretamente ligado as questões da saúde, diz respeito ao acompanhamento do quadro médico do Presidente, em particular os tratamentos realizados para minimizar os efeitos do atentado sofrido durante a companha eleitoral. De fato, uma das rotinas adotadas pela emissora é utilizar ilustrações/diferentes recursos gráficos e eventuais entrevistas para detalhar procedimentos médicos em personalidades públicas, o que aponta o domínio destes recursos pela emissora, mas na situação do acompanhamento do quadro clínico do então presidente Bolsonaro, essa cobertura envolveu uma postura séria e intencionalmente distanciada. O conjunto deste posturas formaram o cenário técnico ideológico que formatou a cobertura da pandemia.

A PANDEMIA DO CORONA VÍRUS: ASPECTOS DA COBERTURA

A pandemia do Corana-Vírus não começou no Brasil. A progressão da crise e consequente constatação da letalidade da doença se espalhou por diferentes países, e foi objeto de matérias jornaliíticas diversas, com conteúdos que alertavam para uma provável propagação da crise e uma inevitável chegada ao território nacional.

Essa cobertura obedeceu a aspectos previsíveis, com o impacto da crise se sobrepondo as críticas ao Presidente, e até um ensaios de apoio as ações do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. O ponto de ruptura foi justamente a substituição deste ministro, que afirmou ter sido publicamente confrontado pelo presidente Jair Bolsonaro durante o enfrentamento inicial da pandemia de Corona vírus (Agência Senado, 2021).

No entanto, mesmo nesta primeira fase, a proposta de esclarecimentos sobre a doença adotada pela Rede Globo de Televisão é dúbia, oscilando entre críticas veladas à China, ao seu modelo desenvolvimentista e principalmente aos seus hábitos culturais, com insinuações que a doença teria surgido em função do uso de animais exóticos para alimentação.

Aliás, neste primeiro momento, prevalece no material telejornalístico um conceito subjacente de que foi uma falha humana (senão individual, pelo menos de um grupo específico) que abriu espaço para a crise. A divulgação científica (ou o mais aproximado que se chega desta proposta) se dá principalmente pelas ilustrações – que destacam o formato específico do Corona vírus e seu parentesco com outros vírus – e entrevistas pontuais sobre os riscos da doença. Soma-se a isso a divulgação – e consequente popularização – de alguns temos específicos e a maior visibilidade de alguns personagens, cuja visibilidade está mais consolidada no segundo ano.

Na medida em que a gravidade da doença vai se evidenciando, a cobertura do Jornal Nacional começa a se balancear pelos aspectos que permeiam a responsabilidade social do telejornalismo. A emissora assume uma proposta de elucidar os aspectos importantes sobre o contágio e os comportamentos para evitar a ampliação da pandemia. Evidentemente o telejornal assume esse comportamento a partir dos elementos que determinam sua linguagem específica, usando recursos que seduzem e fascinam os receptores, com amplo uso de recursos gráficos e ilustrações digitais, mas também com a espetacularização dos dados e o uso de imagens impactantes. Aspectos mais aprofundados do conhecimento científico, e mesmo a veiculação de um conceito de ciência, são evitados – infere-se que em função de uma percepção dos produtores de conteúdo sobre as expectativas e os limites (de percepção/compreensão) sobre esse conteúdo.

Ainda especificamente sobre o Jornal Nacional, entre os diferentes personagens que estão presentes nas matérias telejornalísticas sobre a crise sanitária – alguns bastantes previsíveis, porque ocupam cargos públicos ou estão *na linha de frente* no enfrentamento da pandemia – merece destaque para a finalidade proposta neste trabalho, a figura do *pesquisador*. O termo é em si mesmo abrangente, mas em geral é aplicado a professores universitários. De forma geral, as entrevistas com os *pesquisadores* – em geral inseridas em reportagens mais amplas representam a melhor tentativa de divulgação dos conceitos de ciência, com exposições que buscam ser didáticas. No entanto, a própria dinâmica da matéria telejornalística deixa pouco espaço para esses personagens.[26] No Jornal Nacional essas falas tendem a ser espetacularizadas e, em vários casos, explicadas com recursos de ilustração, mas apenas inserem de forma superficial os aspectos mais aprofundados do conhecimento científico. De forma geral o conhecimento é apresentado como uma posse do *pesquisador* – ou de um grupo de pesquisadores - e eventualmente confundida com uma espécie de iluminação, e raramente por um processo racional de busca pelo conhecimento que, inclusive, é também limitado pelo tempo e acesso à recursos.

De fato, a questão dos recursos – ou do investimento do Governo Federal em pesquisa ou nas Universidades Públicas – é eventualmente citado, mas sempre de forma rápida e como elemento complementar. Assim o pesquisador é afastado da situação de indivíduo comum, e com isso o próprio acesso ao conhecimento torna-se algo incerto ou difícil para os indivíduos medianos da população. O vínculo do pesquisador com

26 Médicos e pesquisadores serão presenças mais constantes, e com maior espaço, principalmente na emissora codificada que integra a Rede Globo, a Globo News, que efetivamente irá explorar entrevistas com esses personagens. Destaca-se também que eventualmente esse material será editado e reaproveitado no telejornalismo de sinal aberto da Rede Globo.

o processo de formação fica limitado a citação de seus títulos, em geral exposto nos créditos (médico, professor, doutor), sem nenhuma referência à duração destes processos ou as suas especificidades, ou mesmo sobre o percurso racional e progressivo que caracteriza a obtenção do conhecimento científico.

No Jornal da Record a situação é ainda mais rasa, uma vez que são poucas as entrevistas e predomina a percepção de que a tragédia existe por si mesma, e não poderia ser evitada.

UMA ANÁLISE COMPARATIVA E CRÍTICA DOS RESULTADOS

A percepção crítica dos aspectos citados implica em questionarmos sobre a opção de trabalhar a pandemia adotada pela Rede Globo, com questionamentos se ela decorre de uma percepção de que seu receptor tem ou da dificuldade da emissora em lidar com esses conceitos. Em princípio, fica claro o reconhecimento da falta de uma formação da equipe jornalística para a ciência ou para a valorização da ciência, mas igualmente a percepção do telejornalismo que o seu receptor já traz consigo uma baixa escolaridade ou mesmo de uma abordagem deficiente sobre a ciência na formação escolar.

Esses elementos são ainda mais tênues no Jornal da Record, cuja características são matérias mais curtas e mais centradas nos dramas individuais, o que resulta em abordagens mais emocionais. Fica clara a dubiedade da emissora ao abordar o tema: ainda que não prevaleçam críticas ao conhecimento científico, as recomendações dos especialistas e a vacina/vacinação, há pouca ou nenhuma ênfase sobre esses aspectos. O drama é colocado de forma pessoal, pontual, e fatídico, algo para se lamentar, mas inevitável naquele momento e, portanto, não imputável a indivíduos ou governos.

Em termos telejornalísticos, o Jornal da Record é mais factual, mais apegado ao conceito clássico de notícia (fato novo/desconhecido, de interesse público e de interesse do público) enquanto no Jornal Nacional há um deslocamento do fato para as possibilidades ou consequências (da vacina, do desenvolvimento do fato, de como ela afeta os diferentes aspectos da vida). Mais do que uma narrativa verbal ou imagética, destaca-se a ênfase – o tom de alerta ou a ênfase forçada – adotado principalmente pelos noticiaristas, em denúncias e apelos por ações governamentais.

Analisando linearmente tanto o Jornal Nacional quanto o Jornal da Record têm pouco material para análise em 2020, período no qual o Corona vírus era tratado com curiosidade, um perigo eventual ainda não totalmente dimensionado. Em 2021 o enfoque principal envolve uma postura de apontar soluções: afastamento social, mas principalmente a possibilidade da vacinação.

Ainda que não totalmente ausente, uma vez que já se notava o contágio e os efeito negativos de variantes da cepa inicial do vírus, já neste ponto percebe-se uma espécie de fadiga da informação negativa, e a aproximação com a tentativa de valorizar os aspectos positivos. Não se trata de um afastamento do factual, mas uma espécie de um alongamento do fato, com eventuais aproximações com elementos opinativos e um rascunho do jornalismo de solução.[27] Em 2022 a ênfase está principalmente centrada nos efeitos benéficos do tratamento, ainda com a valorização do número de pessoas vacinadas ou que superaram a doença. Já no último ano analisado, 2023, há notável diminuição de matérias sobre a pandemia, aí incluído o anunciado último boletim que, com os dados sobre mortos, doentes e vacinados, trabalha a ideia de superação da crise.

27 Prática jornalística que *surgiu* nos Estados Unidos, a partir do princípio de que as respostas para os problemas também têm valor-notícia, e cuja proposta é que o fio condutor da reportagem seja uma solução.

Esse percurso, que é facilmente identificado no Jornal Nacional, é mais difuso no Jornal da Record, embora ambos tenham um maior número de matérias jornalísticas sobre a pandemia/saúde/Corona vírus nos anos de 2021 e 2022. Como o Jornal da Record não assume uma postura mais crítica as ações do Governo, mesmo a superação da crise é apontada com menos ênfase, em uma espécie de minimização da sua importância ou efeitos. Da mesma forma, uma vez que parte significativa do conteúdo do Jornal da Record envolve uma abordagem mais direcionada aos dramas individuais, o conjunto do material jornalístico sobre a pandemia/Corona vírus é percebido como uma variação pouco notável que o telejornal dá aos dramas do cotidiano.

Na análise comparativa merece destaque o uso diferenciado dos gêneros, e particularmente como o Jornal da Record usa de forma diferenciada alguns formatos específicos, como a aproximação do *stand-up* com a passagem do repórter, ou em termos mais direto, com reportagens que começam com uma postura similar ao *stand-up* e depois são ampliadas para reportagens. O Jornal da Record também dá mais ênfase aos profissionais que ocupam cargos públicos, principalmente com acompanhamentos imagéticos dos deslocamentos destes indivíduos, ainda que seja igualmente pobre em entrevistas e declarações oficiais.

Sobre o ponto principal desta análise, chama atenção uma percepção difusa sobre ciência/conhecimento científico. Mais do que conceitos vagos ou equivocados, prevalece a ausência de conceitos. Termos como saúde e responsabilidade são citados, e até mesmo explicados quando cruzados com as ações (ou falta de ações) dos órgãos públicos, mas igualmente prevalece uma visão difusa, sem um apoio conceitual, uma espécie de bordão esvaziado de algo que – como reforçam as próprias

matérias jornalísticas – é muito sério. Transparece, portanto, a noção de ciência como algo mágico, iluminação ou conquista de algumas mentes privilegiadas, uma reserva de *inteligência* que pode ser acionada em situações específicas. A noção de pesquisa científica na área da saúde como algo que requer trabalho e investimento está presente em poucos momentos, e restrita ao conteúdo do Jornal Nacional.

É relevante também como a maior parte das matérias, principalmente aquelas que o enquadramento é informativo, tem poucos dados para tomada de decisões. As orientações e são dadas de forma afirmativa, e não por meio de análises ou processos que fomentem a racionalização/análise dos dados. O afastamento social, e depois a vacinação, elementos apontados como solução para a crise sobretudo no Jornal Nacional, se fortalecem pela repetição, e as poucas explicações giram em torno do formato do vírus, sua capacidade de se espalhar, contaminar e matar se destacam pelas belas ilustrações e pouco conteúdo.

O Jornal Nacional é também mais eficiente em fornecer um contexto da crise e na cobertura internacional da dinâmica da pandemia. No entanto, esse contexto é claramente contaminado pela postura política de crítica ao Governo de Jair Bolsonaro. Ainda que se destaque que a postura adotada pelo Governo Federal ofereceu amplo material para essas críticas, a apresentação do contexto a partir de relações de determinantes políticas perceptíveis – mas não formalmente assumidas – fragilizam a própria crítica e afetam a credibilidade do telejornal.

Ainda que não seja predominante, mesmo a pouca abordagem sobre a pesquisa em ciência, assim como a exposição de pesquisadores e suas ações em defesa da ciência, foram aspectos positivos da cobertura do Jornal Nacional. Neste ponto destacam-se algumas tentativas exporádicas de justificar a importância da pesquisa, do caráter cumulativo do conhecimento científico – fator que antes parecia restrito aos aspectos

técnico/tecnológico – mas sempre fortalecendo seu vínculo com o utilitarismo. Igualmente positivo foi a valorização dos profissionais de saúde, em particular aqueles vinculados ao atendimento público, a exposição de um trabalho realizado a partir de inúmeras dificuldades inclusive estruturais.

No que diz respeito ao uso dos gêneros e formatos jornalísticos, a grande presença da reportagem mostra a importância do formato, mas também destaca os investimentos feitos na cobertura do tema. Os demais formatos tem contribuições importantes, em particular com o acrescimo de conteúdos participativos e colaborativos, elementos que se consolidam durante a pandemia e apontam significativas mudanças nos conteúdos telejornalísticos, mas também nas rotinas de produção telejornalísticas. Destaca-se também, particularmente nos conteúdos participativos, a *inclusão* (ainda que de forma canestra) da presença das Redes Sociais nos telejornais. Outro elemento de destaque é o uso dos boletins, que mesmo aparentemente pouco presente em termos de tempo, tem uma importância fundamental, e mesmo se torna ponto de destaque – elemento central – dos telejornais no período pandêmico, em uma soma didatismo a dramaticidade. Particularmente no Jornal Nacional, sua presença torna-se a síntese do uso de elementos visuais – recursos digitais e de animação diversos – para prender a atenção do receptor. De fato, os boletins deslumbram como uma obra de arte trágica, por meio da qual a estética ao mesmo tempo que seduz afeta o receptor, quase que obrigando a registrar a realidade trágica.

Como objeto de reflexão, acrescenta-se ainda a questão da quase total ausência dos conteúdos opinativos, que parecem ter sido segregados para os canais codificados e/ou pagos, em um processo que indica um aprofundamento das diferenças entre os receptores. Em ambos os conteúdos os interesses políticos e econômicos estão presentes, mas se apresenta de

forma diferenciada: aqueles que tem maior poder aquisitivo, e portanto acesso aos canais pagos, recebem análise e reflexões. Os que permanecem nas empresas de sinal abertos, ficam com as informações mais factuais.

No conjunto, as coberturas dois dois telejornais analisados apresentam fragilidades. Comparativamente, oposicionamento da Rede Globo de Televisão é, em termos jornalístico, mais elaborado e mais responsável do Jornal da Record. De fato, o Jornal Nacional assume um posicionamento de prestador de um serviço público – divulgação da informação jornalística (em uma crítica nem sempre velada aos conteúdos das redes sociais); mas também como uma função crítica ao Governo – uma vez que denuncia o descumprimento desse Governo na manutenção das funções básicas do Estado.[28] Da mesma forma merece destaque a qualidade das produções telejornalística, e em particular a valorização e o esforço de reportagem durante o período pandêmico, em um claro esforço de valorização das medidas profilaxas, e de trazer maiores informações sobre seu alcance e impacto.

O aspecto negativo é que junto com esses elementos não há uma postura efetiva de desenvolvimento de uma consciência crítica, de agregar conhecimento ou mesmo de aprofundar exclarecimentos que possibilitem aos seus receptores a tomada de decisões.

Outro aspecto que merece reflexão na cobertura do Jornal Nacional é a ausência do contraditório. Por mais estaparfudia que sejam as opções de negação da vacina e questionamentos ao conhecimento científico de uma forma geral, uma das re-

28 Governo e Estado não são a mesma coisa. Governo é a instância máxima de administração executiva, reconhecida a partir do grupo ou partido político que administra um Estado. Nas democracias, o governo, pode mudar em função de cada nova eleição, mas o Estado permanece uma vez que se constitui a partir de um conjunto de entidades administrativas e burocráticas, que atuam a partir de elementos determinantes (a Constituição e as leis do país).

gras basilares do jornalismo é dar voz aos dois lados da questão – e preferencialmente ir além desses lados. No entanto, a opção adotada foi de não ouvir esses setores, que foram sempre descredibilizados e sem espaço para se manifestar. Esse aspecto evidencia uma das muitas armadilhas que cercam o jornalismo, uma vez que qualquer escolha abre espaço para críticas e perdas: dar voz a esses setores seria uma promoção ou quase legitimação de idéias retrógradas e com fundamentos científicos questionáveis (para não dizer equivocados); mas sua ausência aponta a parcialidade da cobertura e fragiliza o capital simbólico do jornalismo, ou em outros termos, sua credibilidade. Em tempos de crise/polarização, a Rede Globo escolheu uma opção, e seguiu durante todo o período da pandemia na defesa coerente do conhecimento científico, ainda que nem sempre dando as informações completas (e complexas) que envolvem essa abordagem.

A posicionamento da Rede Record é mais trivial, e em muitos aspectos, superficial. Embora em termos númericos o Jornal da Record se aproxime do Jornal Nacional, sua cobertura difere na abordagem/enquadramento da crise, uma vez que mostra a pandemia como (mais um) drama contidiano, parcela de sofrimento que atinge de forma indiscriminada os setores mais carentes, pouco se debruçando sobre a responsabilidade do Estado/Governo com essa crise em particular. Mesmo valorizando a reportagem, formato mais rico em possibilidades informativas, a emissora também faz uma opção, no caso a escolha do não conflito ou não contestação/esclarecimento de parcelas significativas da sua audiência.

Em termos estratégico tanto o Jornal Nacional quanto o Jornal da Record optaram por posicionamentos estratégicos que consolidassem sua identidade e atedesse, dentro de limites éticos nem sempre rígicos, as expectativas dos seus receptores. A curto prazo, a cobertura do Jornal Nacional trou-

xe possibilidades de ganhos e inclusão de novas pautas, mas o acompanhamento dessa cobertura – sobretudo os dados apresentados sobre o tema no ano de 2023 - mostra que eles foram rapidamente esquecidos. O Jornal da Record nem mesmo demonstrou essa pretenção.

Analisados a partir destes dados evidencia-se que, ainda que os dois telejornais valorizasse a informação e investissem na divulgação dos números e outros aspectos factuais, a cobertura da pandemia foi sobretudo um prologamento de práticas de produção de conteúdos já convencionadas pelas empresas.

UMA BREVE CONCLUSÃO

Analisado os dados, verificou-se que no período da pandemia o telejornalismo fez um esforço para exibir conteúdos que reforçassem sua Responsabilidade Social e os aspectos éticos que caracterizam o próprio jornalismo. Nesse sentido, houve uma aproximação ou uma valorização do vinculo da comunicação com a ciência, e da divulgação científica, embora não tenha ficado explícito em boa parte do material os eixos da comunicação pública como transparência, acesso, interação, adequação da interação e mecanismos de recepção da opinião pública. De fato, em muitos aspectos, o telejornalismo atuou como mediador na divulgação dos fatos e ações para o combate e controle da pandemia de Covid-19, causada pelo Corona vírus. No entanto, fez isso a partir dos limites de sua própria linguagem, e principalmente a partir dos vínculos e interesses políticos e econômicos que permeiam as empresas que alocam e financiam esse telejornalismo.

Nesse sentido, a divulgação de informações pertinentes a essa pandemia foi um elemento facilitador para a popularização do conhecimento científico e para sua valorização enquanto

atividade essencial para o desenvolvimento, mas também deve ser vista como elemento de uma aprofundamento da polarização e até mesmo das diferenças sociais e culturais que permeiam a sociedade brasileira.

A pesquisa aponta também que a chegada da pandemia de Covid-19 abriu espaço para a maior presença de pesquisadores e outros atores sociais com formação científica no telejornalismo, levando ao público uma maior diversidade de falas e uma maior compreensão da infraestrutura de pesquisa científica, produção de vacinas e de saúde (inclusive do SUS) no Brasil, eventualmente contrapondo e valorizando a exposição dos pesquisadores brasileiros a pesquisadores e outras fontes do conhecimento científico vinculados aos países do hemisfério norte.

As estratégias adotadas para essa divulgação se amparou no amplo uso dosconteúdos colaborativos e participativos, dos recursos técnicos tecnologicos e da estrutura técnica das emissoras. Dessa forma, o científico produzido no Brasil é exposto como uma conquista, mas sua narrativa baseada em efeitos digitáis e técnicos altamente cenicos não permitem uma compreensão aprofundada.

A Análise de Conteúdo, a Análise Audiovisual e a Leitura Crítica da mídia do conteúdo do Jornal Nacional e do Jornal da Record, e sua confrontação com os conceitos de ciência/cultura científica e comunicação pública, conforme desenvolvidas Santos (2019) verificou que a divulgação científica no telejornalismo ainda se baseia em abordagens sensacionalistas, embora eventualmente tenham sido adotadas posturas educativas; mas trouxe como ponto positivo a valorização de pesquisadores e profissionais de saúde e das fontes de informação nacionais.

REFERÊNCIAS

Agência Senado/Senado Notícias.Bolsonaro deu 'informação dúbia' sobre pandemia, diz Mandetta. Edição de 04/05/2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/04/bolsonaro-deu-informacao-dubia-sobre-pandemia-diz-mandetta. Acesso em 26 set. 2023.

AMORIM, L. R. de. (Tele) jornalismo participativo: novos olhares sobre as notícias de TV. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXII, 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 4 a 7 set. 2009. p.1-16.

AMORIM, M. S. S. de; REOLON, R. Gestão governamental e políticas públicas locais. *Revista Debates*, *[S. l.]*, v. 3, n. 1, p.126–140, 2009. DOI: 10.22456/1982-5269.7019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/7019. Acesso em: 10 ago. 2023.

ARAÚJO, I. S. de; CARDOSO, Janine Miranda. *Comunicação e Saúde***.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BECKER, B. Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo. In: VIZEU, A; PORCELLO, F; COUTINHO, I (org.). *40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 81-104.

BECKER, B. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes, Revista do PPG em Ciências da Comunicação da USP*, São Paulo, v. 5, n. 2, p.231-250, 2012.

BECKER, B.; MATEUS, L. O melhor telejornal do mundo: um exercício televisual. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO (orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

BELTRÃO, L. Jornalismo pela televisão e pelo rádio - perspectivas. *Revista da Escola de Comunicação*, vol.1. São Paulo: USP, 1967.

BOURDIEU, P.*Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, P.*O Poder Simbólico***.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação *Verso e Reverso*, XXV(58):62-77, janeiro-abril 2011 © 2011 by Unisinos - doi: 10.4013/ver.2011.25.58.07 ISSN 1806-6925. Disponivel em: file:///C:/Users/anaca/Downloads/editor,+62a77_ART07_Braga.p.Acesso em 26 de set. 2023.

BRANDÃO, E. P.Conceito de Comunicação Pública. In: DUARTE, Jorge (org.). *Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CANNITO, N. *A televisão digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócios*. São Paulo: Summus, 2010.

CANNITO, N. *A Televisão na Era Digital*. 1ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2010. v. 01. 269p

CARVALHO, C. A, de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. *Revista Contemporanea*, vol. 7, nº 2. Dez. 2009. Disponível em file:///C:/Users/anaca/Downloads/3701-Texto%20do%20Artigo-9502-1-10-20100327%20(3).pdf . Acesso em 10 set/2023.

CARVALHO, J. M. de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHAPARRO, M. C. *Sotaques d'aquém e d'além mar*: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém, Jortejo, 1998.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 22, p.89-100, 2003.

DUARTE, J. Instrumentos de comunicação pública. In: DUARTE, J. (org.) *Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, 2009.

DUARTE, J. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. In: KUNSCH, M. (org.) *Comunicação Pública, sociedade e cidadania*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2011, p.121 – 134.

FISKE, J. B. *Cultural Studies and Television*. In: ALLEN, R. Channels of Discourse. Chapel Hil: University of North Carolina Press, 1987

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2º ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

FRANCISCATO, C. E.; GÓES, J. C. Contribuições para a Teoria do Enquadramento para Compreender o Sensacionalismo no Jornalismo. *Animus — Revista Interamenricana de Comunicação Midiática*, v. 11, n. 22, 2012.

FREIRE, P.*Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P.*Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São. Paulo: Editora UNESP, 1991.

GROTH, O. *O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais*. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Clássicos da Comunicação Social).

JODELET, D. Les représentation sociales: un domaine en expansion. In JODELET, D. *Les représentations sociales: un domaine en expansion*. Paris: Presses Universitaire de France, 1989.

KOÇOUSKI, M. Comunicação pública: construindo um conceito. In:

MATOS, H. (org). *Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas*. São Paulo: ECA/USO, 2013, p.41 – 58.

LANGBECKER, A; CASTELLANOS, M. E. P. ; NEVES, R. F.; CATALAN-MATAMOROS, D. A cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira: uma revisão de literatura. Interface – *Comunicação, Saúde, Educação*. V. 23. Abril, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/jJ5qXgZZcpLdcpXF5HP84qy/?lang=pt, Acesso em 26 set. 2023.

LÉVY, P.*Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

MANSO, B. L. C. A comunicação pública da ciência à luz da ciência aberta: repensando o cidadão como sujeito informacional. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. XVI ENANCIB. 26 a 30 de outubro de 2015b, João Pessoa, PB. Anais... Disponível em < http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3088/1121> Acesso em 21 fev. 2017.

MANSO, B. L. C. Processos de construção da cultura científica: a comunicação pública da ciência e os aspectos jurídicos-legislativos. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. XVI ENANCIB. 26 a 30 de outubro de 2015a, João Pessoa, PB. Anais... Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3088/1121. Acesso em 21 fev. 2017.

MARCONDES FILHO, C. *O Capital da Notícia*. Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza. São Paulo, Ática, 1986.

MARCONDES FILHO, C. *A saga dos cães perdidos*. 2ª edição – São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARQUES DE MELO, J. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro.* Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, J. *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

MARQUES DE MELO. J.; ASSIS, F. de (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEDEIROS, A.;CHIRNEV, L.*Guia de comunicação pública*. Brasília: Associação Brasileira de Comunicação Pública, 2021. Disponível em , https://abcpublica.org.br/wp-content/uploads/2023/03/GUIA-DE-COMUNICACAO-PUBLICA.pdf.

MEDITSCH, E. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

MONTEIRO, G. F. A singularidade da comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). *Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEVES, L. Pesquisa aponta aumento do consumo de jornalismo e de mídias durante a quarentena. Portal da UFES. 8 de Junho de 2020 Disponível em https://www.ufes.br/conteudo/pesquisa-aponta-aumento-do-consumo-de-jornalismo-e-de-midias-durante-quarentena. Acesso em 10 set. 2023

OLIVEIRA, F. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2002.

OMS, Organização Mundial da Saúde. *Definição de Bem-estar*. 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp. br/index.php/OMSOrganiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da organizacao-mundial-da-saude omswho.html>. Acesso em: 10 fev. 2016. Acesso em: 27 jan. 2016.

PARK, R. "A notícia como forma de conhecimento". In: STEINBERG. L. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo, Cultrix, 1976.

PONTE, C. *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso* Florianópolis: Insular, 2005.

PORCELLO, F.; GADRES, D, L. A TV no Brasil: influência política e o discurso de poder. In: VIZEU, A,; PORCELLO, F.; COUTINHO (orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação.* Lisboa, 2005, n. 6, p.59-75

REZENDE, G. J. *60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas*. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F. e COUTINHO, I. (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2010.

REZENDE, G. J. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, A. C. O. Estudos sobre a cultura científica no Brasil e no Canadá: ações de comunicação pública da ciência na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade de Ottawa (UOttawa). *Comunicação pública*. Vol. 14, no. 27, 2019. Disponível https://journals.openedition.org/cp/5396>. Acesso em 10. Mar, 2020.

SANTOS, A. C. O. *et al*., Ciência, dados e engajamento na comunicação organizacional: estudo comparado sobre a comunicação pública da ciência nas instituições de pesquisa em países europeus e americanos. Trabalho apresentado no XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação – IBERCOM 2022, realizado de 26 a 29 de Outubro de 2022, promovido pela Assibercom e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SEIXAS, L. *Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital*. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/liaseixas.doc. Acesso em 20/06/2012.

SEMIR, V.Spanish PCST and the European Science in Society Strategy.

In SCHIELE, B.; Claessens, M.; SHUNKE, S.*Science communication in the world:* practices, theories, and trends. Springer, 2012, p.193 – 209.

SILVEIRINHA, M. J. O lançamento da moeda europeia e seus enquadramentos na imprensa. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em setembro de 2005. Anais... Disponível em: http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18029/1/R019 9-1.pdf. Acesso em 25 jan, 2023.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2015.

SODRÉ, M. *O Monopólio da Fala: Função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento.* Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, J. P.*Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2. ed. rev. e amp.Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

STEPHENS, M. *História das comunicações - do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TEMER, A. C. R. P.; SOUZA, M. L. R. C. A. E. . A entrevista coletiva na perspectiva do telejornalismo: entre o acesso e o questionamento da informação. In: PEREIRA, A.; MELLO, E.; EMERIM, C. e FINGER, C.. (org.). *Qualificação da informação telejornalística: propostas teórico-metodológicas de combate à desinformação*. 1ed.Florianópolis: Insular, 2022, v. 14, p.57-82.

TEMER, A. C. R. P.*Flertando com o caos: comunicação, jornalismo e televisão*. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

TEMER, A. C. R. P.*Notícias & serviços nos telejornais da Rede Globo*. Teses (Doutorado em Comunicação). UMESP-Universidade Metodista de São Paulo. 2002.

TEMER, A. C. R. P.Revendo elementos clássicos da pesquisa empírica: Gênero e Análise de Conteúdo como bases de pesquisas empíricas em comunicação. In: BARBOSA, M.; MORAES, O. *Quem tem medo da pesquisa empírica?* São Paulo: Intercom, 2011. p.411-432.

TEMER, A. C. R. P.A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO (orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo*: porque as notícias são como são. Florianopolis: Insular, 2005

TUCHMAN, G. *Making News: a study in the construction of reality***.** New York: The Free Press, 1978.

TUZZO, S. A.; TEMER, A. C. R. P.As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. *Lumina* (Juiz de Fora) , v. 15, p.58-74, 2021.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 2008.

ZEMOR, P.*La Comunication Publique. Que sais-je?* Paris: PUF, 1995.

SOBRE AS AUTORAS

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Pós doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em Jornalismo e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) – Linha Mídia e Cidadania – da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora visitante no de Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência com Teoria da Comunicação, Jornalismo e Telejornalismo.

Adriana Omena dos Santos

Publicitária pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Possui pós-doutorado em Comunicação Pública da Ciência junto ao Institute for Science, Society and Policy na University of Ottawa, Canadá (2018-2019). Bolsista produtividade do CNPq, docente no curso de Jornalismo, do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação - PPGCE (mestrado profissional) e do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED (mestrado e doutorado) na Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Conselho Fiscal (2023- 2026) da Intercom. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Pública.

SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Alegreya Sans, Alegreya Sans SC, Caviar Dreams

Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
https://cegraf.ufg.br